
ÍNDICE**Prefácio****Introdução Geral****Introdução às Cartas Paulinas****Introdução às Cartas aos Coríntios**

Capítulo 1	Capítulo 5	Capítulo 9	Capítulo 13
Capítulo 2	Capítulo 6	Capítulo 10	Capítulo 14
Capítulo 3	Capítulo 7	Capítulo 11	Capítulo 15
Capítulo 4	Capítulo 8	Capítulo 12	Capítulo 16

PREFÁCIO

Lanço este volume da coleção *The Daily Study Bible* com uma pergunta em minha mente a respeito de como será recebido.

Nos dois volumes que escrevi anteriormente, o de Atos e o de Lucas, o material bíblico oferecia uma história grandiosa e emocionante para entusiasmar o leitor. Nem o comentarista mais incompetente poderia arruinar os livros escritos por Lucas. Mas com Paulo o assunto muda. Faz muito tempo, o autor da Segunda Epístola de Pedro disse que nas epístolas de Paulo havia algumas coisas difíceis de entender (2 Pedro 3:16). Sem dúvida alguma, as cartas de Paulo são difíceis. Ninguém pode lê-las com a mesma facilidade com que se lê o evangelho de Lucas ou os Atos dos Apóstolos. Pela mesma razão é muito necessário estudá-las com cuidado e sistematicamente.

No mundo antigo, os partos tinham um costume – não davam de comer a seus jovens até que não transpiravam. Com respeito às cartas de Paulo, podemos dizer com certeza que não alimentarão o homem que as estuda, a não ser que esteja preparado para transpirar mentalmente. Se estivermos dispostos a nos esforçar e estudar, as cartas de Paulo não serão uma simples comida, mas um banquete, De modo que ao pretender publicar este livro, pergunto-me quanta gente, em nossas igrejas ou fora

delas está preparada para fazer o esforço de estudar a Paulo. Posso dar testemunho da gloriosa experiência que tive ao viver com Paulo durante os meses em que escrevi estes estudos.

Ao escrever sobre as Cartas aos Coríntios, devo agradecer ao "Comentário sobre Primeira Coríntios" de T. C. Edwards, aos de Robertson e Plummer no *International Critical Commentary*, e ao valiosíssimo trabalho de A. Menzies sobre Segunda Coríntios. Não que respeita a versões da Bíblia, acompanharam-me sempre a *American Revised Standard Version* e "Letters to Young Churches" de J. B. Phillips.

William Barclay

INTRODUÇÃO GERAL

Pode dizer-se sem faltar à verdade literal, que esta série de Comentários bíblicos começou quase acidentalmente. Uma série de estudos bíblicos que estava usando a Igreja de Escócia (Presbiteriana) esgotou-se, e se necessitava outra para substituí-la, de maneira imediata. Fui solicitado a escrever um volume sobre Atos e, naquele momento, minha intenção não era comentar o resto do Novo Testamento. Mas os volumes foram surgindo, até que o encargo original se converteu na idéia de completar o Comentário de todo o Novo Testamento.

Resulta-me impossível deixar passar outra edição destes livros sem expressar minha mais profunda e sincera gratidão à Comissão de Publicações da Igreja de Escócia por me haver outorgado o privilégio de começar esta série e depois continuar até completá-la. E em particular desejo expressar minha enorme dívida de gratidão ao presidente da comissão, o Rev. R. G. Macdonald, O.B.E., M.A., D.D., e ao secretário e administrador desse organismo editar, o Rev. Andrew McCosh, M.A., S.T.M., por seu constante estímulo e sua sempre presente simpatia e ajuda.

Quando já se publicaram vários destes volumes, nos ocorreu a idéia de completar a série. O propósito é fazer que os resultados do estudo erudito das Escrituras possam estar ao alcance do leitor não especializado, em uma forma tal que não se requeiram estudos teológicos para compreendê-los; e também se deseja fazer que os ensinamentos dos livros do Novo Testamento sejam pertinentes à vida e ao trabalho do homem contemporâneo. O propósito de toda esta série poderia resumir-se nas palavras da famosa oração de Richard Chichester: procuram fazer que Jesus Cristo seja conhecido de maneira mais clara por todos os homens e mulheres, que Ele seja amado mais entranhadamente e que seja seguido mais de perto. Minha própria oração é que de alguma maneira meu trabalho possa contribuir para que tudo isto seja possível.

INTRODUÇÃO GERAL ÀS CARTAS DE PAULO

As cartas de Paulo

No Novo Testamento não há outra série de documentos mais interessante que as cartas de Paulo. Isto se deve a que de todas as formas literárias, a carta é a mais pessoal. Demétrio, um dos críticos literários gregos mais antigos, escreveu uma vez: "Todos revelamos nossa alma nas cartas. É possível discernir o caráter do escritor em qualquer outro tipo de escrito, mas em nenhum tão claramente como nas epístolas" (Demétrio, *On Style*, 227).

Justamente pelo fato de Paulo nos deixar tantas cartas, sentimos que o conhecemos tão bem. Nelas abriu sua mente e seu coração àqueles que tanto amava; e nelas, até o dia de hoje, podemos ver essa grande inteligência abordando os problemas da Igreja primitiva, e podemos sentir esse grande coração pulsando com o amor pelos homens, mesmo que estivessem desorientados e equivocados.

A dificuldade das cartas

E entretanto, é certo que não há nada tão difícil como compreender uma carta. Demétrio (em *On Style*, 223) cita um dito do Artimón, que compilou as cartas do Aristóteles. Dizia Artimón que uma carta deveria ser escrita na mesma forma que um diálogo, devido a que considerava que uma carta era um dos lados de um diálogo. Dizendo o de maneira mais moderna, ler uma carta é como escutar a uma só das pessoas que tomam parte em uma conversação telefônica. De modo que quando lemos as cartas de Paulo frequentemente nos encontramos com uma dificuldade: não possuímos a carta que ele estava respondendo; não conhecemos totalmente as circunstâncias que estava enfrentando; só da carta podemos deduzir a situação que lhe deu origem. Sempre, ao ler estas cartas, nos apresenta um problema dobro: devemos compreender a carta, e está o problema anterior de que não a entenderemos se não captarmos a situação que a motivou. Devemos tratar continuamente de reconstruir a situação que nos esclareça carta.

As cartas antigas

É uma grande lástima que se chamasse *epístolas* às cartas de Paulo. São *cartas* no sentido mais literal da palavra. Uma das maiores chaves na interpretação do Novo Testamento foi o descobrimento e a publicação dos *papiros*. No mundo antigo o *papiro* era utilizado para escrever a maioria dos documentos. Estava composto de tiras da medula de um junco que crescia nas ribeiras do Nilo. Estas tiras ficavam uma sobre a outra para formar uma substância muito parecida com nosso papel de envolver. As areias do deserto do Egito eram ideais para a preservação do papiro, porque apesar de ser muito frágil, podia durar eternamente se não fosse atingido pela umidade. De modo que das montanhas de escombros egípcios os arqueólogos resgataram literalmente centenas de documentos, contratos de casamento, acordos legais, inquéritos

governamentais, e, o que é mais interessante, centenas de cartas particulares. Quando as lemos vemos que todas elas respondiam a um modelo determinado; e vemos que as cartas de Paulo reproduzem exata e precisamente tal modelo. Aqui apresentamos uma dessas cartas antigas. Pertence a um soldado, chamado Apion, que a dirige a seu pai Epímaco. Escrevia de Miseno para dizer a seu pai que chegou a salvo depois de uma viagem tormentosa.

"Apion envia suas saudações mais quentes a seu pai e senhor Epímaco. Rogo acima de tudo que esteja bem e são; e que. tudo parta bem para ti, minha irmã e sua filha, e meu irmão. Agradeço a meu Senhor Serapi [seu Deus] que me tenha salvado a vida quando estava em perigo no mar. logo que cheguei ao Miseno obtive meu pagamento pela viagem —três moedas de ouro. Vai muito bem. portanto te rogo, querido pai, que me escreva, em primeiro lugar para me fazer saber que tal está, me dar notícias de meus irmãos e em terceiro lugar, me permita te beijar a mão, porque me criaste muito bem, e porque, espero, se Deus quiser, me promova logo. Envio minhas quentes saudações a Capito, a meus irmãos, a Serenila e a meus amigos. Envio a você um quadro de minha pessoa pintado pelo Euctemo. Meu nome militar é Antônio Máximo. Rogo por sua saúde. Sereno, o filho do Agato Daimón, e Turvo, o filho do Galiano, enviam saudações. (G. Milligan, *Seleções de um papiro grego*, 36).

Apion jamais pensou que estaríamos lendo sua carta a seu pai mil e oitocentos anos depois de havê-la escrito. Ela mostra o pouco que muda a natureza humana. O jovem espera que ser logo ascendido. Certamente Serenila era a noiva que tinha deixado em sua cidade. Envia á sua família o que na antiguidade equivalia a uma fotografia. Esta carta se divide em várias seções.

- (1) Há uma saudação.
- (2) Roga-se pela saúde dos destinatários.
- (3) Agradece-se aos deuses.
- (4) Há o conteúdo especial.
- (5) Finalmente, as saudações especiais e os pessoais.

Virtualmente cada uma das cartas de Paulo se divide exatamente nas mesmas seções. as consideremos com respeito às cartas do apóstolo.

(1) *A saudação*: Romanos 1:1; 1 Coríntios 1:1; 2 Coríntios 1:1; Gálatas 1:1; Efésios 1:1; Filipenses 1:1; Comesse guloseimas 1:1-2; 1 Tessalonicenses 1:1; 2 Tessalonicenses 1:1.

(2) *A oração*: em todos os casos Paulo ora pedindo a graça de Deus para com a gente a que escreve: Romanos 1:7; 1 Coríntios 1:3; 2 Coríntios 1:2; Gálatas 1:3; Efésios 1:2; Filipenses 1:3; Colossenses 1:2; 1 Tessalonicenses 1:3; 2 Tessalonicenses 1:3.

(3) *O agradecimento*: Romanos 1:8; 1 Coríntios 1:4; 2 Coríntios 1:3; Efésios 1:3; Filipenses 1:3; 1 Tessalonicenses 1:3; 2 Tessalonicenses 1:2.

(4) *O conteúdo especial*: o corpo principal da carta constitui o conteúdo especial.

(5) *Saudações especiais e pessoais*: Romanos 16; 1 Coríntios 16:19; 2 Coríntios 13:13; Filipenses 4:21-22; Colossenses 4:12-15; 1 Tessalonicenses 5:26.

É evidente que quando Paulo escrevia suas cartas o fazia segundo a forma em que todos faziam. Deissmann, o grande erudito, disse a respeito destas cartas: "Diferem das mensagens achadas nos papiros do Egito não como cartas, mas somente em que foram escritas por Paulo." Quando as lemos encontramos que não estamos diante de exercícios acadêmicos e tratados teológicos, mas diante de documentos humanos escritos por um amigo a seus amigos.

A situação imediata

Com bem poucas exceções Paulo escreveu suas cartas para enfrentar uma situação imediata. Não são tratados em que Paulo se sentou a escrever na paz e no silêncio de seu estudo. Havia uma situação ameaçadora em Corinto, Galácia, Filipos ou Tessalônica. E escreveu para enfrentá-la. Ao escrever, não pensava em nós absolutamente; só tinha posta sua mente nas pessoas a quem se dirigia. Deissmann escreve:

"Paulo não pensava em acrescentar nada às já extensas epístolas dos judeus; e menos em enriquecer a literatura sagrada de sua nação... Não pressentia o importante lugar que suas palavras ocupariam na história universal; nem sequer que existiriam na geração seguinte, e muito menos que algum dia as pessoas as considerariam como Sagradas Escrituras."

Sempre devemos lembrar que não porque algo se refira a uma situação imediata tem que ser de valor transitivo. Todos os grandes cantos de amor foram escritos para uma só pessoa, mas todo mundo adora. Justamente pelo fato de as cartas de Paulo serem escritas para enfrentar uma situação ameaçadora ou uma necessidade clamorosa ainda têm vida. E porque a necessidade e a situação humanas não mudam, Deus nos fala hoje através delas.

A palavra falada

Devemos notar mais uma coisa nestas cartas. Paulo fez o que a maioria das pessoas faziam em seus dias. Normalmente ele não escrevia suas cartas; ditava-as e logo colocava sua assinatura autenticando-as. Hoje sabemos o nome das pessoas que escreveram as cartas. Em Romanos 16:22, Tércio, o secretário, inclui suas saudações antes de finalizar a carta. Em 1 Coríntios 16:21 Paulo diz: "A saudação, escrevo-a eu, Paulo, de próprio punho." Ou seja: *Esta é minha própria assinatura, meu autógrafo, para que possam estar seguros de que a carta provém de mim.* (Ver Colossenses 4:18; 2 Tessalonicenses 3:17.)

Isto explica muitas coisas. Às vezes é muito difícil entender a Paulo, porque suas orações começam e não terminam nunca; sua gramática falha e suas frases se confundem. Não devemos pensar que Paulo se sentou tranqüilo diante de um escritório, e burilou cada uma das frases que escreveu. Devemos imaginá-lo caminhando de um lado para outro numa pequena habitação, pronunciando uma corrente de palavras, enquanto seu secretário se apressava a escrevê-las. Quando Paulo compunha suas cartas, tinha em mente a imagem das pessoas às quais

escrevia, e entornava seu coração em palavras que fluíam uma após outra em seu desejo de ajudar. As cartas de Paulo não são produtos acadêmicos e cuidadosos, escritos no isolamento do estudo de um erudito; são correntes de palavras vitais, que vivem e fluem diretamente de seu coração ao dos amigos aos quais escrevia.

INTRODUÇÃO ÀS CARTAS AOS CORÍNTIOS

A grandeza de Corinto

Um olhar ao mapa da Grécia nos mostrará que Corinto foi feita para ser grande. O sul da Grécia era virtualmente uma ilha. No Oeste o golfo da Salônica penetra profundamente na terra, e no Este o golfo de Corinto. Tudo o que une às duas partes da Grécia é um pequeno istmo de só seis quilômetros de largura. Nessa estreita bandagem de terra está Corinto. Tal localização fazia inevitável que a cidade fora um dos centros comerciais maior do mundo antigo. Todo o comércio do Norte e do Sul da Grécia devia passar por ela; não havia nenhum outro caminho. Todo o comércio de Atenas e do norte da Grécia a Esparta e o Peloponeso tinha que passar por ali, devido ao fato de Corinto estar no pequeno cabo de terra que unia os dois.

Mas acontecia que não só o comércio do Norte e do Sul da Grécia passava por Corinto, mas sim grande parte do comércio Deste ao Oeste do Mediterrâneo devia passar por ela. O extremo Sul da Grécia se chamava Cabo Malea, ou como se chama agora, Cabo Matapán. Era muito perigoso, e costear-lo nos tempos antigos era mais ou menos o mesmo que bordejar o Cabo de Fornos até há pouco tempo. Os gregos tinham dois provérbios que demonstravam o que pensavam a respeito de uma viagem pelo lugar: "Quem navegar costeando Malea deve esquecer-se de seu lar", e "Quem navegar costeando Malea deve primeiro fazer o testamento." O resultado era que os marinheiros seguiam por um de dois caminhos. Navegavam pelo golfo de Salônica, e,

se seus barcos eram o suficientemente pequenos, tiravam-nos da água, punham-nos sobre paus de macarrão, e os levavam através do istmo, e voltavam a jogá-los do outro lado. O istmo se chamava *Diolkos*, o lugar pelo qual se arrastam as coisas. Se não fosse possível seguir por esse caminho porque o barco era muito grande, desembarcava-se o carregamento, os estivadores o levavam através do istmo, e o reembarcavam em outro barco do outro lado. Esta viagem de seis quilômetros através do istmo, onde agora corre o canal de Corinto, economizava uma viagem de mais de trezentos quilômetros em torno do Cabo Malea, o mais perigoso do Mediterrâneo.

É fácil imaginar o enorme centro comercial que deve ter sido Corinto. Todo o tráfico da Grécia passava por ela; a maior parte do comércio entre o Este e o Oeste do Mediterrâneo escolhia passar por ela. Ao redor de Corinto havia outras três pequenas cidades, Leconio, a oeste do istmo, Cencreia ao este e Escoeno um pouco mais longe.

Farrar escreve: "Os objetos de luxo encontravam logo seu caminho aos mercados que eram visitados por todas as nações do mundo civilizado — Bálsamo árabe, tâmaras da Fenícia, marfim da Líbia, tapetes de Babilônia, cabelo de cabra de Cilícia, lã de Liconio, escravos da Frígia." Corinto, como a chama Farrar, era a Feira de Vaidades do mundo antigo. Os homens a chamavam a Ponte da Grécia; alguém a chamou o Salão da Grécia.

Tem-se dito que se um homem fica por bastante tempo no Piccadilly Circus mais cedo ou mais tarde poderá encontrar-se com todos os habitantes do país. Corinto era o *Piccadilly Circus* do Mediterrâneo. Para aumentar os visitantes de Corinto, esta era a sede dos Jogos ístmicos, que ocupavam no mundo antigo o segundo lugar depois dos Olímpicos. Era uma cidade rica e populosa com um dos centros comerciais maiores do mundo antigo.

A maldade de Corinto

Mas Corinto tinha outra cara. Tinha reputação por sua prosperidade material, mas era também sinônimo de pecado e imoralidade. A mesma palavra *korinthiazesthai*, corintianizar, tinha chegado a ser parte do idioma grego, e significava viver ébrio e na corrupção moral. Alio, um escritor grego, conta-nos que sempre que se imitava um coríntio no cenário era representado como ébrio. A própria palavra Corinto era sinônimo de corrupção. Mas na antiguidade havia uma fonte do mal em Corinto que era conhecida em todo mundo civilizado. Sobre o istmo havia uma colina chamada Acrópolis, e sobre ela estava o grande templo de Afrodite, a deusa do amor. A ele pertenciam mil sacerdotisas que eram prostitutas sagradas, e que ao entardecer desciam do Acrópolis e se ofereciam nas ruas de Corinto, até que surgiu um provérbio grego: "Nem todos os homens podem custear uma viagem a Corinto."

Além destes pecados mais ásperos, floresciam em Corinto vícios muito mais recônditos, que tinham chegado com os comerciantes e os marinheiros de todas partes do mundo, até que Corinto não só foi sinônimo de riqueza e luxo, de alcoolismo e corrupção, mas também de imundície.

A história de Corinto

Divide-se em duas partes. Era uma cidade muito antiga. Tucídides, o historiador grego, sustenta que os primeiros trirremes, os barcos de guerra gregos, construíram-se em Corinto. A lenda diz que em Corinto se construiu o Argo, o barco em que Jasom navegou pelos mares, buscando o velo de ouro. Mas no ano 146 A. C. suportou um grande desastre. Nessa época os romanos estavam decididos a conquistar o mundo. Quando pensaram em reduzir a Grécia, Corinto encabeçou a posição e foi a defensora dos gregos. Mas os gregos não puderam resistir aos disciplinados romanos, e nesse ano Lúcio Múmio, o general romano,

capturou a Corinto e a saqueou e devastou tão completamente que a converteu em um desolado montão de ruínas. Mas nenhum lugar com a localização de Corinto podia permanecer devastado por muito tempo. Quase exatamente cem anos depois, no 46 A. C. Júlio César a reconstruiu, e Corinto surgiu de suas ruínas. Converteu-se em uma colônia romana. O que é mais, chegou a ser capital, a metrópole da província romana de Acaia, que incluía virtualmente toda a Grécia.

Nesses dias, que eram os de Paulo, sua população era muito heterogênea.

(1) Havia os veteranos romanos que César tinha enviado ali. Quando um soldado romano tinha servido por um tempo determinado, era-lhe outorgada a cidadania e era enviado a alguma cidade recém fundada e recebia terra para que ali se tornasse colono. Estas colônias romanas existiam em todo mundo, e sempre a espinha dorsal das mesmas era um contingente de soldados veteranos cujo serviço fiel lhes tinha levado a ganhar a cidadania.

(2) Quando se reconstruiu Corinto, voltaram os mercadores, devido ao fato de que sua localização ainda lhe dava supremacia no comércio.

(3) Havia muitos judeus na população. A nova cidade lhes oferecia oportunidades de comércio que não foram lentos em aproveitar.

(4) Havia um grupo de fenícios e frígios e gente do Oriente, com seus estranhos costumes exóticos e suas modalidades históricas. Farrar fala desta "população de raça indefinida e heterogênea de aventureiros gregos e burgueses romanos, com uma pequena mescla de fenícios; essa massa de judeus, ex-soldados, filósofos, mercadores, marinheiros, libertos, escravos, marreteiros, e agentes de todo tipo de vícios". Ele a caracteriza como uma colônia "sem aristocracia, sem tradições e sem cidadãos bem estabelecidos".

Lembremos os antecedentes de Corinto, recordemos seu renome por sua riqueza e seu luxo, pelo alcoolismo, a imoralidade e o vício, pelos atos vergonhosos e depois leiamos 1 Coríntios 6:9-11.

“Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis: nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avarentos, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus. Tais fostes alguns de vós”.

Nesta sede do vício, no lugar menos apropriado de todo o mundo grego. Paulo realizou uma de suas maiores obras, e se obteve um dos maiores triunfos do cristianismo.

Paulo em Corinto

Paulo permaneceu mais em Corinto que em qualquer outra cidade, com a única exceção de Éfeso. Tinha deixado a Macedônia com sua vida em perigo e tinha cruzado Atenas. Ali teve pouco êxito e seguiu a Corinto, onde permaneceu por dezoito meses. Damo-nos conta do pouco que conhecemos da tarefa de Paulo quando vemos que toda a história destes meses está resumida em 17 versículos (Atos 18:1-17). Quando chegou a Corinto, Paulo foi viver com Áqüila e Priscila. Pregou na sinagoga com grande êxito. Com a chegada de Timóteo e Silas da Macedônia redobrou seus esforços, mas os judeus eram tão teimosos e hostis, que tiveram que deixar a sinagoga. De modo que se estabeleceu na casa de Justo que vivia ao lado da mesma. A pessoa mais notável que se converteu foi Crispo, que era o principal da sinagoga, e teve muito êxito com o público em geral.

No ano 52 d. C. Gálio foi nomeado novo governador de Corinto. Era famoso por sua simpatia e amabilidade. Os judeus trataram de aproveitar-se de sua posição como recém-chegado e de seu bom caráter e levaram perante ele a Paulo, para que o julgasse, acusando o de ensinar contra sua lei. Mas Gálio, com a imparcial justiça romana, negou-se a intervir no caso ou a tornar medidas. De modo que Paulo completou sua tarefa em Corinto e viajou a Síria.

A correspondência com Corinto

Estando em Éfeso no ano 55 d. C. Paulo se inteirou de que nem tudo ia bem em Corinto e decidiu escrever à igreja do lugar. Há muitas possibilidades de que a correspondência com Corinto que possuímos esteja desordenada. Devemos recordar que as cartas de Paulo só se recolheram depois do ano 90 d. C. Em muitas das igrejas deve ter existido somente partes de papiro e certamente foi um problema uni-los; e parece que, quando se recolheram as cartas aos coríntios, não se descobriram todas e não foram ordenadas corretamente. Vejamos se podemos reconstruir o que aconteceu.

(1) Houve uma carta anterior a 1 Coríntios. Em 1 Coríntios 5:9 Paulo escreve: “Já em carta vos escrevi que não vos associásseis com os impuros.” Isto se refere obviamente a uma carta anterior. Alguns eruditos crêem que essa carta se perdeu sem deixar rastros. Outros pensam que se encontra compreendida em 2 Coríntios 6:14—7:1. Em realidade essa passagem coincide com o que Paulo diz ter escrito. Não está de acordo com seu contexto, e se o saltamos e lemos diretamente desde 2 Coríntios 6:13 ao 7:2, vemos que o sentido da passagem é excelente e coerente. Os eruditos chamam a esta passagem a *Carta Anterior* e tudo o que podemos dizer é que é possível que se perdeu, ou que quando se recolheram as cartas, foi inserida erroneamente nessa passagem. (Devemos lembrar que as cartas originais não estavam divididas em capítulos nem em versículos. A divisão em capítulos se realizou só no século XIII e em versículos no XVI, e devido a isso o acerto da coleção de cartas se faria muito mais difícil.)

(2) Paulo recebeu notícias de várias fontes a respeito dos problemas em Corinto.

- (a) Chegaram notícias daqueles que pertenciam à casa de Cloé (1 Coríntios 1:11 [Cloe = RA e RC; mas Cloé em BJ, TB, NTLH]), que relatavam as contendas que dividiam a igreja.

- (b) Estéfanos, Fortunato e Acaico também levaram notícias em seu visita (1Coríntios 16:17). Por meio do contato pessoal puderam completar a informação que Paulo tinha;
- (c) Também recebeu notícias em uma carta na qual a igreja de Corinto pedia a direção de Paulo em distintos problemas. Em 1 Coríntios 7:1 Paulo começa dizendo “Quanto ao que me escrevestes.” Em resposta a ela Paulo escreveu 1 Coríntios A enviou a essa cidade ao que parece por meio de Timóteo (1 Coríntios 4 17)

(3) O resultado da carta foi que as coisas pioraram, e, embora não temos um relato direto das coisas, podemos deduzir que Paulo teve que fazer uma visita pessoal a Corinto. Em 2 Coríntios 12:14, Paulo escreve “Eis que, pela terceira vez, estou pronto a ir ter convosco.” Em 2 Coríntios 13:1, 2, diz mais uma vez que irá visitar os pela *terceira* vez. Logo, já que se menciona uma *terceira* visita, deve ter havido uma *segunda*. Temos o relato de só uma visita, a que encontramos em Atos 18:1-17. Não temos nenhuma informação da segunda. Mas Corinto estava a apenas dois ou três dias de viagem por mar desde Éfeso e Paulo deve ter feito uma visita relâmpago a Corinto,

(4) A visita não teve bom resultado. As questões se exacerbaram e o resultado foi uma carta terrivelmente severa. Certas passagens de 2 Coríntios falam dessa carta. Em 2 Coríntios 2:4 Paulo escreve: “Porque, no meio de muitos sofrimentos e angústias de coração, vos escrevi, com muitas lágrimas”. Em 2 Coríntios 7:8, diz: “Porquanto, ainda que vos tenha contristado com a carta, não me arrependo; embora já me tenha arrependido (vejo que aquela carta vos contristou por breve tempo).” A carta foi produto de uma grande angústia mental, foi tão severa que Paulo estava quase arrependido de havê-la enviado. Os eruditos a chamaram *A Carta Severa*. Temos a carta? Obviamente não pode tratar-se de 1 Coríntios, devido ao fato de que esta não é uma carta angustiada, e manchada pelas lágrimas. Quando Paulo a escreveu é evidente que a situação já estava controlada. Se lermos 2 Coríntios nos encontramos

com uma divisão estranha. 2 Coríntios de 1 a 9 é uma carta na qual tudo está arranjado e na qual há uma reconciliação completa e se renova a amizade; mas no capítulo 10 nos encontramos com a estranha divisão. Os capítulos 10 a 13 são o lamento mais choroso que Paulo escreveu. Demonstram que foi ferido, insultado e caluniado como nunca antes nem depois por nenhuma igreja. Sua aparência, seus discursos, seu apostolado, sua honestidade tinham sido atacados. A maioria dos eruditos crê que os capítulos do 10 a 13 são a "carta severa", e que foi erroneamente localizada quando se recolheram as cartas de Paulo. Se queremos ter a ordem verdadeira da correspondência de Paulo com Corinto, deveríamos ler primeiro os capítulos 10 a 13 de 2 Coríntios e depois de 1 a 9. Sabemos que esta carta foi enviada por meio do Tito (2 Coríntios 2:13; 7:13)

(5) Paulo se preocupava com esta carta. Não pôde esperar Tito voltar com a resposta, assim viajou para encontrá-lo (2 Coríntios 2:13; 7:5, 13). Encontrou-o em algum lugar da Macedônia e se inteirou de que tudo ia bem, e, provavelmente em Filipos, dedicou-se a escrever 2 Coríntios capítulos 1 a 9, a carta da reconciliação

Stalker disse que as cartas de Paulo tiraram o teto das igrejas primitivas, permitindo ver tudo o que acontecia dentro delas. De nenhuma delas isto é tão certo como em relação às cartas a Corinto. Aqui vemos o que significava para Paulo "o cuidado de todas as igrejas". Nelas vemos os problemas e as decepções, as tristezas e as alegrias. Vemos Paulo, o pastor de seu rebanho, levando as tristezas e os problemas de sua gente em seu coração

AS SEIS CARTAS DE PAULO AOS CORÍNTIOS

Antes de ler as cartas em detalhe, assinalemos a ordem das mesmas em forma tabulada

(1) *A carta prévia* que bem poderia estar contida no texto de 2 Coríntios 6:14—7:1.

(2) A chegada da gente de Cloé, Estéfano, Fortunato e Acaico e da carta que a igreja do Corinto envia a Paulo

(3) 1 Coríntios foi escrita em resposta, e foi enviada por meio de Timóteo.

(4) A situação piora e Paulo faz uma visita pessoal a Corinto, cujo fracasso é tão completo que quase lhe destroça o coração.

(5) A conseqüência desta visita é *A carta severa* que quase certamente está contida em 2 Coríntios 10-13, e que se envia por meio do Tito.

(6) Sem poder esperar a resposta, Paulo viaja para encontrar-se com Tito. Se reúne com ele na Macedônia, se inteira de que tudo está bem e, provavelmente desde Filipos, escreve 2 Coríntios 1-9, *A carta da reconciliação*.

Os primeiros quatro capítulos de 1 Coríntios tratam sobre o estado de divisão que existia na igreja de Deus em Corinto. Em lugar de ser uma em Cristo estava dividida em seitas e partidos que se identificavam com os nomes de vários líderes e professores.

Paulo considera que estas divisões surgiram devido ao fato de que os Coríntios pensavam muito a respeito da sabedoria e os conhecimentos humanos e muito pouco na pura graça de Deus. Em realidade, com toda sua pretendida sabedoria, encontram-se realmente em estado de imaturidade. Crêem que são inteligentes, mas em realidade não são mais capazes que meninos.

1 Coríntios 1

Uma introdução apostólica - 1:1-3

A necessidade de agradecer - 1:4-9

Uma igreja dividida - 1:10-17

Pedra de tropeço para os judeus

e insensatez para os gentios - 1:18-25

A glória da vergonha - 1:26-31

UMA INTRODUÇÃO APOSTÓLICA**1 Coríntios 1:1-3**

Nos primeiros dez versículos desta carta se menciona não menos de dez vezes a Jesus Cristo. Tratava-se de uma carta difícil, que tinha que enfrentar uma situação também difícil, e em tal situação o pensamento de Paulo estava posto em primeiro lugar e em forma recorrente em Jesus Cristo. Às vezes na Igreja tentamos solucionar os momentos difíceis por meio de leis, normas ou regulamentos; às vezes tentamos tratá-los com espírito de justiça humana; outras vezes em nossos assuntos pessoais tentamos enfrentar uma situação difícil com nosso poder mental e espiritual. Paulo não fazia nenhuma destas coisas; apoiava-se em Cristo, e à luz de sua Cruz e de seu amor buscava solucionar tudo.

Esta introdução nos fala de duas coisas.

(1) Diz-nos algo a respeito da Igreja. Paulo fala da *Igreja de Deus que está em Corinto*. Não se tratava da Igreja de Corinto; era a Igreja de Deus. Para Paulo, em qualquer lugar que estivesse a congregação individual, tratava-se de uma parte, de um fragmento da Igreja de Deus. Não teria falado nunca da igreja da Inglaterra ou da de Escócia; jamais teria dado à Igreja uma designação local; tampouco teria identificado a congregação com nenhuma seita ou comunhão em especial. Para Paulo a Igreja era a Igreja de Deus. Se pensássemos nela desta maneira lembraríamos mais a realidade que nos une e menos as diferenças locais que nos dividem.

(2) Esta passagem nos diz algo do cristão individual. Paulo diz três coisas sobre o cristão.

(a) Está *consagrado em Jesus Cristo*. O verbo *consagrar* (*hagiazó*) significa apartar um lugar para Deus, fazê-lo sagrado, oferecendo sacrifício a Ele. O cristão foi dedicado e consagrado a Deus por meio do sacrifício de Jesus Cristo. Ser cristão é ser um homem ou uma mulher por quem Jesus Cristo morreu, e sabê-lo, e dar-se conta de que esse sacrifício de uma maneira muito especial nos faz pertencer a Deus,

(b) Descreve os cristãos como *aqueles que foram chamados para ser o povo dedicado a Deus*. Traduzimos com toda esta frase uma só palavra grega. A palavra é *hagios*, que geralmente se traduz *santos*. Em nossos dias isto não nos dá a figura correta. A palavra *hagios* descreve uma coisa ou uma pessoa que foi dedicada à possessão e ao serviço de Deus. É a palavra por meio da qual se descreve um templo ou um sacrifício que foi afastado para Deus. Se uma pessoa tiver sido separada dessa maneira, deve demonstrar que sua vida e seu caráter são aptos para esse serviço. Dessa maneira *hagios* passa a significar *santo, sagrado*. Mas a idéia radical da palavra é *separação*. Uma coisa ou uma pessoa que é *hagios* é diferente de todas as outras coisas ou pessoas, devido ao fato de que foram separadas do comum para pertencer especialmente a Deus. Esse era o adjetivo que usavam os judeus para descrever-se a si mesmos, era os *hagios laos*, o povo santo, a nação que estava separada e era diferente das outras devido ao fato de que em uma forma muito especial pertenciam a Deus e foram separados para seu serviço. Quando Paulo chama os cristãos *hagios* quer dizer que o cristão é um homem que difere de outros porque pertence a Deus especialmente e está a seu serviço. E essa diferença não deverá ser assinalada por meio do afastamento da vida e atividades comuns, mas sim mostrando na vida e atividades ordinárias uma diferença em qualidade e caráter que o assinale como homem de Deus.

(c) Paulo dirige sua carta àqueles que foram chamados a ser santos *com todos os que em qualquer lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo*. O cristão foi chamado para fazer parte de uma comunidade cujos limites abrangem toda a terra e todo o céu. Pertence a uma grande companhia. Far-nos-ia muitíssimo bem olhar de vez em quando além de nossa pequena comunidade, círculo, comunhão e seita e pensar em que somos parte da Igreja de Deus que é tão vasta como todo mundo.

(3) Esta passagem nos diz algo a respeito de Jesus Cristo. Paulo se refere a nosso Senhor Jesus Cristo, e logo, por assim dizer, corrige-se e adiciona Senhor *deles e nosso*. Nenhum homem nem nenhuma igreja tem

a possessão exclusiva de Cristo. Ele é nosso Senhor, mas também o é de todos os homens. O maravilhoso e surpreendente sobre o cristianismo é que todos os homens possuem todo o amor de Jesus, que Deus ama a cada um de nós como se houvesse um só de nós para amar.

A NECESSIDADE DE AGRADECER

1 Coríntios 1:4-9

Nesta passagem de ação de graças se destacam três coisas:

(1) Uma é a promessa que se fez realidade. Quando Paulo pregou o cristianismo aos coríntios disse que Cristo podia fazer determinadas coisas por eles, e agora assinala orgulhosamente que tudo o que ele tinha prometido que Cristo podia fazer se realizou.

Um dos antigos missionários disse a um dos reis pictios. "Se aceitar a Cristo, encontrará maravilha após maravilha — e cada uma delas será verdadeira. Em realidade não podemos converter a ninguém ao cristianismo por meio de palavras: só podemos dizer "Tentem e vejam o que acontece", com a segurança de que, se o fizerem, o que assinalamos a seu favor será certo.

(2) Outra é o dom que foi outorgado. Paulo utiliza aqui uma de suas palavras favoritas. Trata-se da palavra *charisma*. *Charisma* significa um dom outorgado livremente ao homem, um dom que não merecia e que jamais poderia ter obtido por si mesmo. Esse dom de Deus, conforme o via Paulo, assumia duas formas:

(a) A salvação é o dom, o *charisma* de Deus. Obter uma correta relação com Deus é algo que o homem nunca poderia conseguir por si mesmo. Trata-se de um dom que lhe foi outorgado e que provém da mera generosidade do amor de Deus (cf. Romanos 6:23).

(b) Outorga ao homem todos os dons especiais que possui e todo o equipamento necessário para toda a vida. Todos os dons pessoais provêm de Deus (1 Coríntios 12:4,9; 1 Timóteo 4:11; 1 Pedro 4:10). Se um homem tiver o dom da palavra ou o dom de cura, se possuir o dom da

música ou de qualquer arte, se for hábil com suas mãos, deve considerar que todos esses dons provêm de Deus. Se nos déssemos conta disso plenamente, isso outorgaria uma nova atmosfera e caráter à vida. As habilidades que possuímos, os ofícios que dominamos, os dons que temos, não foram obtidos por nós mesmos, são dons de Deus, e, portanto, temo-los em custódia. Não devemos usá-los como *nós* queremos, mas sim como *Deus* o deseja; não devemos usá-los para nosso proveito e prestígio, mas sim para a glória de Deus e para o bem dos homens. O ser possuidor de um dom especial não significa ter uma fonte de lucros para nós mesmos, mas um instrumento de serviço para Deus.

(3) Existe um fim último. No Antigo Testamento a frase, o *Dia do Senhor*, aparece várias vezes. Era o dia no qual vos judeus esperavam que Deus interviria, irrompendo diretamente na história, o dia em que o velho mundo desapareceria e nasceria um novo mundo, o dia em que seriam julgados todos os homens. Os cristãos tomaram esta idéia, com a diferença de que o chamam *Dia do Senhor*, com a idéia de que se trata do dia do *Senhor Jesus*, e o consideravam o dia em que Jesus voltaria com todo seu poder e glória. Esse, sem lugar a dúvidas, seria um dia de juízo.

Cadmon, o antigo poeta inglês, desenhou um quadro em um de seus poemas sobre o dia do juízo. Imaginou que a Cruz estava localizada no meio do mundo e dela provinha uma estranha luz que tinha as qualidades penetrantes dos raios X e que tirava os disfarces das coisas e as mostrava tal qual eram.

A crença de Paulo é que quando chegar o juízo final o homem que viva em Cristo poderá enfrentá-lo sem temor devido ao fato de que estará vestido não de seus próprios méritos, mas sim dos de Cristo, de maneira que ninguém poderá acusá-lo.

UMA IGREJA DIVIDIDA**1 Coríntios 1:10-17**

Aqui Paulo começa a tarefa de solucionar a situação que se produziu na Igreja de Corinto. Escrevia de Éfeso. Alguns escravos cristãos que pertenciam a uma dama chamada Cloé tiveram a oportunidade de visitar Corinto e retornaram com a triste notícia da desunião e a discórdia.

Nesta passagem Paulo se refere aos coríntios como irmãos em duas oportunidades. Como o assinalou Beza, o velho comentarista: "Nessa palavra também está escondida a discussão." Paulo, ao usar a palavra, realiza duas coisas. Primeiro, suaviza a reprimenda; esta não provém de um professor com uma varinha, mas sim de alguém que não sente outra coisa senão amor. Segundo, o mesmo uso da palavra teria que ter mostrado quão erradas estavam suas discórdias e divisões. Eram irmãos e teriam que ter vivido no encanto do amor fraternal.

Ao tratar de uni-los Paulo usa duas frases interessantes. Pede-lhes que *solucionem suas diferenças*. A frase que utiliza é a que se usa regularmente para que duas nações hostis cheguem a um acordo. Pede-lhes que formem uma *frente* único. Deseja que estejam *bem unidos*. A palavra que usa é o termo médico empregado para designar a união dos ossos quando houve fratura, ou quando se deslocou uma articulação. A desunião não é natural e deve curar-se pela saúde e a eficiência do corpo da Igreja.

Paulo identifica quatro partidos na igreja de Corinto. Não se separaram dela; são divisões que existem dentro da igreja. A palavra que utiliza para descrevê-las é *schismata*, que significa *rasgos num vestido*. A igreja de Corinto está em perigo de converter-se em algo tão desagradável como um vestido quebrado. Devemos notar que as grandes figuras da igreja que se nomeiam não têm nada que ver com estas divisões. Não havia desunião entre eles. Sem seu conhecimento e sem seu consentimento estas frações coríntias deram procuração de seus

nomes. Ocorre muitas vezes que os chamados seguidores de um homem são um problema maior que seus inimigos. Consideremos esses partidos e vejamos se podemos encontrar o que era o que defendiam.

(1) Havia aqueles que diziam pertencer a *Paulo*. Sem dúvida este era um partido formado principalmente por gentios. Paulo tinha pregado sempre o evangelho da liberdade cristã e do fim da lei. É muito provável que este partido queria converter a liberdade em licença e utilizasse seu cristianismo como desculpa para fazer o que queria, e assinalasse a liberdade cristã como justificativo. Bultmann disse que o indicativo cristão sempre traz junto o imperativo cristão. Tinham esquecido que o indicativo das boas novas trazia consigo o imperativo da ética cristã. Esqueceram-se de que tinham sido salvos, não para ser livres para pecar, mas sim para não fazê-lo,

(2) Havia o partido que sustentava que pertencia a *Apolo*. Em Atos 18:24 há um pequeno esboço da personalidade de Apolo. Era um judeu de Alexandria, homem eloqüente e conhecedor das Escrituras. Alexandria era o centro da atividade intelectual. Ali os eruditos tinham criado a ciência de alegorizar as Escrituras, encontrando os significados mais recônditos nas passagens mais simples. Eis aqui um exemplo do que faziam. A epístola de Barnabé, uma obra alexandrina, saca de uma comparação de Gênesis 14:14 e 18:23 a conclusão de que Abraão tinha a sua acusação 318 pessoas que circuncidou. Agora, em grego o número 18 — os gregos usavam letras para simbolizar os números — é *iota* seguido por *eta* que são as primeiras duas letras do nome *Jesus*, e 300 em grego é a letra *tau*, que tem a forma de uma cruz, portanto este velho incidente está predizendo a crucificação de Jesus! A erudição alexandrina estava cheia deste tipo de coisas. O que é pior, os alexandrinos eram muito entusiastas pelas elegâncias literárias. Foram em realidade os que *intelectualizaram* o cristianismo. Os que diziam pertencer a Apolo eram, sem dúvida, os intelectuais que estavam fazendo com que o cristianismo se convertesse rapidamente em uma filosofia em lugar de uma religião.

(3) Havia os que diziam pertencer a *Cefas*. Este é o nome judeu de Pedro. O mais provável é que se tratasse de judeus que tentavam ensinar que o homem devia ainda observar a lei judia. Eram legalistas que exaltavam a lei, e que ao fazê-lo, diminuam a graça,

(4) ainda os que diziam que pertenciam a *Cristo*. Isto pode ter significado uma de duas coisas:

(a) Nos manuscritos gregos não existe pontuação nem espaço entre as palavras. Pode ser que não se esteja descrevendo a nenhum partido. Pode ser que se trate de um comentário do próprio Paulo. Possivelmente teríamos que particularizá-lo da seguinte maneira "Eu sou de Paulo; eu sou de Apolo; eu sou de Cefas — mas *eu* pertencço a Cristo." Bem pode ser que se trate de um comentário de Paulo a respeito da desgraçada situação.

(b) Se não é assim, e se em realidade descreve um partido, deve ter existido uma pequena seita rígida e farisaica cujos membros pretendiam ser os únicos cristãos verdadeiros de Corinto. Sua verdadeira falta não estava em dizer que pertenciam a Cristo, mas em agir como se este lhes pertencesse. Possivelmente seja a descrição de um pequeno grupo intolerante e santarrão.

Não devemos pensar que Paulo esteja diminuindo o batismo. As pessoas que ele tinha batizado eram conversos muito especiais. Estéfanos provavelmente tinha sido o primeiro de todos (1 Coríntios 16:15); Crispo foi nada menos que o principal da sinagoga de Corinto (Atos 18:8). Gaio foi provavelmente o anfitrião de Paulo (Romanos 16:23). O assunto é o seguinte — o batismo era *em o nome de Jesus*. Esta frase em grego implica a relação mais íntima possível. Dar dinheiro em nome de alguém era pagá-lo em seu conta, em sua possessão pessoal. Vender um escravo em nome de alguém era entregá-lo em sua possessão absoluta e indiscutível. Um soldado jurava lealdade em nome de César, pertencia absolutamente ao Imperador. Esta frase *em nome de* implica uma possessão absoluta e total. No cristianismo implicava ainda mais, implicava que o cristão não só pertencia a Cristo, mas também de

alguma estranha maneira estava identificado com Ele, estava literalmente nEle. O que Paulo quer dizer é. "Estou muito contente de ter estado ocupado com a pregação, porque se tivesse batizado teria dado a alguns de vocês uma desculpa para dizer que tinham sido batizados como minha possessão, e não de Cristo." Não está menosprezando o batismo, simplesmente se alegra de que um ato seu não possa ter sido mal interpretado como uma anexação dos homens a si mesmo e não a Cristo.

Paulo afirmava que lhes tinha apresentado a cruz de Cristo na forma mais simples. Adornar a história da cruz com retórica e inteligência teria sido levar os homens a pensarem mais na linguagem que nos fatos, mais no dissertador que na mensagem. O objetivo de Paulo era apresentar aos homens não a si mesmo, mas a Cristo com toda sua solitária grandeza.

PEDRA DE TROPEÇO PARA OS JUDEUS E INSENSATEZ PARA OS GENTIOS

1 Coríntios 1:18-25

A história que o cristianismo tinha para contar parecia uma tolice aos gentios cultos e aos judeus piedosos. Paulo começa utilizando livremente duas citações de Isaías (Isaías 29:14; 33:18) para demonstrar como a sabedoria meramente humana está destinada a falhar. Cita o fato indiscutível de que com toda sua sabedoria o mundo jamais encontrou a Deus e ainda, tateando, o estava buscando cegamente. O próprio Deus tinha planejado essa busca para demonstrar aos homens sua própria incapacidade e assim preparar o caminho para a aceitação dAquele que é o único caminho a Deus.

De que se tratava, pois, esta mensagem cristã? Se estudarmos os quatro grandes sermões do Livro de Atos (Atos 2 14-39, 3:12-26; 4:8-12; 10:36-43), encontramos que na pregação cristã há certos elementos constantes. (1) Destaca-se que chegou o grande momento prometido por Deus. (2) Faz-se um resumo da vida, morte e ressurreição de Jesus. (3) Destaca-se que tudo isto correspondeu aos profetas (4) Assegura-se que

Cristo voltará. (5) Convida-se urgentemente os homens ao arrependimento e a receber o dom prometido do Espírito Santo.

(1) Para os judeus essa mensagem era uma pedra de tropeço por que? Havia duas razões:

(a) Não podiam crer que alguém que tinha morrido sobre uma cruz pudesse ser o Ungido de Deus. Assinalavam a sua própria lei que dizia inequivocamente: “Pois aquele que é pendurado, é maldito de Deus” (Deuteronômio 21:23). Para os judeus o fato da crucificação, em lugar de provar que Jesus era o filho de Deus, negava-o. Pode parecer um fato extraordinário, mas até com Isaías 53 perante seus olhos, os judeus não tinham sonhado nunca com um Messias que sofresse. A cruz para os judeus era e é uma barreira insuperável para crer em Cristo.

(b) Os judeus buscavam sinais. Esperavam que junto com a idade de ouro de Deus se produzissem atos maravilhosos. A época em que Paulo estava escrevendo produziu uma série de falsos Messias, e todos eles tinham enganado as pessoas com a promessa de que ocorreriam atos grandiosos. No ano 45 d.C. um homem chamado Teudas tinha persuadido a milhares de pessoas para que abandonassem seus lares e o seguissem até o Jordão, prometendo que a uma ordem sua, o rio se dividiria e poderiam atravessá-lo sobre terra seca. No ano 54 d.C. chegou a Jerusalém um homem do Egito, dizendo-se profeta. Persuadiu a trinta mil pessoas para que o seguissem ao Monte das Oliveiras com a promessa de que à sua ordem cairiam os muros de Jerusalém. Os judeus esperavam esse tipo de coisas. Em Jesus viam um homem manso e humilde, que evitou deliberadamente o espetacular, que esteve entre os homens como servo, e que terminou em uma cruz — e esta era para eles uma imagem impossível do Ungido de Deus.

(2) Para os *gregos* a mensagem era uma tolice. Mais uma vez existem duas razões:

(a) Para a mentalidade grega a primeira característica de Deus era a *apatheia*. Esta palavra significa mais que *apatia*, significa *incapacidade total de sentir*. Os gregos sustentavam que Deus não podia sentir. Se Ele

pudesse sentir alegria ou tristeza, irritação ou tristeza significava que nesse momento alguém o havia afetado. Se assim fosse isto significava que o homem tinha influenciado em Deus e que portanto era mais poderoso que Ele. Assim pois, sustentavam que Deus deve ser incapaz de todo sentimento e que nada pode afetá-lo jamais. Um Deus que sofria era para os gregos uma contradição. Mas foram mais adiante. Plutarco declarou que era um insulto envolver a Deus nos assuntos humanos. Deus estava necessariamente desligado e remoto. A própria idéia da *encarnação*, de que Deus se transformasse em homem, repugnava à mentalidade grega.

Agostinho, quem foi um grande erudito antes de converter-se ao cristianismo, podia dizer que nos filósofos gregos encontrava um paralelo de quase todos os ensinamentos do cristianismo; mas uma coisa — dizia — nunca tinha achado: "O Verbo se fez carne e habitou entre nós."

Celso que atacou aos cristãos com muito vigor pelo fim do século II, escreveu: "Deus é bondade, beleza e felicidade, e nisso justamente reside sua formosura e magnitude. Se então 'desce aos homens' há uma mudança nEle, do bom ao mau, do belo ao feio, da felicidade à falta dela, do melhor ao pior. Quem escolheria tal mudança? Porque a mortalidade é só uma natureza para ser alterada e mudada; mas a imortalidade é permanecer para sempre. Deus nunca aceitaria tal mudança. Para os intelectuais gregos a encarnação era uma impossibilidade total. Para as pessoas que assim pensavam era incrível que alguém que tinha amado e sofrido pelos homens como o tinha feito Jesus pudesse ser o Filho de Deus.

(b) Os gregos buscavam a sabedoria. Originalmente a palavra grega *sofista* significava sábio em um bom sentido; mas chegou a significar um homem com uma mente inteligente e uma língua artilosa, um acrobata mental, um homem que com uma retórica brilhante e persuasiva podia fazer com que o pior parecesse o melhor. Um homem que podia passar o tempo discutindo trivialidades, que não tinha interesse real em encontrar soluções mas apenas se glorificava no estímulo de "uma ginástica

mental". Referia-se ao homem que se glorificava em ter uma mente sagaz e veloz, uma língua de prata e um auditório que o admirasse. Crisóstomo descreve os sábios gregos assim: "Coaxam como rãs em um pântano, são os homens mais indesejáveis devido ao fato de que, apesar de serem ignorantes, crêem-se sábios, são como perus reais, que fazem notar sua reputação e o número de seus alunos como aqueles desdobram suas caudas."

É impossível exagerar a habilidade quase fantástica que os retóricos de língua de prata tinham na Grécia.

Plutarco diz: "Adoçavam suas vozes com ritmos musicais, modulações do tom e ressonâncias." Nunca pensavam no que diziam, mas em como o diziam. Seu pensamento podia ser venenoso sempre e quando estivesse envolto em palavras doces.

Filostrato nos conta que Adriano o sofista tinha grande reputação em Roma, e quando apareceu seu mensageiro com a notícia de que ia dissertar, o senado se esvaziou e até o povo que assistia aos jogos o abandonou tudo para congregar-se a seu ao redor.

Crisóstomo descreve o quadro dos assim chamados homens sábios e suas competições em Corinto mesma, nos chamados Jogos ístmicos.

"Podia-se ouvir a muitos pobres miseráveis sofistas gritando e insultando-se entre si, e a seus discípulos, como os chamam, brigando; a muitos escritores lendo suas estúpidas composições, a muitos poetas cantando seus poemas, a muitos histriões exibindo suas maravilhas, a muitos adivinhos dando o significado de prodígios, a dez mil retóricos tergiversando demandas judiciais, e a um não pequeno número de comerciantes realizando seus diferentes negócios "

Os gregos estavam intoxicados de formosas palavras, e o pregador cristão com sua tosca mensagem lhes parecia um personagem cru e inculto do qual podiam mofar-se e ridicularizar em lugar de ouvi-lo e respeitá-lo.

Parecia que a mensagem cristã tinha poucas oportunidades de obter êxito no contexto da vida grega e judia; mas, como disse Paulo: "O que

pareceria ser uma insensatez por parte de Deus é mais sábio que a sabedoria humana, e o que pareceria ser uma fraqueza de Deus é mais forte que a força do homem,"

A GLÓRIA DA VERGONHA

1 Coríntios 1:26-31

Aqui Paulo se gloria no fato de que, em sua maior parte, a Igreja estava composta pelas pessoas mais simples e humildes. Não devemos pensar que a igreja primitiva estava composta por escravos em sua totalidade. Até na época do Novo Testamento vemos que muitas pessoas das altas classes sociais se estavam convertendo ao cristianismo. Encontramos a Dionísio em Atenas (Atos 17:34); Sérgio Paulo, o procônsul de Creta (Atos 13:6-12); as mulheres nobres de Tessalônica e Beréia (Atos 17:4,12); Erasto, o tesoureiro, provavelmente da cidade de Corinto (Romanos 16:23). Nos tempos de Nero, Pomponia Gracina, a mulher do Plautio, conquistador de Bretanha, sofreu o martírio por ser cristã. Na época do Domiciano, na segunda metade do primeiro século, foi martirizado como cristão Flávio Clemens, primo do mesmo imperador. Pelo fim do século II Plínio, o governador de Bitínia, escreveu ao imperador Trajano dizendo que os cristãos provinham de todas as classes sociais. Mas é certo que a grande massa de cristãos estava composta por gente simples e humilde.

Ao redor do ano 178 d. C. Celso escreveu um dos ataques mais agudos contra o cristianismo. Ridicularizou precisamente essa atração que o cristianismo exercia sobre o povo comum. Assinalou que o ponto de vista cristão era o seguinte: "Não deixem que se aproxime nenhuma pessoa culta, nem sábia, nem sensata, porque cremos que tudo isso é pecado, mas deixem que se aproximem livremente os ignorantes, os desprovidos de sentido e de cultura, e os parvos." A respeito dos cristãos escreveu: "Vemo-los em suas próprias casas, tecedores, sapateiros e lavadeiros, pessoas sem educação e vulgares." Disse que os cristãos

eram: "como uma nuvem de morcegos — ou de formigas saindo de seus esconderijos — ou de rãs participando de um simpósio ao redor de seu pântano — ou de lombrigas em um conciliábulo em uma esquina barrosa."

Esta era precisamente a glória do cristianismo. No império havia sessenta milhões de escravos. Para a lei um escravo era uma "ferramenta viva", uma coisa e não uma pessoa. Um amo podia desfazer-se de um escravo velho tal como podia fazê-lo com uma pá ou uma enxada velha. Podia entreter-se torturando a seus escravos, podia chegar a matá-los. Para os escravos não existia o casamento, até seus filhos pertenciam ao amo, como os cordeiros das ovelhas pertenciam ao pastor e não à ovelha. A glória do cristianismo foi converter estas pessoas que eram coisas em homens e mulheres verdadeiros, e ainda mais, em filhos e filhas de Deus, àqueles que não eram respeitados outorgou o respeito próprio; aos que não tinham vida, vida eterna; disse aos homens que se não eram importantes para os homens, eram-no para Deus. Disse aos homens que aos olhos do mundo não tinham valor, que aos olhos de Deus, valiam a morte de seu único Filho. O cristianismo foi, e ainda é, literalmente o que mais eleva em todo o universo.

A citação com que Paulo termina esta passagem pertence a Jeremias 9:23,24. Como o assinala Bultmann, o pecado básico é *crer-se com direitos*, ou o desejo de *reconhecimento*. Só quando nos damos conta de que não podemos fazer nada e que Deus pode fazer e fará tudo, começa a verdadeira religião. O fato surpreendente e verdadeiro da vida é que a pessoa que se dá conta de sua própria fraqueza, de sua falta de sabedoria, de sua própria incapacidade e falta de poder, é a que no final é forte e sábia. É um fato corroborado pela experiência que o homem que crê que pode valer-se na vida por si só, terminará naufragando.

Devemos notar que Paulo insiste em que Cristo significa para nós quatro grandes coisas.

(1) É *sabedoria*. Só seguindo a Cristo caminhamos corretamente e só ouvindo-o, ouvimos a verdade. É o perito na vida.

(2) É *justiça*. Nos escritos de Paulo *justiça* significa sempre *uma relação correta com Deus*. Algo que nunca poderemos obter por nossos próprios esforços. Provém só de Jesus Cristo quando nos damos conta de que não surge do que podemos fazer por Deus, mas sim do que Ele tem feito por nós.

(3) É *consagração*. Só em presença de Cristo a vida pode ser o que deve ser. Epicuro costumava dizer a seus discípulos: "Vivam como se Epicuro sempre os visse." Não existe esse "como" em nossa relação com Cristo. O cristão caminha com Ele e só nessa companhia o homem pode manter suas roupas sem mancha do mundo.

(4) É *redenção*. Diógenes estava acostumado a queixar-se de que os homens iam ao oculista e ao dentista mas nunca ao homem (referia-se ao filósofo) que podia curar suas almas. Jesus Cristo pode redimir o homem de seus pecados passados, de sua fraqueza presente e de seu medo futuro. É aquele que nos emancipa da escravidão do eu e do pecado.

1 Coríntios 2

A proclamação e o poder - 2:1-5

A sabedoria que provém de Deus - 2:6-9

Coisas espirituais para homens espirituais - 2:10-16

A PROCLAMAÇÃO E O PODER

1 Coríntios 2:1-5

Aqui Paulo recorda sua primeira visita a Corinto, e há três coisas que se destacam em sua memória.

(1) Falou com *simplicidade*. Chegou contando a história da cruz com toda sua tremenda simplicidade. Vale a pena notar de onde procedia Paulo. Chegou de Atenas. Ali era onde pela única vez em sua vida, que saibamos, tinha tentado explicar o cristianismo em termos filosóficos. Ali, na colina de Marte, reuniu-se com os filósofos e tinha tentado falar a eles em sua própria linguagem e usar seus termos e citar a seus próprios

eruditos (Atos 17:22-31); e ali teve um de seus poucos fracassos. Seu sermão em termos filosóficos teve muito pouco efeito (Atos 17:32-34) Ao que parece, Paulo se havia dito: "Nunca mais. Daqui em diante relatarei a história de Jesus em toda sua simplicidade. Nunca mais tentarei envolvê-lo em categorias humanas. Não conhecerei mais que a Jesus Cristo e a Ele sobre sua cruz."

É certo que a simples história sem adornos da vida de Cristo contém um poder tão único que comove os corações dos homens.

O Dr. James Stewart em um de seus livros cita um exemplo disso. Os missionários cristãos tinham chegado a corte de Clodoveu, o rei dos francos. Relatarem a história da cruz, e enquanto ouvia, a mão do velho rei se dirigiu ao punho de sua espada: "Se eu e meus francos tivéssemos estado ali", disse, "nos teríamos lançado sobre o Calvário e o teríamos resgatado de seus inimigos."

Sempre é certo que a simplicidade tem um poder único. Quando tratamos com gente comum, sem grandes conhecimentos, é sempre certo que uma figura vívida e concreta tem um poder que não existe em um argumento bem elaborado. É certo que, para a maior parte das pessoas, o caminho ao recôndito do ser do homem está, não em sua mente, mas em seu coração

(2) Veio falando com *temor*. Mas entendamos bem. Não temia por sua própria segurança, tampouco estava envergonhado do evangelho que pregava. Era o que se chamou "a tremente ansiedade de realizar o dever". Paulo utiliza aqui, com referência a si mesmo, a frase que se refere à maneira em que os escravos conscientes que teriam que servir e obedecer a seus amos (Efésios 6:5). Aquele que a realiza bem não é o homem que enfrenta sem tremer uma grande tarefa. O ator realmente grande se sente nervoso em face da atuação, o pregador que é realmente efetivo é aquele cujo coração pulsa mais ligeiro enquanto espera o momento de pregar. O homem que não tem medo, que não duvida, que não fica nervoso nem tenso diante de qualquer tarefa, pode agir de maneira eficiente e competente, mas é o homem que tem essa ansiedade tremente, que tem

essa intensidade que é a essência da verdadeira grandeza, aquele que pode produzir um efeito que a habilidade artística sozinha jamais poderá conseguir.

(3) Veio com *resultados* e não só com palavras. O resultado da pregação de Paulo foi que aconteceram coisas. Paulo diz que sua pregação se demonstrou inquestionavelmente certa por meio do Espírito e seu poder. A palavra que utiliza se refere à prova mais rigorosa possível, o tipo de prova que não pode ser questionada. Qual era? Era a prova da mudança nas vidas. Algo completamente novo, anti-séptico, regenerador tinha entrado na poluída sociedade de Corinto.

John Hutton costumava contar com prazer uma história. Um homem que tinha sido um renegado e um alcoólico havia sido conquistado por Cristo. Seus colegas de trabalho sabiam isto e tentavam debilitá-lo. Estavam acostumados a dizer: "Certamente que um homem sensato como você não pode crer nos milagres que a Bíblia relata. Não pode, por exemplo, crer que seu Jesus converteu a água em vinho " O homem respondeu: "Não sei se o fez ou não, mas o que sim sei é que em minha própria casa o vi converter a cerveja em móveis "

Ninguém pode discutir contra a prova de uma vida mudada. Nossa fraqueza reside em que muitas vezes tentamos convencer os homens sobre o cristianismo com palavras, em lugar de mostrar-lhes a Cristo em nossas próprias vidas. Como alguém disse "Um santo é alguém em quem Cristo vive outra vez."

A SABEDORIA QUE PROVÉM DE DEUS

1 Coríntios 2:6-9

Esta passagem nos apresenta uma diferença existente entre as distintas formas de instrução cristã e uma diferença entre as distintas etapas da vida cristã. Na igreja primitiva havia uma diferença bastante clara entre dois tipos de instrução:

(1) Havia o *kerigma*. *Kerigma* significa o anúncio do rei por boca de um arauto; e tratava-se de um anúncio liso e plano dos atos básicos do cristianismo a respeito dos quais não havia nenhum argumento. Obviamente tratava-se de uma primeira etapa, anunciava-se aos homens a realidade da vida, morte e ressurreição de Jesus e seu futuro retorno.

(2) Havia a *didachê*. *Didachê* significa ensinar; e consistia na explicação do significado dos fatos que já tinham sido anunciados. Obviamente esta segunda etapa era dedicada àqueles que já tinham recebido o *kerigma*. Paulo se está referindo a isto nesta passagem. Até o momento falou de Jesus Cristo e de sua crucificação; era o anúncio básico que devia fazer o cristianismo, mas, continua dizendo, não nos detemos aqui; a instrução cristã continua ensinando não só os atos, mas também seu significado. Diz que isto se realiza entre os que são *teleioi*. Em algumas versões esta palavra se traduz por *perfeitos*. Este é um dos significados da palavra, mas não é o apropriado para esta passagem. *Teleios* tem um sentido físico, descreve um animal ou uma pessoa que cresceu como devia e alcançou a altura de seu desenvolvimento físico. Tem um significado mental.

Pitágoras dividiu seus discípulos entre aqueles que eram meninos e *teleioi*, o que significa que descreve uma pessoa que passou da instrução rudimentar nos elementos de qualquer matéria e que é agora um estudante amadurecido. Esse é o sentido que Paulo lhe dá aqui. Diz "Falamos a respeito dos elementos básicos do cristianismo fora nas ruas e àqueles que logo ingressam na igreja, 'mas entre os que alcançaram maturidade' (R.V.) repartimos um ensino mais profundo a respeito do que significam esses atos básicos." Em nenhum momento insinua Paulo a existência de uma espécie de distinção de castas entre os distintos tipos de cristãos, a diferença está nas etapas em que se encontram situados, e cada uma delas necessita um tipo de instrução distinta. O trágico é que muitas vezes as pessoas se contentam em permanecer na etapa elementar, quando teriam que esforçar-se por pensar por si mesmos.

Paulo usa aqui uma palavra que tem um sentido técnico. Nossas versões dizem: "Falamos sabedoria de Deus *em mistério*." A palavra grega *musterion* significa algo cujo significado está oculto para aqueles que não foram iniciados, mas que é bem claro para aqueles que estão. A palavra descreveria um rito ou uma cerimônia levados a cabo em alguma sociedade cujo significado era bastante claro para os membros dela, mas ininteligíveis para os de fora. De modo que o que Paulo está dizendo é o seguinte: "Passamos logo a considerar e explicar as coisas que só o homem que já entregou o seu coração a Cristo pode entender."

Mas Paulo insiste em que este ensino especial não é o produto de uma atividade intelectual dos homens, é um dom de Deus, e veio ao mundo com Jesus Cristo. Deus outorga todo conhecimento. É o resultado do encontro do espírito investigador do homem com o Espírito revelador de Deus. Todos os nossos descobrimentos não são tanto o que nossas mentes encontraram, como o que Deus nos disse. Isto de maneira nenhuma nos liberta da responsabilidade do esforço humano. Só o estudante que trabalha pode capacitar-se para receber as verdadeiras riquezas da mente de um grande mestre. Deve preparar-se para receber através de um esforço incansável. O mesmo acontece entre Deus e nós. Quanto mais busquemos e procuremos compreender, mais nos ensinará Deus, e este processo não tem limites devido ao fato de que as riquezas de Deus são inescrutáveis.

COISAS ESPIRITUAIS PARA HOMENS ESPIRITUAIS

1 Coríntios 2:10-16

Há certas coisas básicas nesta passagem.

(1) Paulo estabelece a verdade fundamental de que a única pessoa que pode nos falar a respeito de Deus é seu Espírito. Utiliza para isso uma analogia humana. Há certas coisas que só o próprio espírito de um homem conhece. Há sentimentos tão pessoais, coisas tão privadas, experiências tão íntimas que ninguém as conhece salvo o próprio espírito

do homem. Ninguém pode ver em nossos corações e conhecer o que há ali, salvo nossos próprios espíritos. Agora — contínua dizendo — o mesmo se aplica a Deus. Existem em Deus costure profundas e íntimas que só seu Espírito conhece, e esse Espírito é a única pessoa que pode nos levar a ter um conhecimento realmente íntimo de Deus. Há coisas que o poder do pensamento, por si só, jamais poderia encontrar, o Espírito tem que nos ensiná-las, pois só Ele as conhece.

(2) Mas mesmo assim nem todos os homens podem compreender estas coisas. Paulo fala a respeito da interpretação das coisas espirituais para pessoas espirituais. Diferencia dois tipos de pessoas.

(a) Aquelas que são *pneumatikoi*. *Pneuma* significa espírito, e o homem que é *pneumatikos* é aquele que é sensível ao Espírito e lhe obedece, aquele cuja vida é dirigida e guiada pelo Espírito, aquele que toma todas as decisões e põe em exercício todos os seus juízos sob a influência e a direção do Espírito; aquele que vive consciente de que existem coisas mais além das coisas deste mundo, valores para além dos terrestres; que há uma vida para além da vida deste mundo.

(b) Está o homem *psuchikos*. *Psuche* em grego se traduz muitas vezes por *alma*; mas esse não é o significado real. *Psuche* é o *princípio da vida física*. Tudo o que vive tem *psuche*: um cão, um gato todo animal tem *psuche*, mas não *pneuma*. A primeira é a vida física que o homem compartilha com todas as coisas vivas, mas o segundo, o espírito, é o que faz o homem, o que o diferencia do resto da criação, o que o assemelha a Deus. De modo que no versículo 14 Paulo fala do homem que é *psuchikos*. É o homem que vive como se não houvesse nada para além da vida física, como se não houvesse outras necessidades fora das materiais; nem outros valores, já que se rege por medidas físicas e materiais. Um homem assim não pode entender as coisas espirituais. O homem que pensa que nada é mais importante que a satisfação do desejo sexual não pode compreender o significado da castidade; o homem que considera como o fim supremo da vida o monopólio de bens materiais não pode compreender a generosidade; o homem que pensa que seus

apetites devem ser a última palavra não pode compreender a pureza; e o homem que nunca pensa no mais adiante não pode compreender as coisas de Deus. Para ele são meras insensatezes. Nenhum homem deveria ser assim; mas se sempre sufoca "os desejos imortais" que existem em sua alma, se converterá nisso, e se o faz, o Espírito de Deus falará e ele não o escutará

É muito fácil fazer isso, chegar a estar tão comprometido com o mundo que não exista nada mais além dele. Nós também devemos orar para ter a mentalidade de Cristo, porque só quando Ele vive em nós estamos livres da invasão usurpadora das demandas das coisas materiais.

1 Coríntios 3

[A suprema importância de Deus - 3:1-9](#)

[O fundamento e os construtores - 3:10-15](#)

[Sabedoria e insensatez - 3:16-23](#)

A SUPREMA IMPORTÂNCIA DE DEUS

1 Coríntios 3:1-9

Paulo falou a respeito da diferença entre o homem espiritual (*pneumatikos*), e que portanto pode compreender as verdades espirituais, e aquele que é *psuchikos*, aquele cujos interesses, fins e idéias não vão para além da vida terrena ou física, e que portanto não pode compreender a verdade espiritual. Agora acusa os coríntios de ainda estarem na etapa terrestre e física. Mas usa duas novas palavras para descrevê-los. No versículo 1 os chama *sarkinoi*. Esta palavra provém de *sarx*, que significa *carne*, e que é muito comum para Paulo. Todos os adjetivos gregos que terminam em *inos* significam *feito de alguma coisa*. De modo que Paulo começa dizendo que os coríntios estão feitos de carne, que ainda não transcenderam as coisas humanas. Não se tratava em realidade de uma recriminação: o homem justamente por ser tal é de carne, *mas* não deve permanecer assim. O problema era que os coríntios não eram

somente *sarkinoi*, mas sim também eram *sarkikoi*, que significa *dominado pela carne*. Para Paulo a carne significa muito mais que a mera parte física. Para ele significa *a natureza humana separada de Deus*, essa parte tanto física como mental do homem, que proporciona uma porta de entrada ao pecado, essa parte que responde ao pecado, que lhe dá uma oportunidade e lhe obedece. De modo que a falta que Paulo encontra nos coríntios não é que sejam de carne — todos os homens são de carne —, mas sim tenham permitido que esta parte inferior de sua natureza domine toda sua posição e suas ações.

Qual é a prova disto? O que é o que há em sua vida e conduta que faz com que Paulo eleve esta recriminação? A prova disso é seu espírito partidário, suas lutas, suas facções, suas divisões. Isto é muito revelador porque significa que *podemos dizer como são os reações de um homem com Deus observando suas relações com seu próximo*. Se um homem criar discórdias com seus amigos, se for brigão, competitivo, discute tudo, cria problemas, poderá concorrer à igreja diligentemente, até poderá ter um cargo na igreja, mas não é um homem de Deus. Mas se o homem é um com seu próximo, se suas relações com ele se distinguem pelo amor, pela unidade e pela concórdia, esse está a caminho de ser um homem de Deus. Se um homem estiver distante de seu próximo, é uma prova de que está distante de Deus; se está separado de seu próximo o está também de Deus, se ama a Deus, também amará a seu próximo.

Paulo continua demonstrando a insensatez essencial do espírito partidário com sua glorificação dos caudilhos humanos. Em um jardim um homem poderá plantar uma semente e outro regá-la, mas nenhum deles pode dizer que tem feito que a semente crescesse. Esse poder pertence exclusivamente a Deus. Os homens poderão fazer muitas coisas, mas ainda não criaram a vida. O homem que planta e aquele que rega estão em um mesmo nível, nenhum pode considerar-se acima do outro, não são mais que servos, servos que trabalham juntos, para o único Amo — Deus. Sempre devemos lembrar que Deus pode usar instrumentos humanos para levar aos homens seu mensagem de verdade

e amor, mas Ele somente é Quem desperta os corações dos homens a uma nova vida. Como só Ele criou o coração, só Ele pode recriá-lo.

O FUNDAMENTO E OS CONSTRUTORES

1 Coríntios 3:10-15

Nesta passagem Paulo está certamente falando de sua experiência pessoal. Por necessidade, ele punha os alicerces. Estava sempre viajando. Na verdade, permaneceu dezoito meses em Corinto (Atos 18:11) e por três anos em Éfeso (Atos 20:31), mas em Tessalônica não permaneceu mais de um mês, e isto era muito mais corrente. Havia muito terreno esperando ser coberto, havia muitos homens que nunca tinham ouvido o nome de Jesus Cristo, e, se queria começar bem com a evangelização do mundo, Paulo não podia mais que pôr os alicerces e ir a outro lugar. Só quando estava encarcerado, seu espírito inquieto podia ficar em um só lugar.

Em qualquer lugar que fora lançava os mesmos alicerces. Estes consistiam na proclamação dos atos sobre o oferecimento de Cristo. Sua tremenda missão era a de apresentar a Cristo aos homens. O é o fundamento da igreja devido ao fato de que só nEle o cristão pode encontrar três coisas:

(a) *Perdão por seus pecados passados.* Encontra-se a si mesmo em uma nova relação com Deus. Descobre de repente que Deus é seu amigo e não seu inimigo. Descobre o que significa sentir-se à vontade com Ele. Descobre que Deus é como Jesus. Onde uma vez via ódio agora vê amor, e onde uma vez via uma remota lonjura vê agora uma tenra intimidade.

(b) *Encontra força para o presente.* Através da presença e da ajuda de Jesus encontra a força e a coragem para enfrentar a vida, devido ao fato de que agora já não é uma unidade solitária envolvido numa batalha sozinho contra um universo adverso. Vive uma vida na qual nada pode

separá-lo do amor de Deus em Cristo Jesus seu Senhor. Caminha pelo caminho da vida e peleja as batalhas da vida com Cristo.

(c) Encontra *esperança para o futuro*. Já não vive mais em um mundo no qual tem medo de olhar para frente. Vive em um mundo governado por Deus, onde Ele faz com que todas as coisas operem junto para bem, no qual seu tempo está nas mãos de Deus. Vive em um mundo no qual a morte já não é o final, a não ser só o prelúdio de uma glória maior. Sem o fundamento de Cristo o homem não pode obter nenhuma destas coisas.

Mas sobre este fundamento de Cristo, outros constroem. Paulo não está pensando aqui em que constroam mal, mas em que constroem inadequadamente. Um homem pode apresentar a seus amigos uma versão fraco e diluída do cristianismo, uma versão parcial que dê muita ênfase a algumas coisas e muito pouco a outras, na qual se perdeu o equilíbrio, algo torcido na qual até as maiores costure tenham surgido distorcidas. O Dia a que se refere Paulo é aquele em que Cristo voltará. Então virá a prova final. Desaparecerão o equivocado e o inadequado. Mas, na misericórdia de Deus, até o construtor equivocado se salvará, devido ao fato de que ao menos tentou fazer algo por Cristo. Nossas melhores versões do cristianismo são inadequadas; mas nos salvaríamos de muitos equívocos se em lugar de prová-las com nossos próprios preconceitos e hipóteses, estando de acordo com tal ou qual teólogo, puséssemos-las à luz do Novo Testamento, e acima de tudo, à luz da cruz.

Longinos, o grande crítico literário grego, oferecia a seus alunos uma prova. Dizia. "Quando escreverem algo, perguntem a vós mesmos como o teriam feito Homero ou Demóstenes; e, ainda mais, pergunte como o teria ouvido qualquer destes dois."

Quando falamos por Cristo devemos fazê-lo como se Ele nos estivesse ouvindo — e em realidade o está. Uma prova assim nos salvaria de muitos equívocos.

SABEDORIA E INSENSATEZ**1 Coríntios 3:16-23**

Para Paulo a Igreja era o templo de Deus porque era a sociedade em que o Espírito de Deus habitava. Como disse Orígenes mais tarde: "Somos acima de todo o templo de Deus quando nos preparamos para receber o Espírito Santo." Mas, se os homens introduzirem discórdia, luta e divisões na sociedade e na comunidade da Igreja destroem o templo de Deus em um duplo sentido.

(a) Fazem impossível o Espírito operar. Nem bem a amargura entra na Igreja, o amor vai embora. A verdade não pode ser pronunciada nem escutada corretamente em uma atmosfera de irritação. "Onde está o amor, ali está Deus", mas onde há ódio e brigas, Deus bate na porta, mas não recebe resposta. O distintivo da Igreja é o amor pelos irmãos. Devem sempre lembrar que aquele que destrói esse amor e essa comunidade destrói a Igreja e portanto o templo de Deus.

(b) Dividem a Igreja. Literalmente fazem que o edifício da Igreja se desintegre. Reduzem-na a uma série de ruínas desconectadas. Nenhum edifício pode permanecer firme se o divide em seções. A fraqueza maior da Igreja são ainda suas divisões. Elas também destroem a Igreja,

Paulo continua assinalando a causa desta divisão e a conseqüente destruição do templo de Deus, que é a Igreja. A raiz principal é o culto da sabedoria intelectual e mundana. Mostra a condenação dessa sabedoria por meio de duas citações do Antigo Testamento — Jó 13 e Salmo 94:11. É esta mesma sabedoria mundana a que faz com que os coríntios determinem o valor de seus diferentes professores e líderes. É esse orgulho na mente humana a que os faz julgar, avaliar e criticar a forma em que se dá a mensagem, a correção da retórica, o peso da oratória, as sutilezas dos argumentos, em lugar de pensar somente no conteúdo da própria mensagem.

O problema que existe com o orgulho intelectual é que sempre é duas coisas:

(a) Sempre é *discutidor*. Não pode permanecer calado e admirar, deve falar e criticar. Não pode suportar que suas opiniões sejam contraditas; deve provar que só ele tem razão. Não pode admitir nunca um equívoco; deve justificar-se sempre a si mesmo. Nunca é o suficientemente humilde para aprender, deve estar sempre estabelecendo a lei.

(b) O orgulho intelectual é caracteristicamente *exclusivo*. Sua tendência é a de olhar a todos com desprezo em lugar de sentar-se ao lado deles. Sua posição é que todos os que não estão de acordo com ele estão equivocados. Faz muito tempo Cromwell escreveu aos escoceses "Rogo-lhes pelas vísceras de Cristo, que pensem que poderiam estar equivocados." Tende a separar os homens em vez de uni-los

Paulo, em uma frase muito vívida, insiste com o que se crê sábio a converter-se em insensato. Esta é simplesmente uma forma evidente de pedir-lhe que se humilhe o suficiente para aprender. Ninguém pode ensinar a quem crê que já sabe tudo.

Platão disse "O homem mais sábio é aquele que sabe que está muito mal equipado para o estudo da sabedoria."

Quintiliano disse de certos estudantes: "Sem dúvida alguma teriam chegado a ser excelentes eruditos se não tivessem estado tão seguros de sua própria erudição."

O velho provérbio estabelece: "Aquele que não sabe, e não sabe que não sabe é um néscio; evitem-no. Aquele que não sabe, e sabe que não sabe, é um sábio; ensinem-no." A única forma de chegar a ser sábios é nos dar conta de que somos néscios, e a única forma de chegar ao conhecimento é confessar nossa própria ignorância.

No versículo 22, como ocorre muitas vezes nestas cartas, a prosa de Paulo toma asas e se converte em um poema de paixão e poesia. Os coríntios estão fazendo algo que para Paulo é inexplicável. Estão tentando entregar-se em mãos de algum homem. Paulo lhes diz que em realidade, não são eles os que pertencem a ele, mas ele é quem pertence a eles. Esta identificação com algum partido é a aceitação da escravidão

por parte daqueles que teriam que ser reis. Em realidade são donos de todas as coisas, porque pertencem a Cristo e Cristo pertence a Deus. O homem que dá sua vida, seu força, sua energia e seu coração a um minúsculo partido está rendendo tudo a algo muito insignificante, quando poderia ter entrado na posse de uma comunhão e um amor tão vastos como o universo. Confinou-se aos estreitos limites de uma vida que teria que ser ilimitada em sua perspectiva.

1 Coríntios 4

Os três juízos - 4:1-5

A humildade apostólica e o orgulho anticristão - 4:6-13

Um pai na fé - 4:14-21

OS TRÊS JUÍZOS

1 Coríntios 4:1-5

Paulo insta com os coríntios a não pensar em Apolo ou em Cefas ou nele como chefes de seitas e partidos; mas a pensar neles como servos de Cristo. A palavra que Paulo utiliza para *servo* é muito interessante, é a palavra *huperetes*; e significava um remador na parte mais baixa de um trirreme, um desses escravos que empurrava os grandes remos que faziam navegar a essas naves. Alguns comentaristas quiseram dar ênfase a isto e apresentá-lo como uma imagem de Cristo como o piloto que dirige o curso da embarcação e Paulo como o servo que aceita as ordens do piloto, e trabalha somente como seu amo lhe indica. Depois Paulo utiliza outra imagem. Pensa em si mesmo e em seus colegas pregadores como *mordomos* de secretos que Deus deseja revelar a seu próprio povo. O mordomo (*oikonomos*) era o *majordomu* ['o criado maior da casa']. Estava a cargo de toda a administração de uma casa ou de uma propriedade, dirigia o pessoal, despachava os fornecimentos e rações, tinha a seu cargo todas as tarefas da casa, mas por muito que controlasse o pessoal, ele mesmo era um escravo no que respeitava a seu amo.

Qualquer que seja a posição de um homem dentro de uma igreja, e qualquer que seja o poder que ostente ou o prestígio que desfrute, continua sendo um servo de Cristo.

Este pensamento levou Paulo a meditar no juízo. Um *oikonomos* deve ser uma pessoa em que se possa confiar. O mesmo fato de que desfrute de tanta independência e responsabilidade, de que controle tanto, faz mais necessário que seu amo possa depender absolutamente de sua fidelidade. Os coríntios, com suas seitas e partidos e sua apropriação dos líderes da Igreja como se fossem seus amos, exerceram o juízo sobre eles: preferiram um ao outro.

De modo que Paulo fala dos três juízos que todo homem deve enfrentar:

(1) Deve enfrentar o ajuizamento dos que o rodeiam. Neste caso Paulo diz que para ele isso não é nada. Mas há um sentido em que o homem não pode desdenhar o juízo de seus semelhantes. O estranho é que, apesar de seus ocasionais equívocos radicais, o juízo de nossos semelhantes freqüentemente é instintivamente correto. Isto se deve a que todo homem admira instintivamente as qualidades básicas de honra, honestidade, retidão e confiabilidade, generosidade, sacrifício e amor.

Antístenes, um filósofo cínico, costumava dizer: "Só há duas pessoas que podem te dizer a verdade a respeito de ti mesmo — um inimigo furioso ou um amigo que te ama muito." É muito certo que nunca devemos deixar que o que outros opinem nos desvie do que cremos correto, mas também é certo que a opinião dos homens é muitas vezes mais exata do que nós pensamos, devido ao fato de que os homens admiram instintivamente as coisas belas.

(2) Deve enfrentar o juízo de si mesmo. Este tampouco interessa a Paulo. Sabia muito bem que a opinião que alguém tem de si mesmo pode estar velada pela estima própria, por seu farisaísmo, pelo orgulho e pela vaidade. Mas no sentido real todo homem deve enfrentar seu próprio juízo. Uma das leis éticas gregas básicas diz "Homem, conhece-te a ti mesmo." Os cínicos insistiam em que uma das primeiras características

de um homem verdadeiro era "a capacidade para dar-se bem consigo mesmo". A única pessoa da qual um homem não pode escapar é de si mesmo; tem que viver consigo mesmo. E se perder o respeito por si mesmo e não pode olhar-se a si mesmo nos olhos, a vida se torna intolerável.

(3) Deve enfrentar o juízo de *Deus*. Em última instância, este é o único juízo verdadeiro. Para Paulo, o juízo que esperava não era o de qualquer dia humano mas o do Dia do Senhor. O juízo de Deus é final por duas razões:

(a) Só Deus conhece todas as *circunstâncias*. Pode trazer à luz o que está oculto. Conhece as lutas do homem, sabe até onde poderia ter-se afundado, e até onde poderia ter subido, sabe o que um homem poderia ter chegado a ser para mal ou para bem. Deus é a única pessoa que conhece todos os fatos.

(b) Só Deus conhece todas as *motivações* do homem. "O homem vê a ação, mas Deus vê a intenção." E muitas ações que parecem nobres podem ter-se realizado pelos motivos mais egoístas e indignos, e muitas ações que parecem baixas podem ter-se realizado pelas motivações mais elevadas. Aquele que fez o coração humano o conhece e só Ele pode julgá-lo.

Fariamos bem em lembrar duas coisas. Primeiro, que embora evitemos todo outro juízo ou fechemos nossos ouvidos perante eles, como a avestruz, não podemos evitar o juízo de Deus, e segundo, que o juízo pertence a Deus porque só Ele pode julgar, e nós fariamos bem em não julgar a ninguém.

A HUMILDADE APOSTÓLICA E O ORGULHO ANTICRISTÃO

1 Coríntios 4:6-13

Tudo o que Paulo esteve dizendo a respeito de si mesmo e de Apolo não é certo apenas com respeito a eles, também se aplica aos coríntios. Não só ele e Apolo devem manter-se humildes pensando que não estão

enfrentando o juízo dos homens, mas o de Deus, também os coríntios devem andar em uma humildade semelhante. Paulo sempre agia com maravilhosa cortesia. Incluía-se a si mesmo em suas próprias advertências e condenações. O verdadeiro pregador raramente utiliza a palavra *vós* e sempre usa *nós*; não fala com os homens como se o fizesse de acima, ele o faz considerando-se entre eles, como alguém que sente como eles e que também é um homem de paixões. Se realmente queremos ajudar e salvar os homens nossa atitude não deve ser de condenação, mas sim de rogo, nosso acento não deve ser de crítica, mas sim de compaixão. Paulo não insiste em que os coríntios não devem transgredir suas palavras, mas que não devem transgredir as de Deus. pôs perante eles não sua própria ensino, mas sim lhes mostrou como a palavra de Deus condena todo orgulho. Recordá-lhes que não trata-se de um conselho humano, mas sim de uma ordem divina.

E logo Paulo lhes lança a mais básica e pertinente de todas as perguntas. "O que possuem que não tenham recebido?" Nesta oração Agostinho viu toda a doutrina da graça. Em um momento Santo Agostinho tinha pensado em termos do logro humano, mas chegou a dizer: "Para resolver esta questão trabalhamos duro pela causa da liberdade da vontade do homem, mas a Graça de Deus ganhou." Ninguém jamais poderia conhecer a Deus, se Ele não se revelasse, ninguém jamais teria ganho sua própria salvação; o homem não se salva a si mesmo, é salvo. Quando pensamos a respeito do que temos feito e podemos fazer e no que Deus tem feito por nós, deixamos de lado o orgulho e só fica uma humilde gratidão. A falta básica dos coríntios era que tinham esquecido que deviam suas almas a Deus.

E então nos encontramos com um desses estalos que se apresentam várias vezes nas cartas de Paulo. Dirige-se aos coríntios com uma ironia severíssima. Compara seu orgulho, sua estima de si mesmos, seu sentimento de superioridade, com a vida que vive um apóstolo. Escolhe uma imagem vívida. Quando um general romano ganhava uma grande vitória ele desfilava com seu exército através das ruas da cidade com

todos os troféus ganhos; demonstrava seu triunfo e sua conquista, a procissão se chamava Triunfo. Mas no final chegava um pequeno grupo de cativos que estavam condenados à morte, eram homens que foram capturados e levados à arena do circo para morrer lutando com as feras. *¡Té monturi salutamus!* Nós, os que estamos para morrer, te saudamos! Os coríntios com seu orgulho vociferador eram como o general conquistador desdobrando os troféus de sua façanha; os apóstolos eram como o pequeno grupo de cativos, homens condenados à morte. Para os coríntios significava ostentar seu orgulho e seus privilégios, tendo em conta seus lucros; para Paulo significava um humilde serviço, disposto a morrer por Cristo.

Na lista de coisas em que Paulo fala a respeito do que um apóstolo deve agüentar, há duas palavras especialmente interessantes.

(1) Diz que são *esbofeteados* (*kolaphizesthai*). É a palavra que se usava para *açoitar a um escravo*. Plutarco conta como um homem testemunhava que um escravo pertencia a outrem porque viu este lhe batendo, e essa é a palavra utilizada. Paulo estava disposto a ser tratado como um escravo por Cristo.

(2) Paulo diz: “Injuriados, bendizemos”. Provavelmente não nos demos conta de quão surpreendente devia ser esta declaração para um pagão. Aristóteles declara que a virtude maior é a *megalopsuchia*, *ser de grande coração*, a virtude do homem com uma alma grande; e define esta virtude como a qualidade de não suportar ser insultado. Para o mundo antigo a humildade cristã era uma virtude totalmente nova. Esta era, em realidade, a classe de conduta que para os homens era totalmente insensata, embora precisamente essa insensatez era a sabedoria de Deus.

UM PAI NA FÉ

1 Coríntios 4:14-21

Com esta passagem Paulo, finaliza a seção da carta em que trata diretamente das discórdias e divisões em Corinto. Escreve como um pai.

A mesma palavra que usa no versículo 14 para admoestar (*nouthethein*) é o termo normal para expressar a admoestação e o conselho que um pai dá a seus filhos (Efésios 6:4). Poderá estar falando com um acento de severidade, mas não se trata da severidade que busca submeter um escravo rebelde, mas sim da que tenta trazer de volta ao caminho um filho insensato que se desencaminhou. Paulo sentia que sua posição era única com respeito à igreja de Corinto. O tutor (*paidagogos*: veja-se Gálatas 3.24) não era o professor que ensinava o menino. Tratava-se de um velho escravo de confiança que levava o menino diariamente à escola, que lhe informava a respeito de assuntos morais e que cuidava seu caráter e buscava fazê-lo homem. Um menino poderá ter muitos tutores, mas tem só um pai; nos dias vindouros os coríntios poderiam ter muitos tutores e professores, mas nenhum poderia fazer o que Paulo tinha feito; nenhum poderia levá-los a viver em Cristo. E logo Paulo diz algo surpreendente. Em realidade diz: "Convoco a meus filhos a que sigam a seu pai." Muito poucas vezes um pai pode falar assim. A maior parte das vezes é muito certo que os pais oram e têm a esperança de que seus filhos cheguem a ser o que eles não puderam ser. A maioria dos que ensinamos não podemos dizer: "Façam o que eu faço", mas sim "Façam o que eu digo." Mas Paulo, sem orgulho, e com uma consciência altruísta, podia chamar seus filhos na fé a que o imitassem.

E logo os afaga delicadamente. Diz que enviará a Timóteo para lhes recordar seus caminhos. Com efeito, diz que todos seus enganos e equívocos se devem, não a uma deliberada rebelião, mas ao feito de que esqueceram. Isto é muito certo da natureza humana. Muito freqüentemente não é que nos rebelemos contra Cristo, mas sim nos esquecemos dele. Não é que lhe demos as costas deliberadamente, mas sim esquecemos totalmente que Ele está no esquema das coisas. A maioria de nós necessita sobretudo uma coisa — um esforço deliberado para viver nos dando conta conscientemente da presença de Jesus Cristo. Não só no momento do sacramento, mas também cada momento e todos os dias, Cristo nos diz "Lembraí de mim."

Paulo continua com um desafio. Não precisam dizer que como vai enviar a Timóteo ele não irá vê-los. Irá se o caminho se abre, e então lhes chegará a prova. Estes coríntios podem falar o bastante, mas não são suas palavras sonoras as que interessam mas sim suas ações. Jesus nunca disse "Conhecerão vocês por suas palavras", mas sim "Por seus frutos os conhecerão." O mundo está cheio de conversa sobre o cristianismo, mas uma ação vale por mil palavras. Uma coisa é ser membro de uma comissão e falar, outra coisa é servir a Cristo e agir.

De modo que no final Paulo lhes pergunta se deve ir impor disciplina ou acompanhá-los em amor. O amor de Paulo por seus filhos em Cristo vibra em cada carta que escreve; mas não se trata de um amor cego, fácil ou sentimental; é o amor que sabe que algumas vezes é necessária a disciplina e que está preparado para exercê-la. Há um amor que pode arruinar o homem fechando os olhos para suas faltas, e há um amor que pode corrigir o homem devido ao fato de que o vê com a clareza dos ouvidos de Cristo. O amor de Paulo era aquele que sabe que às vezes tem que machucar para corrigir

Paulo já falou sobre o problema das lutas e divisões dentro da igreja de Corinto e agora continua tratando certas questões práticas, e algumas situações graves das quais se inteirou.

Esta seção inclui os capítulos 5 e 6.

Em 5:1-8 trata um caso de incesto Em 5:9-13 insiste a aplicar a disciplina aos impuros.

Em 6:1-8 trata a respeito da tendência dos coríntios a recorrer à lei um contra o outro. Em 6:9-20 acentua a necessidade de manter-se puros.

1 Coríntios 5

[Pecado e complacência - 5:1-8](#)

[A Igreja e o mundo - 5:9-13](#)

PECADO E COMPLACÊNCIA**1 Coríntios 5:1-8**

Nesta passagem Paulo aborda o que para ele era um problema que se repetia sempre. Em matéria sexual os pagãos não conheciam o significado da castidade. Encontravam o prazer quando e onde queriam. Era muito difícil que a Igreja cristã escapasse da infecção. Os cristãos eram como uma pequena ilha de cristianismo rodeada por todos lados por muito paganismo, tinham entrado fazia bem pouco tempo ao cristianismo, era muito difícil despojar-se das práticas que tinham sido parte da vida de gerações de libertinos; e entretanto, se a Igreja queria permanecer pura devia despedir-se finalmente de todos os costumes pagãos. Na Igreja de Corinto surgiu um caso especialmente escandaloso. Um homem formou uma união ilícita com sua madrasta, coisa que era repugnante até para os pagãos e que estava explicitamente proibida pela lei judia (Levítico 18:8). Pela forma em que está expressa a acusação bem pode ter sido que esta mulher já estivesse divorciada de seu marido. Deve ter-se tratado de uma pagã, pois Paulo não se refere a ela, devido ao fato de que estava fora da jurisdição da Igreja.

Escandalizado como estava em face deste pecado, estava-o ainda mais em face da atitude da igreja de Corinto com respeito ao pecador. Tinham aceito complacentemente a situação e não tinham feito nada. Deveriam ter-se sentido comovidos em face dela. A palavra que Paulo usa para a tristeza que teriam que ter demonstrado (*penthein*) é a que se utiliza quando se chora um morto. Uma atitude complacente em face do pecado sempre é perigosa. Tem-se dito que nossa segurança contra o pecado reside no fato de que nos escandalizamos com ele.

Carlyle disse que os homens devem ver a beleza infinita da santidade e a condenação infinita do pecado. Quando deixamos de ter uma séria visão do pecado estamos em uma posição perigosa. Não se trata de criticar e condenar. Trata-se de mostrar-se ferido, surpreso e machucado. O pecado crucificou a Cristo; Ele morreu para libertar os

homens do pecado. Nenhum cristão pode considerar com leviandade o pecado.

O veredicto de Paulo é que se deve fazer algo com esse homem. Em uma frase vívida diz que deve ser entregue a Satanás. Significa com isto que deve ser excomungado. Considerava-se o mundo como o domínio de Satanás (João 12:31; 16:11; Atos 26:18; Colossenses 1:13) em contraposição à Igreja que era o domínio de Deus. O veredicto de Paulo é que se envie de novo este homem ao mundo de Satanás ao qual pertence. Mas devemos notar que até um castigo tão sério como este não era reivindicativo. Tratava-se de humilhar o homem, de domar e erradicar suas paixões de modo que no final seu espírito pudesse ser salvo. Tratava-se de fazê-lo repensar, de fazê-lo ver a enormidade do que tinha feito. Era uma disciplina que se exercitava não só para castigar, mas também para despertar. Era um veredicto que devia levar-se a cabo, não com uma crueldade sádica e fria, mas sim com dor por alguém que morreu. Sempre atrás do castigo e a disciplina, na igreja primitiva, estava a convicção de que devia levar-se a cabo com o propósito, não de destruir, mas sim de refazer o homem que tinha pecado,

Logo Paulo dá alguns conselhos práticos. Nos versículos 6-8 a Nova Versão Internacional (NVI), diferente de algumas outras, dá a tradução literal do original. Aqui nos encontramos com uma imagem expressa em termos judeus. Na literatura judia, salvo poucas exceções, o fermento representa más influências. A levedura é massa fermentada que se guarda de uma fornada anterior. Os judeus identificavam a fermentação com a putrefação. De modo que o fermento significava uma influência putrefaciente e corruptora. O pão da Páscoa era sem fermento (Êxodo 12:15 ss.; 13:7). Porém mais que isso, a lei estabelecia que no dia anterior ao da festa da Páscoa os judeus deviam acender uma vela e buscar cerimonialmente a levedura pela casa, e atirar até o último pedaço dela. (Ver a imagem da busca de Deus em Sofonias 1:12) (Devemos notar que a data desta busca era em quatorze de abril e que nela se viu a origem da grande limpeza da primavera).

Antes da Páscoa se devia eliminar os últimos restos de levedura. Assim, pois, Paulo toma esta imagem. Diz que nosso sacrifício — Cristo — foi realizado; foi o seu sacrifício que nos libertou do pecado, assim como Deus libertou os israelitas do Egito. Portanto — continua — devemos tirar de nossas vidas os últimos rastros de maldade. Se deixarmos que uma má influência penetre na Igreja, pode corromper toda a sociedade, assim como o fermento penetra em toda a massa. Aqui mais uma vez nos encontramos com uma grande verdade prática. Às vezes é preciso exercer a disciplina pelo bem da Igreja. Nem sempre é bom fechar nossos olhos perante as ofensas; elas podem nos prejudicar. O veneno deve ser eliminado antes de que se expanda, a erva daninha deve ser arrancada antes de poluir toda a terra.

Aqui nos encontramos com um grande princípio de disciplina. A disciplina não deve ser exercida para a satisfação da pessoa que a aplica, mas sempre deve usada para corrigir a pessoa que pecou, e sempre pelo bem da igreja. Nunca deve ser vingativa, deve ser sempre preventiva e curativa.

A IGREJA E O MUNDO

1 Coríntios 5:9-13

Parece que Paulo já tinha escrito uma carta aos coríntios insistindo com eles para evitarem associar-se com homens maus. Isto era destinado a aplicar-se aos membros da Igreja, queria dizer que os homens pecadores deviam ser disciplinados, apartando-os da sociedade da Igreja até que corrigissem sua conduta. Mas ao menos alguns dos coríntios creram tratar-se de uma proibição absoluta, e é obvio, tal proibição só podia cumprir-se com a separação total do mundo. Em um lugar como Corinto teria sido impossível levar a cabo uma vida normal sem associar-se nos assuntos cotidianos com aqueles cujas vidas a Igreja condenava totalmente. Mas Paulo nunca quis dizer isto: nunca teria recomendado a um cristão que se separasse do mundo; para ele o cristianismo era algo

que tinha que viver-se no mundo. Um piedoso ancião disse uma vez a João Wesley: "Deus não conhece a religião solitária." E Paulo teria estado de acordo com isso. É muito interessante considerar os três pecados que Paulo assinalou como típicos do mundo. Menciona três tipos de pessoas.

(1) Fala sobre os *fornicários*, aqueles que eram culpados de degradação moral. Só o cristianismo pode garantir a pureza. A raiz da imoralidade sexual é um conceito equivocado dos homens, que no final os considera como bestas. Declara que as paixões e os instintos que compartilham com os animais devem ser gratificados sem vergonha. Considera as outras pessoas simplesmente como instrumentos através dos quais se pode obter essa gratificação. Enquanto o cristianismo considera o homem como um filho de Deus, e justamente devido a isso, como uma criatura que vive no mundo mas que sempre olha para além do mundo, como uma pessoa cuja vida não está determinada puramente pelas necessidades, desejos e normas físicas, que embora tenha corpo também tem espírito. Se os homens se considerassem a si mesmos e a outros como filhos e filhas de Deus desapareceriam automaticamente da vida a lassidão moral.

(2) Fala sobre os *avarentos* e *ambiciosos* dos bens deste mundo. Mais uma vez, só o cristianismo pode destruir esse espírito. Se julgarmos as coisas com base em medidas puramente materiais, não há razão para que não tomemos como medida nossos próprios interesses, não há razão para que não dediquemos nossa vida à tarefa de conseguir mais. Mas o cristianismo introduz na vida o espírito que olha para fora e não para dentro. Faz do amor o valor mais alto na vida, e portanto do servir a maior honra. Quando o amor de Deus está no coração de um homem encontrará alegria, não em receber, mas sim em dar.

(3) Fala sobre a *idolatria*. A idolatria antiga poderia comparar-se com a superstição moderna. Poucas épocas estiveram tão interessadas em amuletos, talismãs e objetos que trazem sorte, em astrólogos e horóscopos como a época atual. A razão é a seguinte: uma regra básica

da vida é que o homem deve adorar alguma coisa. E a não ser que adore ao Deus verdadeiro, ele se inclinará perante os deuses da sorte e da oportunidade. Sempre que a religião se debilita, fortalece-se a superstição.

Devemos notar que estes três pecados básicos do mundo representam as três direções nas quais o homem peca.

(a) O pecado da fornicação é um pecado contra *o próprio ser do homem*. Ao cair, ele se reduziu ao nível de um animal, pecou contra a luz que está nele e contra o melhor que conhece permitiu que sua natureza inferior derrote o mais elevado de si mesmo e se converteu em algo menos que um homem.

(b) O pecado do espírito avarento e ambicioso é *nosso vizinhos e os que nos rodeiam*. Considera os seres humanos como pessoas que podem ser exploradas, em lugar de vê-los como irmãos que devem ser ajudados. Esquece que a única prova de que amamos a Deus deve ser o fato de que amamos os que nos rodeiam como a nós mesmos.

(c) O pecado da idolatria é contra *Deus*. Permite que os objetos usurpem o lugar de Deus. Significa abandonar o Deus verdadeiro por falsos deuses. É não dar a Deus o primeiro e único lugar na vida.

Um dos princípios de Paulo é que não devemos julgar aqueles que estão fora da Igreja. A frase "os de fora" era uma frase judia que se usava para descrever as pessoas que não pertenciam ao povo escolhido. Devemos deixar que sejam julgados por Deus, único que conhece o coração dos homens. Mas o homem que está dentro da Igreja tem privilégios especiais e portanto responsabilidades especiais, tem a seu cargo diversas tarefas que dependem de seu livre-arbítrio e portanto deve responder por elas, é um homem que tem feito um juramento e uma promessa perante Cristo e que portanto pode ser chamado a contas pela forma em que os guarda.

Assim, pois, Paulo finaliza com uma ordem definida: "Expulsai, pois, de entre vós o malfeitor." Trata-se de uma citação de Deuteronômio 17:7 e 24:7. Há momentos em que o câncer deve frear-se, devem tomar

medidas drásticas para evitar a infecção. O que move a Paulo não é o prazer de aplicar uma lei severa ou o desejo de ferir ou demonstrar seu poder; trata-se do desejo do pastor de proteger a sua Igreja nascente da infecção do mundo que sempre a ameaça.

1 Coríntios 6

A insensatez dos tribunais - 6:1-8

“Tais fostes alguns de vós” - 6:9-11

Comprado por um preço - 6:12-20

A INSENSATEZ DOS TRIBUNAIS

1 Coríntios 6:1-8

Nesta seção Paulo trata um problema que afetava especialmente os gregos. Os judeus não estavam acostumados a dirigir-se aos tribunais de justiça públicos com seus problemas; resolviam os assuntos perante os chefes da cidade ou da sinagoga; para eles a justiça era algo que devia aplicar-se muito mais com espírito familiar que legal. Em realidade a lei judia proibia expressamente os judeus recorrer a um tribunal de justiça que não fosse judeu; fazê-lo era considerado uma blasfêmia contra a lei divina que possuíam. Outra coisa completamente distinta ocorria com os gregos; estes eram característica e naturalmente um povo litigioso. Os tribunais eram em realidade um de seus principais entretenimentos. Recorrer a eles era parte integrante da vida grega. Conhecemos os detalhes da lei ateniense e quando a estudamos comprovamos a parte importante que jogavam os tribunais judiciais na vida dos cidadãos atenienses; e a situação em Corinto não podia ser muito diferente.

Em Atenas, se houvesse uma disputa se recorria em primeiro lugar ao árbitro privado. Nessa ocasião cada parte elegia um árbitro, e logo se escolhia um terceiro de comum acordo, para que agisse como juiz imparcial. Se não se conseguia resolver o assunto desta maneira, era encaminhado a um tribunal conhecido como "o dos Quarenta". Este

referia o caso a um árbitro público, acusação que ocupavam todos os cidadãos de Atenas de sessenta anos de idade, e qualquer homem que se escolhesse tinha que tomar parte, querendo ou não, sob pena de ver-se privado de seus direitos civis. Se o assunto ainda não se resolvia devia encaminhar-se a um tribunal com duzentos e um cidadãos, o qual considerava os casos inferiores a uma soma equivalente a cem dólares. Para os casos de um montante superior o tribunal se constituía com quatrocentos e um membros.

Havia casos em que os tribunais podiam ter mais de mil membros e alguns chegavam até seis mil. Eram constituídos por cidadãos atenienses de mais de trinta anos de idade. Era-lhes pago três óbolos por dia de atuação. Os cidadãos que podiam agir como parte do tribunal se reuniam nas manhãs e lhes adjudicavam os casos por sorteio. É fácil ver que em uma cidade grega todos os homens eram mais ou menos advogados e que utilizavam grande parte de seu tempo em decidir ou tratar casos judiciais. Os gregos eram em realidade famosos — ou notórios — por sua afeição a recorrer aos tribunais judiciais. Não era estranho pois, que alguns gregos tivessem introduzido na Igreja suas tendências litigiosas, e Paulo estava muito preocupado. Seus antecedentes judeus faziam com que todo isso lhe repugnasse, e seus princípios cristãos aumentavam esse sentimento. "Como pode qualquer de vós", perguntou, "seguir o paradoxal caminho de buscar a justiça em presença dos injustos?"

O que fazia com que este assunto fosse ainda mais fantástico para Paulo era, que na imagem da era de ouro por vir, quando o Messias fosse o rei supremo, Ele julgaria às nações e os santos tomariam parte nesse juízo. O *Livro da Sabedoria* diz "Julgarão as nações e dominarão os povos (3:8). O *Livro de Enoque* diz: "Trarei nome àqueles que me amaram, vestidos em uma luz esplendorosa, e situarei cada um no trono de sua honra" (108:12). De modo que Paulo pergunta "Se algum dia forem julgar o mundo, se até os anjos, as criaturas mais puras que foram criadas, vão ser sujeitos a seu juízo, como, em nome da razão, podem subordinar seus casos aos homens, e para pior, pagãos?" "Se devem fazê-

lo", diz, "façam isso dentro da Igreja, e dada a tarefa de julgar as pessoas que tenham em menos consideração, devido ao fato de que ninguém que esteja destinado a julgar o mundo se incomodaria envolvendo-se nas pequenezas das contendas cotidianas.

E logo, repentinamente Paulo lança mão do grande princípio essencial. Recorrer aos tribunais e em especial fazê-lo com um irmão, é cair abaixo do nível de comportamento cristão. Muito tempo atrás Platão estabeleceu que o homem reto sempre escolheria sofrer injustamente antes que fazer o mal. Se um cristão tem até o mais remoto traço do amor de Cristo em seu coração, sofrerá insultos, perdas, injúrias e danos antes que tentar infligi-los a outrem — mais ainda, se se trata de um irmão. Vingarse ou tentar fazê-lo é sempre algo anticristão. Um cristão não resolve seus assuntos com outros com o desejo de ser recompensado nem com os princípios da justiça crua. Resolve-os com espírito de amor, e este insistirá em que deve viver em paz com seu irmão, e lhe proibirá rebaixar recorrendo aos tribunais de justiça.

“TAIS FOSTES ALGUNS DE VÓS”

1 Coríntios 6:9-11

Aqui Paulo prorrompe em uma terrível contagem de pecados que é um horrendo comentário da civilização corrompida em que a Igreja de Corinto estava crescendo. Há certas coisas das que não é agradável falar, mas devemos considerar este catálogo e tentar compreender o meio em torno da Igreja cristã primitiva, e ver que a natureza humana não mudou muito.

Havia *fornicários e adúlteros*. Já vimos que o relaxamento sexual era parte da vida pagã e que a virtude da castidade era quase desconhecida. A palavra que emprega para *fornicário* especialmente desagradável; refere-se aos homens que se prostituem. Deve ter sido muito difícil ser cristão na corrupta atmosfera de Corinto.

Havia *idólatras*. O edifício maior de Corinto era o Templo de Afrodite, a deusa do amor, onde prosperavam lado a lado a idolatria e a imoralidade. A idolatria é um triste exemplo do que acontece quando tentamos fazer com que a religião seja mais fácil. Um ídolo não surgia como deus; começava simbolizando a um deus, sua função era facilitar o culto do deus, provendo de algum objeto no qual se localizasse a presença do mesmo. Mas muito em breve os homens começaram a adorar não ao deus que estava atrás do ídolo, mas sim ao próprio ídolo. Um dos perigos crônicos da vida é que os homens adorarão sempre o símbolo em lugar da realidade que reside atrás do mesmo.

Havia *efeminados*. A palavra (*malakos*) significa literalmente aqueles que são suaves e femininos; aqueles que perderam sua virilidade e que vivem na luxúria de prazeres recônditos; a palavra descreve o que só podemos chamar enlameado no vício no qual o homem perdeu todo seu poder de resistência. Quando Ulisses e seus marinheiros chegaram à ilha de Circe atracaram à terra na qual crescia a flor de lótus. Aquele que comia dessa flor se esquecia de seu lar e de seus seres queridos e desejava viver para sempre nessa terra na qual "era sempre de tarde". Perdiam o gozo severo que provém de "remontar as ondas". O efeminado deseja a vida na qual é sempre de tarde.

Havia *ladrões e estelionatários*. O mundo antigo estava cheio deles. Era muito fácil entrar nas casas. Os ladrões freqüentavam em especial dois lugares — os banheiros e os ginásios públicos nos quais roubavam as roupas dos que se estavam banhando ou fazendo exercícios. Era especialmente comum o seqüestro de escravos que tinham dons especiais. As leis demonstram quão grave era este problema. Havia três tipos de roubo que se castigavam com a morte: (1) Roubos por valor de mais de cinquenta dracmas (2) Roubos nos banheiros, ginásios, portos e ancoradouros pelo valor de mais de dez dracmas (3) Roubos noturnos, qualquer que fosse o seu valor. Os cristãos viviam rodeados por uma população que se dedicava a roubo.

Havia *bêbados*. A palavra utilizada provém de *methos* que significa bebedores sem controle. Na Grécia até os meninos pequenos bebiam vinho; o nome que davam ao café da manhã era *akratisma* e consistia de pão ensopado em vinho. A inadequada provisão de água era a razão de que se bebesse tanto vinho. Mas normalmente os gregos eram sóbrios, devido ao fato de que sua bebida consistia em três partes de vinho mescladas com duas de água. Mas na luxuriosa Corinto abundava a embriaguez consuetudinária.

Havia *estelionatários* e *ladrões*. Ambas as palavras são interessantes. A palavra utilizada para *estelionatários* é *pleonektes* (literalmente, *rapazes* [BJ.]). Descreve, como os gregos o definiam: "o espírito que sempre está buscando alcançar mais e apoderar-se do que não lhe corresponde". É o apetite de lucros vorazes, é obter agressivamente. Não se trata do espírito do avarento, mas sim de que buscava ganhar para poder gastar, para poder viver em mais luxo e até maior prazer, e não se preocupava de quem se aproveitasse, contanto que conseguisse. A palavra que se traduz por *ladrão* é *harpax*. Significa *tomar com as garras, agarrar*. É usada para referir-se a um certo tipo de lobo, e para descrever os ganchos de ferro por meio dos quais se abordavam os barcos nas batalhas navais. É o espírito que agarra e usurpa aquilo que não lhe corresponde com uma espécie de ferocidade selvagem.

Deixamos para o fim o pecado menos natural — havia *homossexuais*. Este pecado se expandiu como uma infecção na vida grega, e mais tarde se propagou a Roma. Apenas podemos nos dar conta do complicado que era o mundo antigo. Até um homem tão grande como Sócrates o praticava; o diálogo de Platão *O Simpósio* foi apontado como uma das maiores obras sobre o amor; mas seu tema não é o amor natural mas sim o antinatural. Quatorze dos primeiros quinze imperadores romanos praticavam este vício. Nesses momentos Nero era imperador. Tinha tomado a um jovem chamado Esporo e o tinha castrado. Casou-se com ele com uma grande cerimônia e o tinha levado a seu palácio em

procissão e vivia com ele como com uma esposa. Com um incrível vício Nero por outro lado se casou com um homem chamado Pitágoras e o chamava seu marido. Quando se eliminou a Nero e Oto subiu ao trono o primeiro que fez foi tomar posseção do Esporo. Muito mais tarde o nome do imperador Adriano está associado para sempre com o de um jovem de Bitínia chamado Antônio. Viveu com ele inseparavelmente, e quando morreu deificou e cobriu o mundo com suas estátuas e imortalizou seu pecado chamando uma estrela com seu nome. Este vício em especial, na época da Igreja primitiva, afundava o mundo na vergonha; e existem poucas dúvidas de que esta fosse uma das causas principais de sua degeneração e da queda final de sua civilização,

Mas depois deste horrendo catálogo de vícios, naturais e antinaturais, Paulo dá um grito de triunfo: "Tais fostes alguns de vós." A maior prova do cristianismo residia em seu poder. Podia tomar os desperdícios da humanidade e fazer deles homens. Podia tomar os homens perdidos na vergonha e torná-los filhos de Deus. Havia em Corinto, e em todo mundo, homens que existiam, que eram provas viventes do poder regenerador de Cristo. Este poder é ainda o mesmo. Nenhum homem pode mudar-se a si mesmo, mas Cristo pode fazê-lo.

Há um contraste surpreendente entre a literatura pagã e a cristã da época. Sêneca, um contemporâneo de Paulo, declara que os homens necessitam "a mão de alguém que se agache a recolhê-los". Diz: "Os homens estão tristemente conscientes de sua fraqueza nas coisas necessárias." Continua com certo desespero: "Os homens amam seus vícios e os odeiam ao mesmo tempo." Olhava-se a si mesmo e se chamava *homo non tolerabilis*, um homem que não pode ser tolerado.

A este mundo, consciente da maré de decadência que nada podia deter, chegou o poder radiante do cristianismo, que era realmente capaz de fazer todas as coisas novas de maneira triunfal.

COMPRADO POR UM PREÇO**1 Coríntios 6:12-20**

Nesta passagem Paulo enfrenta uma série de problemas. Termina com uma ordem: "Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo" (v. 20, RC). É o grito de batalha de Paulo na passagem. Os gregos sempre desprezaram seus corpos. Havia um provérbio que dizia: "O corpo é uma tumba". Epicteto dizia "Sou uma pobre alma encadeada a um cadáver." O que importava era a alma, o espírito do homem; o corpo não interessava. Isto dava como resultado duas atitudes. Ou dava origem ao mais rigoroso ascetismo no qual tudo se realizava para dominar e humilhar os desejos e instintos do corpo. Ou — e em Corinto prevalecia a segunda atitude — significava que visto que o corpo não importava, podia-se fazer o que se quisesse com ele: podia-se deixá-lo saciar e satisfazer os seus apetites. Não interessava absolutamente. Se o que interessa é a alma, diziam, então não tem importância o que o homem faça com seu corpo.

O que complicava isto era a doutrina da liberdade cristã que Paulo pregava. Se o homem cristão era o mais livre de todos, não está livre para fazer o que desejar, especialmente com esse corpo tão insignificante que lhe pertence? De modo que — argumentavam os coríntios — de uma maneira que consideravam muito sábia, era preciso deixar que o corpo fizesse o que quisesse. Mas o que é o que o corpo quer? O estômago foi criado para a comida e a comida para o estômago, diziam os coríntios. Comida e estômago inevitável e naturalmente vão lado a lado. Precisamente da mesma maneira — diziam — o corpo estava feito para seus instintos, está feito para o ato sexual e este está feito para ele; portanto era preciso deixar que os desejos do corpo seguissem seu caminho.

A resposta de Paulo é clara. O estômago e a comida são coisas passageiras; chegará o dia em que ambos passarão. Mas o corpo, a personalidade, o homem como uma totalidade não perecerá, foi criado para unir-se com Cristo neste mundo e estreitar esta união no além.

Cristo e todo o homem estão inevitavelmente relacionados. O que acontece então se o homem fornicar? Entrega seu corpo a uma rameira, pois as Escrituras dizem que o ato sexual faz com que duas pessoas sejam uma só carne. Esta é uma citação de Gênesis 2:24. O que quer dizer que o corpo que pertence a Cristo foi literalmente prostituído

Lembremos que Paulo não está escrevendo um tratado sistemático, está pregando, rogando com um coração fogoso e com uma língua que está disposta a utilizar todos os argumentos que possa. Diz que de todos os pecados, a fornicção é aquele que afeta ao corpo do homem e o ofende. Agora, isto não é estritamente certo — o alcoolismo pode fazer o mesmo. Mas Paulo não escreve para satisfazer a um examinador, está suplicando para que os coríntios se salvem em corpo e em alma, de modo que aduz que os outros pecados são externos ao homem, enquanto que neste está pecando contra seu próprio corpo, aquele que está destinado a unir-se a Cristo.

E finalmente realiza um último chamado. Devido ao fato de que o espírito de Deus habita em nós, convertemo-nos em templos de Deus; e se isto é assim nossos corpos são sagrados. E o que é mais — Cristo morreu não para salvar uma parte do homem, mas sim a sua totalidade, salvá-lo em corpo e espírito. Cristo deu sua vida para outorgar ao homem uma alma redimiua e um corpo puro. E devido a isto o corpo do homem não é sua propriedade com a qual pode fazer o que deseja, pertence a Cristo, e o homem deve utilizar esse corpo não para satisfazer seus próprios apetites, mas sim para a glória do Salvador.

Há dois grandes pensamentos nisto.

(1) Paulo insiste em que, apesar de estar livre para fazer o que deseja, não deixará que nada o domine. Uma das grandezas da fé cristã é que não liberta o homem para pecar, mas sim para que não o faça. É muito fácil deixar que hábitos, práticas e formas de vida nos dominem, mas a força cristã nos permite dominá-los. Quando um homem experimenta realmente o poder cristão se converte, não em um escravo de seu corpo, de seus instintos e de seus desejos, mas sim em amo dos

mesmos. Muitas vezes o homem diz "Farei o que me agrada", quando em realidade quer dizer que acessará o hábito ou a paixão que o domina; só quando o homem tem a força de Cristo nele pode dizer real e verdadeiramente: "Farei o que quiser", e não, "Satisfarei as coisas que me dominam."

(2) Paulo insiste em que não nos pertencemos. Não existe no mundo um homem que se criou a si mesmo. Não podemos fazer nada que só nos faça sofrer. O cristão não pensa em seus direitos, mas sim em seus deveres. Nunca pode fazer o que lhe agrada devido ao fato de que não se pertence a si mesmo, deve fazer sempre o que Cristo deseja, devido ao fato de que ele o comprou com sua vida.

Na seção de nossa carta que está compreendida entre os caps. 7 a 15 Paulo se dedica a responder uma série de perguntas e a tratar certos problemas sobre os quais a Igreja de Corinto lhe pediu conselho. Começa a seção dizendo: "Quanto ao que me escrevestes..." Em linguagem moderna diríamos: "Com referência à sua carta."

Daremos um esboço do problema à medida que o consideremos. O capítulo 7 trata de uma série de problemas com respeito ao *casamento*.

Este é um resumo dos assuntos sobre os quais a Igreja de Corinto desejava o conselho de Paulo.

Versículos 1 e 2: Conselho para os que pensam que os cristãos não deveriam casar.

Versículos 3-7: Conselho para aqueles que sustentam que até aqueles que estão casados deviam abster-se de manter relações sexuais.

Versículos 8 e 9: Conselhos para os solteiros e as viúvas.

Versículos 10 e 11: Conselho para os que pensam que os casados deviam separar-se.

Versículos 12-17: Conselho para os que pensam em se os casamentos entre um cristão e um pagão teriam que dissolver-se.

Versículos 18 e 24: Instruções para viver a vida cristã em qualquer estado civil.

Versículo 25 e versículos 36-38: Conselhos a respeito das virgens.

Versículos 26-35: Exortação a que nada impeça o concentrar-se no serviço de Cristo, devido ao fato de que o tempo é curto e Cristo virá muito em breve outra vez.

Versículos 38-40: Conselhos para os que desejem voltar a casar-se.

Devemos estudar este capítulo tendo em conta firmemente dois aspectos:

(1) Paulo está escrevendo a Corinto, que era a cidade mais imoral do mundo. Para viver numa situação e num meio como esse, era muito melhor ser muito estrito que ser muito frouxo.

(2) O que domina e dita cada uma das respostas de Paulo é a convicção de que a segunda vinda de Cristo ia ser imediata. Não se realizou esta expectativa. Mas Paulo estava convencido de que estava aconselhando para uma situação puramente transitiva. Podemos estar seguros de que em muitos casos seus conselhos teria sido algo distintos se tivesse visualizado uma situação permanente. Agora consideremos o capítulo em detalhe.

1 Coríntios 7

Completo ascetismo - 7:1-2

O companheirismo no casamento - 7:3-7

O vínculo que não se deve romper - 7:8-16

Servindo a Deus onde Ele nos pôs - 7:17-24

Conselho prático sobre um problema difícil - 7:25, 36-38

O tempo é curto - 7:26-35

Um novo casamento - 7:39-40

COMPLETO ASCETISMO

1 Coríntios 7:1-2

Já vimos que no pensamento grego havia uma forte tendência a desprezar o corpo e as coisas do corpo. Essa tendência podia dar lugar a uma posição em que os homens dissessem: "O corpo não tem

importância absolutamente; portanto podemos fazer o que quisermos com ele; pelo qual dá no mesmo deixar que ajam livremente seus instintos e apetites." Mas essa mesma tendência podia dar lugar a uma perspectiva totalmente oposta. Podia fazer com que o homem dissesse: "O corpo é pecaminoso, portanto devemos sujeitá-lo; devemos destruir, e se isso não é possível, negar completamente, todos os instintos e desejos naturais do corpo."

Paulo se refere a esta outra forma de ver as coisas nesta passagem. Os coríntios, ou ao menos alguns deles, tinham sugerido que se um homem queria ser cristão no sentido mais completo da palavra, devia rechaçar todo o físico, e negar-se a contrair casamento.

A resposta de Paulo foi muito prática. Com efeito disse: "Lembrem o lugar em que estão vivendo; lembrem que vivem em Corinto onde não se pode andar pelas ruas sem ser tentado. Lembrem que contam com uma constituição física e instintos sãos que a natureza lhes outorgou. Farão muito melhor em se casar que em cair no pecado."

Esta pareceria uma pobre consideração do casamento. Era como se Paulo aconselhasse o casamento para evitar um destino pior. Em realidade está enfrentando os atos de maneira severa e honesta. Está estabelecendo uma lei que é universalmente certa. Ninguém teria que tentar levar uma vida para a qual a natureza não o preparou, ninguém teria que empreender um caminho no qual se rodeou deliberadamente de tentações. Paulo sabia muito bem que nem todos os homens estavam feitos da mesma maneira. Disse: "Examinem-se a si mesmos e escolham o modo de vida em que considerem que poderão viver melhor como cristãos, e não tentem obter um nível antinatural impossível e até equivocado sendo tais como são "

O COMPANHEIRISMO NO CASAMENTO**1 Coríntios 7:3-7**

Esta passagem surge de uma sugestão procedente de Corinto, que dizia que se os casados queriam ser realmente cristãos deviam abster-se de manter relações sexuais. Esta é outra manifestação da linha de pensamento que considerava o corpo e todos seus instintos e desejos como essencialmente pecaminosos. Disto Paulo extrai um grande princípio. O casamento é uma sociedade. O marido não pode agir independentemente de sua mulher, nem esta de seu marido. Devem agir sempre juntos. O marido não deve considerar nunca a sua mulher como um meio para gratificação, deve considerar o casamento como uma relação tanto física como espiritual, como algo no que ambos encontram gratificação e a satisfação mais plena de todos seus desejos. Em tempos de disciplina especial, de prolongada e fervente oração, poderia convir deixar de lado todas as coisas do corpo, mas isso deve fazer-se de mútuo acordo e só por um tempo, ou seria simplesmente dar lugar a uma situação que facilitaria a tentação.

Mais uma vez Paulo parece menosprezar o casamento. Este — sugere — não é um mandamento ideal, é uma considerada concessão à fraqueza humana. Preferiria como ideal que todos fossem como ele. Como era ele? Só podemos deduzi-lo.

(1) Podemos estar bastante seguros que em algum momento Paulo esteve casado. Podemos estar nos baseando em informação geral. Paulo era um rabino e ele mesmo destacava que não tinha faltado a nenhum dos deveres que a lei e a tradição judias estabeleciam. As crenças ortodoxas judias consideravam o casamento como uma obrigação. Se um homem não se casava e não tinha filhos se dizia que havia "matado a sua posteridade", "que tinha diminuído a imagem de Deus no mundo". Dizia-se que sete eram excomungados do céu, e a lista começava com "O judeu que não tem esposa; ou que tem esposa mas não filhos". Deus havia dito: "Crescei e multiplicai-vos", e portanto ao não casar-se nem ter filhos se

estava transgredindo um mandamento positivo de Deus. Considerava-se que a idade para contrair matrimônio era dezoito anos; e portanto é extremamente improvável que um judeu tão ortodoxo e devoto como tinha sido Paulo não se casou..

(2) Também há evidências de que Paulo tinha estado casado em informações particulares. Deve ter sido membro do Sinédrio porque disse que tinha votado contra os cristãos (Atos 26:10). Era obrigação que os membros do Sinédrio estivessem casados, devido ao fato de que se pensava que os homens casados eram mais misericordiosos. Pode ser que a esposa de Paulo tivesse morrido; mais provável ainda é que o tivesse abandonado e destruído seu lar quando se fez cristão, de modo que em realidade ele tinha deixado tudo por Cristo. De qualquer maneira apagou essa parte de sua vida para sempre e nunca mais se casou. Um homem casado não poderia ter vivido viajando como o fez Paulo. Seu desejo de que outros agissem idealmente como ele provém do fato de que esperava que a Segunda Vinda se produzira logo; o tempo era curto e as ataduras terrestres e as coisas físicas não deviam importar nem interferir. Em realidade, não é que Paulo despreze o casamento; o que acontece é que está insistindo em que o homem deve concentrar-se em estar preparado para a vinda de Cristo.

O VÍNCULO QUE NÃO SE DEVE ROMPER

1 Coríntios 7:8-16

Esta passagem se refere a três grupos diferentes de pessoas.

(1) Refere-se aos solteiros ou aos viúvos. Dentro das circunstâncias de uma era, que como Paulo pensava, estava chegando a seu fim, seria melhor que permanecessem tal qual estavam; mas mais uma vez, adverte-os que não devem cortejar a tentação, nem prolongar uma situação que seria muito perigosa para eles. Se sua natureza for naturalmente apaixonada devem casar-se. Paulo estava sempre seguro de

que ninguém pode estabelecer uma norma comum para todos. Tudo depende das pessoas envolvidas.

(2) Refere-se àqueles que estão casados. Paulo proíbe o divórcio e o faz sobre a base de que Jesus o proibia (Marcos 10:9; Lucas 16:18). Se existir tal separação, Paulo proíbe um novo casamento. Pode nos parecer uma doutrina severa, mas em Corinto com sua lassidão característica, era melhor que as normas fossem tão altas que nada pertencente à vida relaxada pudesse entrar na Igreja.

(3) Refere-se ao casamento de crentes e não crentes. Paulo deve dar seu próprio ponto de vista sobre este aspecto, devido ao fato de que não podia referir-se a nenhum mandamento definido de Jesus. A raiz de tudo isto é que devia haver alguns em Corinto que consideravam que um crente não devia viver com um que não o fosse; e que, se um membro do casal se convertia e o outro continuava sendo pagão, deviam separar-se. Em realidade uma das grandes queixas dos pagãos contra o cristianismo era precisamente o que destruía as famílias e era uma influência desorganizadora da sociedade. Uma das primeiras acusações que surgiram contra o cristianismo foi a de "entremeter-se nas relações domésticas" (1 Pedro 4:15.).

Algumas vezes os cristãos tomavam posições muito altivas. "Quais são seus pais?", perguntou o juiz a Luciano de Antioquia. "Sou cristão", respondeu Luciano, "e os únicos parentes dos cristãos são os santos."

Sem dúvida alguma os casamentos mistos traziam problemas. Tértulo escreveu um livro a respeito deles em que descreve a um marido pagão que está zangado com sua esposa cristã porque "por visitar os irmãos vai pelas ruas às casas de outros homens, em especial pobres ... Não se permite estar ausente toda a noite em reuniões noturnas nem nas celebrações pascais... nem que vá à prisão para beijar as ataduras de um mártir, nem sequer que beije a alguns dos irmãos." (Na igreja primitiva os cristãos se saudavam com o beijo sagrado da paz.) Em realidade, é difícil não compreender o marido pagão. Paulo se referiu ao problema com uma grande sabedoria prática. Conhecia as dificuldades e

se negou a aumentá-las e exacerbá-las. Disse que se os dois podiam concordar em viver juntos devia permitir-se que o fizessem, mas se desejavam separar-se e encontravam intolerável o viver juntos, devia permitir-se que o fizessem, visto que um cristão não devia ser escravo

Paulo diz duas coisas que têm um valor permanente.

(1) Pensa com amor que o membro do casal que não crê é consagrado pelo crente. Eles duas são uma só carne e o maravilhoso é que nesses casos a graça do cristianismo ganha a vitória e não a corrupção do paganismo. Há algo ao redor do cristianismo que envolve a todos os que estão em contato com ele. Um menino nascido em um lar cristão, até em um lar em que um só dos pais é cristão, nasceu na família de Cristo. Num casamento entre um crente e um não crente, não é aquele que crê o que entra em contato com o reino de pecado, é o não crente o que entra em contato com o reino da graça.

(2) Também pensa com amor que esta associação pode ser o meio para salvar a alma do membro não crente do casal. Para Paulo a evangelização começava em casa. O não crente não devia ser considerado como algo impuro que era preciso evitar com repulsa, mas sim como outro filho que devia ser ganho para Deus. Paulo sabia que felizmente é certo que muitas vezes o amor humano levou ao amor de Deus.

SERVINDO A DEUS ONDE ELE NOS PÔS

1 Coríntios 7:17-24

Paulo estabelece nesta passagem uma das primeiras regras do cristianismo. "Seja cristão onde você está." Deve ter ocorrido muitas vezes que quando um homem se convertia ao cristianismo desejava deixar seu trabalho, romper com o círculo dentro do qual se movia, e começar uma nova vida. Mas Paulo insistia em que a função do cristianismo não era outorgar ao homem uma nova vida, mas sim renovar sua velha vida. Que o judeu continue sendo judeu, o gentio,

gentio; a raça e as distinções raciais não importavam. O que importava era a classe de vida que levava. Muito tempo atrás os cínicos tinham insistido em que um verdadeiro homem nunca podia ser escravo por natureza embora o fosse em sua posição; e que um homem falso nunca pode ser realmente livre, mas sim sempre é um escravo. Paulo lhes recorda que escravo ou livre, o homem é um escravo de Cristo devido ao fato de que Ele o comprou por um preço.

Paulo tem em mente uma imagem. No mundo antigo era possível que um escravo com grandes esforços comprasse sua liberdade. Ele o fazia da seguinte maneira. No pouco tempo livre que tinha realizava diversas tarefas e ganhava umas quantas moedas. Seu amo tinha direito a reclamar uma comissão até sobre esses pobres lucros. Mas o escravo depositava todas as suas moedas no templo de algum Deus. Assim, possivelmente ao cabo de muitos anos, podia comprar com o dinheiro que tinha depositado no templo. Quando isso acontecia se dirigia ao templo com seu amo; e o sacerdote lhe entregava o dinheiro, e depois simbolicamente o escravo se convertia em propriedade do deus e portanto livre de todos os homens. É nisto que pensa Paulo. O cristão foi comprado por Cristo, portanto é propriedade pessoal do Senhor; não importa qual seja sua posição, é livre perante todos os homens porque é propriedade de Jesus Cristo.

Isso é o que quer dizer Paulo nesta passagem. Insiste em que o cristianismo não faz com que o homem se rebele e se mostre queixosamente descontente com as coisas como são; faz com que em qualquer lugar que estiver, comporte-se como um escravo de Cristo. Até a tarefa mais pequena não se faz para os homens mas sim para Cristo.

CONSELHO PRÁTICO SOBRE UM PROBLEMA DIFÍCIL

1 Coríntios 7:25,36-38

Os versículos do 25 aos 38 embora formem um só parágrafo, em realidade se dividem em duas partes, que é melhor examinar

separadamente. Os versículos 25 e 36-38 se referem ao problema da virgindade, enquanto que os versículos que estão entremeio nos dão a razão pela qual se devem aceitar os conselhos de todo o capítulo. Esta seção com respeito à *virgindade* foi sempre problemática. Foi-lhe dado três explicações diferentes.

(1) Foi considerado simplesmente como um conselho aos pais com respeito ao casamento de suas filhas solteiras, mas não é assim; e é difícil entender por que Paulo teria empregado a palavra *virgem*, se queria dizer *filha*, e que um pai falasse de sua *virgem* em lugar de sua *filha*. Seria uma estranha maneira de falar.

(2) Considerou-se que trata um problema que mais adiante se agravou e que mais de um Concílio da Igreja encarou e tentou proibir. Certamente mais tarde surgiu o costume de que um homem e uma mulher vivessem juntos compartilhando a mesma casa e até o mesmo leito, sem manter relações físicas entre si. A idéia era que se podiam disciplinar-se para compartilhar a vida espiritual em tal intimidade sem permitir que o corpo entrasse absolutamente em sua relação, era algo especialmente meritório. Podemos entender a idéia que está atrás disto, o intento de limpar as relações humanas de toda paixão e de todas as coisas terrestres, mas está bem claro quão perigosa era esta prática, e como, em mais de uma ocasião deve ter engendrado uma situação impossível. Em tal relação, em épocas posteriores, a mulher era conhecida como a virgem do homem. Bem pode ser que este costume tivesse surgido na Igreja de Corinto. Se for assim, e em realidade pensamos que foi, o que Paulo está dizendo é o seguinte: "Se vocês podem manter essa difícil situação, se sua disciplina pessoal e domínio próprio são suficientes para mantê-la, então certamente vocês devem fazê-lo, e é melhor fazê-lo; mas, se vocês tentaram fazê-lo, e acharam que é uma carga muito pesada para a natureza humana, abandonem e se casem, e o fazê-lo não será um descrédito para vocês."

(3) Embora pensamos que esta é a interpretação correta desta passagem, há uma modificação que deve ser levada em conta. Sugere-se

que havia em Corinto homens e mulheres que se casaram de acordo com a cerimônia, mas que tinham decidido não consumir seu matrimônio, mas sim viver em absoluta continência para dedicar-se totalmente à vida espiritual. Fazendo tal coisa, bem pode ser que descobrissem que o que tinham planejado era uma carga muito pesada para eles. Neste caso, Paulo lhes diria: "Se podem manter seu voto, farão muito bem, mas se não puderem, admitam francamente e mantenham relações normais entre vocês." Para nós toda a relação parece perigosa, anormal e até equivocada, e em realidade o era; e em seu momento a Igreja se viu obrigada a considerá-la como tal. Mas dada a situação, o conselho de Paulo é sábio. Em realidade diz três coisas.

(1) A disciplina pessoal e a continência são excelentes. Qualquer meio pelo qual o homem se domine a si mesmo até dominar perfeitamente cada paixão é algo excelente; mas sempre devemos lembrar que não é parte da tarefa cristã eliminar os instintos e as paixões naturais do homem; pelo contrário, o cristão as utiliza para a glória de Deus.

(2) Paulo em realidade diz: "Não façam de sua religião algo antinatural." Em última instância esta é a falta que cometem os monges, os ermitões e as monjas. Escolhem deliberadamente um modo de vida que é anormal; consideram necessário eliminar os sentimentos naturais do ser humano para ser verdadeiramente religiosos; consideram necessário separar-se da vida normal para servir a Deus. Devemos sempre lembrar que o cristianismo não surgiu para abolir a vida comum e normal, mas sim para elevá-la.

(3) No final Paulo diz "Não façam de sua religião uma agonia.

Collie Knox nos relata que quando jovem, achava que a religião era uma carga e lhe ocasionava tensões; e nos conta como uma vez um capelão muito querido se aproximou dele, e pondo sua mão sobre seu ombro lhe disse "Jovem Knox, não faça uma agonia de sua religião."

Diz-se que Burns se "sentia acochado em vez de ajudado por sua religião". Ninguém tem que envergonhar-se do corpo que Deus lhe deu,

nem do coração, nem dos instintos, nem das paixões, que devido à criação de Deus habitam nele. O cristianismo lhe ensinará, não como eliminá-los, mas sim como utilizá-los de tal maneira que a paixão seja pura e o amor humano o mais nobre em todo mundo de Deus.

O TEMPO É CURTO

1 Coríntios 7:26-35

É uma lástima que Paulo não começasse este capítulo com esta seção devido ao fato de que transmite a medula e a essência de sua posição. Através de todo o capítulo deve nos ter parecido que Paulo estava menosprezando o casamento. Várias vezes dava a idéia de que o permitia só como uma concessão, e como se o concedesse para evitar o adultério e a fornicação, como se fosse um mal menor. Vimos que os judeus exaltavam o casamento e o consideravam um dever sagrado.

Segundo a tradição judaica só havia uma razão válida para não casar-se. O Rabino Ben Azai perguntou: "Por que tenho que me casar? Estou apaixonado pela lei; que outros se ocupem da continuidade da raça humana." No mundo grego, Epicteto, o filósofo estóico, nunca se casou. Dizia que fazia muito mais pelo mundo sendo um professor que se tivesse produzido dois ou três "mucosos de nariz torcido". "Como pode uma pessoa cuja função é ensinar a humanidade", perguntava, "correr para buscar em que esquentar a água para banhar o bebê?"

Mas esse não era o ponto de vista judeu e por certo tampouco era o cristão. Paulo tampouco o compartilhava. Anos mais tarde quando escreveu sua Carta aos Efésios tinha mudado, pois então utiliza a relação entre o homem e a mulher como tipo e símbolo e sinal da relação entre Cristo e a Igreja (Efésios 5:22-26). Quando escreveu aos coríntios todo o pensamento de Paulo estava dominado pelo fato de que esperava a Segunda Vinda de Cristo imediatamente e em qualquer momento. Está estabelecendo uma legislação de crise. "O tempo é curto." Cria que Cristo voltaria tão logo, que se devia deixar tudo de lado em um

tremendo esforço por concentrar-se na preparação para sua chegada. d Devia-se deixar de lado a atividade humana mais importante e a relação mais apreciada, se ameaçavam interromper ou debilitar essa concentração. O homem não deve ter ataduras que o retenham quando Cristo lhe pede que se levante e ande. Só deve pensar em agradar a Cristo. Paulo nunca teria escrito isto se tivesse pensado que tanto ele como os conversos estavam vivendo em uma situação permanente. Quando escreveu aos efésios já tinha consciência de que a situação humana era permanente e considerou o casamento como a relação mais preciosa dentro dela, a única relação que podia comparar-se levemente com a relação entre Cristo e sua Igreja.

Nós devemos pensar que o lar é o lugar que nos outorga duas coisas. Ali encontramos a oportunidade mais nobre para viver como cristãos; e a tristeza é que muitas vezes se converte no lugar em que pretendemos ter o direito de ser tão briguentos, críticos e grosseiros como queremos, e onde pretendemos tratar àqueles que amamos de uma maneira que nunca usaríamos com estranhos. Também é o lugar de cujo descanso e doçura extraímos a força para viver na forma mais aproximada possível de como deveríamos viver.

Paulo neste capítulo considera o casamento como um mal menor devido ao fato de que cria que a vida tal como a conhecemos tinha poucos dias de prazo, mas chegou o dia em que o considerou a relação mais bela que existe sobre a Terra.

UM NOVO CASAMENTO

1 Coríntios 7:39-40

Paulo ainda sustenta seu ponto de vista. O casamento é uma relação que só pode terminar com a morte. O segundo casamento é perfeitamente permissível, mas Paulo preferiria que a viúva ficasse viúva. Sabemos agora que falava à luz da situação crítica em que pensava que estavam vivendo seus leitores.

Em muitos sentidos, um segundo casamento é o carinho mais elevado que aquele que sobrevive pode outorgar ao que já se foi; pois significa que sem o casal a vida é tão solitária que se torna insuportável; significa que com ele ou ela o estado matrimonial foi tão feliz que se está disposto a entrar nele novamente sem temor. Longe de ser um ato desrespeitoso, pode ser considerado como uma honra ao que faleceu.

Paulo estabelece uma condição — deve ser um casamento no Senhor. Deve realizar-se entre cristãos. Raramente um casamento misto terá êxito. Faz muito tempo Plutarco, o velho sábio grego, disse: "O casamento não poderá ser feliz se os maridos não compartilharem a mesma religião". O amor supremo chega quando duas pessoas se amam entre si, e quando seu amor se vê santificado por um amor comum em Cristo. Devido ao fato de que então não só vivem juntos, senão que também oram juntos; e a vida e o amor se combinam para ser um ato contínuo de adoração a Deus.

Os capítulos 8, 9 e 10 se referem a um problema que nos pode parecer extremamente remoto, mas que era intensamente real para os cristãos de Corinto, Para eles era um problema que exigia uma solução. Perguntavam-se se deviam comer ou não a carne oferecida aos deuses. Antes de começar a estudar estes capítulos em detalhe, faríamos bem em expor o problema e considerar em linhas gerais as soluções que Paulo oferece para os distintos casos, segundo sua incidência na vida.

O sacrifício aos deuses era uma parte integral da vida na antigüidade. Podia ser de dois tipos: público ou privado. Em nenhum dos dois casos se consumia todo o animal sobre o altar. A maioria das vezes só se queimava uma mostra do mesmo às vezes tão pequena como uma mecha de cabelo cortado da nuca da vítima. No sacrifício *privado* o animal era dividido em três partes. Primeiro se queimava a parte simbólica no altar. Em segundo lugar, os sacerdotes recebiam como direito uma porção que compreendia as costelas, a coxa e o lado esquerdo da cara. Em terceiro lugar, a pessoa que oferecia o sacrifício recebia o resto da carne. Com ela oferecia um banquete. Isto se fazia

especialmente quando se celebravam casamentos. Algumas vezes estas festas se realizavam na casa do anfitrião e outras no templo do deus ao qual se tinha feito o sacrifício.

Temos por exemplo um papiro com um convite a comer que diz o seguinte: "Antônio, filho de Ptolomeu, convida-os para jantar com ele na mesa de nosso Senhor Serapis". Serapis era o deus a quem se havia sacrificado. O problema que os cristãos deviam enfrentar era: "Podiam tomar parte de tal festa? Podiam levar à boca a carne que tinha sido oferecida a um ídolo, a um deus pagão?" Se não podiam, obviamente teriam que deixar de assistir a todos os eventos sociais. No sacrifício *público*, ou seja o sacrifício devotado pelo Estado, que era muito comum, depois de a quantidade simbólica de carne requerida ser queimada, e depois de os sacerdotes terem recebido sua parte, dava-se o resto da carne aos magistrados e a outros. O que estes não necessitavam o vendiam aos mercados; e portanto, até a carne que comprava neles podia já ter sido oferecida a um ídolo e a um deus pagão. Desta perspectiva nunca se sabia quando se poderia estar comendo carne que fazia parte de um sacrifício a um ídolo.

O que complicava tudo ainda mais era o seguinte: nesse então se cria forte e pavorosamente em demônios e diabos. O ar estava cheio deles e sempre estavam buscando a maneira de introduzir-se no corpo de um homem, e, se o conseguiam, danificavam seu corpo e desequilibravam sua mente. Uma das formas em que estes espíritos penetravam era através das comidas; estabeleciam-se na comida enquanto o homem comia e entravam nele. Uma das maneiras de evitar isto era dedicar a carne a algum deus bom; e a presença do deus bom na carne levantava uma barreira contra os espíritos malignos. Por essa razão, dedicavam-se quase todos os animais aos deuses antes de matá-los; e, se não se o fazia, a carne era bendita no nome de um deus antes de comê-la, como defesa. Portanto, quase não se podia comer carne que não estivesse relacionada em uma ou outra forma com um deus pagão.

Podiam comê-la os cristãos? Esse era o problema, e em realidade, embora agora nos pareça um assunto muito remoto, que só a um antiquário pôde interessar, o fato é que para os cristãos em Corinto e em qualquer cidade grega, era um problema que concernia a toda sua vida, e que tinha que ser solucionado em uma forma ou outra.

Os conselhos que dá Paulo se dividem em seções diferentes.

(1) No capítulo 8 estabelece o princípio de que, por muito que o cristão forte e iluminado se creia livre da infecção dos ídolos pagãos, embora creia que o ídolo é o símbolo de algo que não existe absolutamente, não deve fazer nada que machuque, danifique ou assombre a consciência de um irmão cuja mente não está tão esclarecida nem é tão forte como a sua.

(2) No capítulo 9 se refere àqueles que invocam os princípios da liberdade cristã. Assinala que ele tem liberdade para fazer muitas coisas, mas se abstém de fazê-las pelo bem da Igreja. Tem plena consciência da liberdade cristã, mas também tem plena consciência da responsabilidade cristã.

(3) No capítulo 10:1-13 se refere àqueles que declaram que seu conhecimento cristão e sua posição privilegiada os salvam de qualquer infecção. Cita o exemplo dos israelitas que tinham todos os privilégios do Povo Eleito por Deus e, no entanto, caíram no pecado.

(4) No capítulo 10:14-22 utiliza o argumento de que qualquer homem que se sentou à mesa do Senhor não pode fazê-lo à mesa de um deus pagão, embora esse deus não seja nada. Há algo essencialmente equivocado em levar à boca a carne oferecida a um deus falso, sendo que essa boca comeu o sangue e o corpo de Jesus Cristo.

(5) No capítulo 10:23-26 aconselha a não exagerar as coisas. Pode-se comprar em qualquer posto o que se oferece, sem fazer perguntas.

(6) No capítulo 10:27, 28 se refere ao problema do que se deve fazer nas casas particulares. Nelas o cristão comerá o que lhe ponham diante, sem fazer perguntas; mas se lhe informam, deliberadamente, que

a carne que está em seu prato foi parte de um sacrifício pagão, será um desafio à sua posição como cristão e se negará a comê-la.

(7) Finalmente em 10:29—11:1, Paulo estabelece se princípio de que a conduta do cristão deve estar por cima de toda recriminação e no possível não deve ofender nem aos judeus nem aos que não o são. É melhor sacrificar os seus direitos que permitir que estes se convertam em uma ofensa.

Agora podemos passar a considerar os capítulos em detalhe.

1 Coríntios 8

Conselho aos sábios - 8:1-13

CONSELHO AOS SÁBIOS

1 Coríntios 8:1-13

Vimos que era virtualmente impossível viver em uma cidade grega sem enfrentar-se diariamente com o problema de comer carne que tinha sido oferecida em sacrifício aos ídolos ou aos deuses pagãos. Para alguns dos coríntios este assunto não representava um problema. Sustentavam que seu conhecimento superior lhes tinha ensinado que os deuses pagãos não existiam, e que portanto era possível que um cristão comesse sem remorso carne que tinha sido oferecida aos ídolos. Em realidade Paulo tem duas respostas para este assunto. Uma delas não aparece até o capítulo 10:20. Nessa passagem Paulo esclarece que apesar de que ele está de acordo com que esses deuses pagãos não existem, sentia que os espíritos e os demônios existiam, e que em realidade se ocultavam atrás dos ídolos e os utilizavam para desviar os homens da adoração do verdadeiro Deus. Mas nesta passagem Paulo utiliza um argumento muito mais simples. Diz que em Corinto havia aqueles que durante toda sua vida, até o momento, tinham crido sinceramente nos ídolos e nos deuses pagãos, e esses homens, de espírito simples, ainda não podiam libertar-se totalmente dos ressaibos da crença em que um ídolo em realidade

significava algo, apesar de ser falso. Estes homens teriam remorsos de consciência cada vez que comessem dessa carne. Não poderiam evitá-lo; instintivamente sentiriam que estavam fazendo algo mau. Assim, pois, Paulo argumenta dizendo que se fosse estabelecido que não há perigo em comer carne que foi oferecida aos ídolos se estaria danificando, ofendendo e confundindo a consciência dessas pessoas. E seu argumento final é que, embora algo nos pareça sem importância, se machuca a outros, devemos deixar o de lado, devido ao fato de que um cristão nunca deve fazer nada que seja pedra de tropeço para seus irmãos.

Nessa passagem que se refere a coisas tão remotas há três grandes princípios que consideramos eternamente válidos.

(1) O que é seguro para um homem pode não sê-lo para outro. Tem-se dito, e é certo, que Deus tem sua própria escada secreta para entrar em cada coração; e é igualmente certo que o diabo tem também sua própria escada secreta e ardilosa. Pode ser que sejamos o suficientemente fortes para resistir certo tipo de tentações, mas também pode ser que outros não o sejam. Pode ser que existam coisas que para nós não representem uma tentação mas que sim sejam tentações violentas para outros, e portanto, ao considerar se faremos ou não uma coisa, devemos pensar não só em seu efeito em nós mas também em outros.

(2) Não terei que julgar nada, unicamente do ponto de vista do conhecimento, terei que fazê-lo tendo em conta o amor. O argumento dos coríntios mais adiantados era que consideravam o ídolo como nada, seus conhecimentos os levaram a superar a idolatria. Sempre existe certo perigo no conhecimento. Tende a que o homem seja arrogante; tende a que se sinta superior e despreze o homem que não está tão adiantado como ele; tende a fazê-lo desconsiderado com aqueles que considera ignorantes. Mas o ter consciência de uma superioridade intelectual é algo perigoso. Nossa conduta deveria ser guiada sempre não pelo pensamento de que sabemos mais, mas sim pelo amor considerado e benévolo por nosso próximo. E bem pode ser que por ele tenhamos que deixar de fazer e dizer coisas que bem poderíamos fazer e dizer

(3) Tudo isto nos leva à verdade maior de todas. Ninguém tem direito a reclamar um direito, recorrer a um capricho, ou exigir uma prerrogativa que possa ser a ruína de outrem. Pode ser que conte com a força e a vontade para manter-se em seu lugar; mas não só deve pensar em si mesmo; deve pensar no irmão mais fraco. Um prazer que possa ser a ruína de outrem não é um prazer, é um pecado.

1 Coríntios 9

Privilégios não reclamados - 9:1-14

O privilégio e a tarefa - 9:15-23

Uma verdadeira luta - 9:24-27

PRIVILÉGIOS NÃO RECLAMADOS

1 Coríntios 9:1-14

À primeira vista este capítulo parece bastante desligado do anterior, mas em realidade não o está. Seu objetivo reside no seguinte: os coríntios que se consideravam cristãos amadurecidos e adiantados tinham declarado que se encontravam em uma posição tão privilegiada que tinham liberdade para comer carne oferecida aos ídolos se assim o desejavam. Pensavam que sua liberdade e privilégios cristãos lhes outorgavam uma posição especial na qual podiam fazer coisas que estavam proibidas para homens inferiores a eles. A forma em que Paulo responde a este argumento é expondo os muitos privilégios que ele mesmo tinha direito a reclamar, mas que não reclamava para não convertê-los em pedras de tropeço para outros nem em estorvo para a efetividade do evangelho.

Primeiro, Paulo declara ser um apóstolo, posição que imediatamente o colocava em uma posição privilegiada. Utiliza dois argumentos para provar a veracidade de seu apostolado.

(1) *Viu ao Senhor*. Várias vezes o Livro dos Atos esclarece que a prova principal de um apóstolo é que é testemunha da Ressurreição

(Atos 1:22, 2:32; 3:15; 4:33). Isto é de tremenda importância. A fé, no Novo Testamento, muito raramente é fé ou submissão a um credo; trata-se quase sempre de fé em uma pessoa. Paulo não diz: “Sei *o que* tenho crido”, mas sim “Sei em *quem* tenho crido” (2 Timóteo 1:12). Quando Jesus chamou a seus discípulos não disse: “Eu gostaria que examinassem minha filosofia” nem “Eu gostaria que considerassem meu sistema ético” nem “Ofereçam-lhes uma declaração de fé que eu gostaria que discutissem”. Disse: “Sigam-me”. Todo o cristianismo começa com esta relação pessoal com Jesus Cristo. Ser cristão é conhecer Cristo pessoalmente. Como disse uma vez Carlyle ao ser eleito ministro: “O que esta Igreja precisa é alguém que não conheça Cristo de segunda mão.” Tudo começa com esta relação pessoal.

(2) Em segundo lugar Paulo destaca que seu *ministério foi efetivo*. Os próprios coríntios eram a prova disso. Chama-os seu *selo*. Na antiguidade o selo era de grande importância. Quando se enviava um carregamento de grão ou tâmaras ou coisas semelhantes, a última coisa que se fazia era selar os pacotes e sacos e caixas para demonstrar que seu conteúdo era genuinamente o que pretendia ser. Quando se realizava um testamento este era selado com sete selos, e não era considerado legalmente válido a não ser que fosse apresentado com os sete selos intactos. O selo garantia a autenticidade. A Igreja de Corinto garantia o apostolado de Paulo. A prova final de que um homem conhece Cristo é que pode atrair outros a Cristo.

Conta-se que uma vez um jovem soldado, internado em um hospital disse a Florência Nightingale enquanto atendia: “Você é Cristo para mim.” A realidade do cristianismo de alguém se demonstra melhor pelo fato de que ajuda outros a serem cristãos.

O privilégio que Paulo poderia ter reclamado era ser sustentado pela Igreja. Poderia tê-lo feito tanto para si mesmo como para sua esposa. Em realidade os outros apóstolos o faziam e recebiam esse sustento. Os gregos rechaçavam o trabalho manual, nenhum grego livre trabalharia voluntariamente com suas mãos. Aristóteles dizia que todos os homens

estavam divididos em duas classes: os cultos e sábios e os lenhadores e abacateiros que existiam unicamente para realizar tarefas servis para outros. Considerava que não só era terrivelmente equivocado, mas também estava mal tentar elevá-los e educá-los. Os inimigos de Sócrates e Platão os tinham vituperado devido ao fato de que não cobravam por ensinar, e portanto supunham que seus ensinamentos não valiam nada. É certo que todo rabino judeu devia ensinar gratuitamente e ter um ofício que lhe permitisse ganhar seu pão cotidiano; mas estes mesmos rabinos se encarregavam muito bem de inculcar o ensino de que não havia nada mais meritório que sustentar a um rabino. Se alguém desejava um bom lugar no céu a melhor maneira de assegurá-lo era cobrir todas as necessidades de um rabino. Paulo, com muito boa base, teria podido reclamar o privilégio de ser mantido pela Igreja.

Utiliza analogias humanas cotidianas. Nenhum soldado tem que buscar sua própria comida, então por que um soldado de Cristo que luta contra o mal tem que fazê-lo? O homem que planta uma vinha desfruta de seu produto. Não deveria acontecer o mesmo com o homem que funda uma igreja? O pastor de ovelhas obtém sua comida de seu rebanho. Não teria que fazer o mesmo o pastor cristão? As mesmas Escrituras dizem que o boi que trabalha moendo o grão não deve ter focinheira, mas se deve permiti-lo comer do grão (Deuteronômio 25:4). Como o faria qualquer rabino, Paulo alegoriza essa instrução e faz com que se aplique ao professor cristão.

O sacerdote que serve no Templo recebe sua parte das oferendas e vive delas. Isso era certo. No sacrifício grego, os sacerdotes, como já o vimos, recebiam as costelas, a coxa e a parte esquerda da cara. Mas é bom que também consideremos o que recebiam os sacerdotes no Templo de Jerusalém.

Havia cinco oferendas principais.

(1) *A oferta que se queimava*. Queimava-se íntegra menos o estômago, as vísceras e o tendão da coxa (cf. Gênesis 32:32). Mas até

neste caso os sacerdotes recebiam os couros, e realizavam um comércio florescente e lucrativo com eles.

(2) *A oferta pelos pecados.* Neste caso só se queimava a graxa sobre o altar e os sacerdotes recebiam toda a carne.

(3) *A oferta pelas transgressões.* Mais uma vez só se queimava a graxa e os sacerdotes recebiam toda a carne.

(4) *A oferta de comida.* Consistia em farinha, veio e azeite. Só se oferecia uma parte simbólica no altar; a maior parte correspondia aos sacerdotes.

(5) *A oferta de paz.* Queimavam-se no altar a gordura e as vísceras, os sacerdotes recebiam o peito e o ombro direito, o resto ficava em mãos do ofertante.

Os sacerdotes desfrutavam ainda de maiores privilégios.

(1) Recebiam *os primeiros frutos de sete classes distintas*: trigo, cevada, videira, figueira, granada, oliveira e mel.

(2) *O Terumah.* Esta era a oferenda dos frutos escolhidos de tudo o que crescia. Os sacerdotes tinham direito a ao redor de uma cinqüenta avos de todos os frutos.

(3) *O dízimo.* Tinha que oferecer o dízimo de "tudo o que pode ser utilizado como comida e cresce sobre a terra". Este dízimo pertencia aos levitas, mas os sacerdotes recebiam um dízimo do que correspondia aos levitas.

(4) *O Challah.* Ofertava-se uma massa sovada, feita de trigo, cevada, aveia ou centeio. Se fosse oferecida por um particular tinha que dar aos sacerdotes a parte vinte e quatro avos da mesma, se se tratava de um padeiro a parte quarenta e oito avos.

Agora tudo isto está por trás da negativa de Paulo a aceitar até um sustento básico da Igreja. Negava-se por duas razões.

(1) Os sacerdotes agiam de maneira vergonhosa. Enquanto que a família judia comum comia carne quando muito uma vez por semana, os sacerdotes sofriam de uma enfermidade profissional por comer muita

carne. Seus direitos, seus privilégios, o luxo em que viviam e sua rapacidade eram notórios. Paulo sabia muito bem. Sabia como usavam a religião como um meio para enriquecer-se e ele estava decidido a ir ao outro extremo e não aceitar nada. A lembrança da conduta dos sacerdotes e da má reputação que gozavam, fez com que Paulo se negasse a aceitar qualquer tipo de ajuda.

(2) A segunda razão era a independência de Paulo. Pode ser que a levasse muito longe, devido ao fato de que pareceria ferir os coríntios negando-se a aceitar uma ajuda. Mas Paulo era um desses seres independentes que preferem morrer de fome a depender de alguém.

Em última instância, uma coisa dominava a conduta de Paulo: Não fazer nada que desacreditasse o evangelho, nada que lhe estorvasse. Os homens sempre julgam uma mensagem pela vida e a personalidade da pessoa que a dá a conhecer, e Paulo estava decidido a ter as mãos limpas. Não estava disposto a permitir que nada em sua vida contradissera a mensagem de seus lábios. Uma vez uma pessoa disse a um pregador: "Não pude ouvir o que disse por ouvir o que você é." Ninguém jamais poderia ter dito isto respeito a Paulo.

O PRIVILÉGIO E A TAREFA

1 Coríntios 9:15-23

Nesta passagem encontramos uma espécie de esboço de toda a concepção de Paulo a respeito de seu ministério

(1) Considerava-o um *privilégio*. Não estava disposto a receber dinheiro por trabalhar para Cristo.

Um professor americano, ao aposentar-se de sua cadeira, pronunciou um discurso em que agradeceu a sua universidade por lhe ter pago o salário durante todos os seus anos de trabalho, sendo que ele prazerosamente teria estado disposto a pagar para poder desempenhar sua tarefa como o tinha feito. Isto não significa que o homem deva trabalhar gratuitamente; existem certas obrigações com as quais deve

cumprir e não pode fazê-lo por nada; mas sim significa que o homem não deve trabalhar simplesmente por dinheiro. Deve considerar seu trabalho não como uma carreira de acumulação, mas sim como uma oportunidade de serviço. Deve ver-se a si mesmo como uma pessoa cuja tarefa principal não é ajudar-se a si mesmo, mas sim cujo privilégio é poder servir a outros pela graça de Deus.

(2) Considerava-o um *dever*. Paulo pensava que se escolheu ser um pregador do evangelho poderia ter pedido legitimamente que lhe pagassem por seu trabalho; mas ele não escolheu essa tarefa; a tarefa o escolheu; não podia deixar de fazê-la, assim como não podia deixar de respirar; e não podia falar de pagamento por aquilo que não podia deixar de fazer.

Ramón Lull, o grande santo e místico espanhol, relata-nos como se converteu em missionário de Cristo. Tinha vivido uma vida negligente, de luxos e prazeres. Um dia, estando a sós, Cristo se aproximou dele, levando sua cruz e lhe disse: "Leva-a comigo." Mas ele o rechaçou e se negou a fazê-lo. Mais uma vez, estando em silêncio em uma grande catedral, Cristo se aproximou; e mais uma vez lhe pediu que levasse sua cruz e mais uma vez se negou. Finalmente, em outro momento solitário, Cristo se aproximou pela terceira vez, e nessa oportunidade, diz Lull: "Tomou sua cruz e com um olhar a deixou em minhas mãos. O que outra coisa podia fazer senão tomá-la e segui-lo?"

Paulo teria dito. "Que outra coisa posso fazer, a não ser contar aos homens as boas novas de Cristo?"

(3) Apesar do fato de que não queria receber um pagamento, Paulo sabia que recebia diariamente um *grande prêmio*. Tinha a satisfação de levar o evangelho livremente a todos os homens que o recebessem. Sempre é certo que a verdadeira gratificação de qualquer tarefa não é o pagamento em dinheiro, mas sim a satisfação de tê-la feito bem. Por esta razão a maior coisa que há na Terra não é escolher o trabalho com maior salário, mas sim aquele que nos fará mais felizes; e essa felicidade depende totalmente da satisfação que se obtém dele.

O Dr. Schweitzer relatou o momento que lhe outorgava maior felicidade. Chegava ao hospital alguém que sofria intensamente. Tranqüilizava a pessoa dizendo que a faria dormir, a operaria e lhe faria bem. Depois da operação se sentava ao lado da pessoa esperando que recuperasse o sentido. A pessoa muito devagar abria os ouvidos e sussurrava com grande surpresa: "Não sinto mais dor." Esse era o grande momento para Schweitzer. Não há nisto nenhuma recompensa financeira ou material; mas há uma satisfação tão profunda como o mesmo coração. O ter encaminhado uma vida destruída, o ter corrigido a uma pessoa fazendo-a caminhar pelo atalho certo, o ter curado a tristeza de um coração, o ter levado uma alma a Cristo, não é algo cuja recompensa possa medir-se em termos econômicos, é algo que produz uma alegria imensurável.

(4) Finalmente Paulo fala sobre o *método de seu ministério*. Seu método era fazer-se tudo para todos. Não significava isto adotar uma personalidade hipócrita de duas caras, sendo uma coisa para uns e outra coisa para outros. Modernamente falando, trata-se de ser capaz de dar-se bem com qualquer pessoa. O homem que nunca pode ver nada salvo seu próprio ponto de vista, que é completamente intolerante, que carece do dom da simpatia, que nunca tenta compreender a mente e o coração de outros, nunca poderá ser um pastor nem um evangelista, nem sequer um amigo.

Boswell em algum lugar fala do "arte de adaptar-se a outros". Uma arte que o Dr. Johnson possuía em alto grau, devido ao fato de que, não só era um grande dissertador, senão que também era um grande ouvinte que se interessava em todos os homens que contava com a suprema habilidade de dar-se bem com qualquer pessoa. Um amigo disse que tinha "a arte de levar as pessoas a falarem de seus temas preferidos, e de que melhor conheciam".

Uma vez um pastor rural se queixava perante a mãe da senhora Thrale da mediocridade de seu povo: "Falamos de bezerros", dizia amargamente. "Senhor", disse-lhe a anciã, "o senhor Johnson teria

aprendido a falar de bezerros". Para o homem de campo se converteu em tal. Robert Lynd assinala que Johnson podia discutir sobre o aparelho digestivo de um cão com um clérigo rural, a respeito da dança com um professor de danças, da administração de uma granja, de como cobrir com palha, do processo de maltado, da fabricação de pólvora, da arte de curtir. Fala-nos da "capacidade de Johnson para aproximar-se imediatamente aos interesses de outras pessoas. Era um homem que teria gostado de falar da fabricação de óculos com um fabricante de óculos, de leis com um advogado, de porcos com um criador, de enfermidades com um médico, de barcos com um engenheiro naval. Sabia que na conversação é muito melhor dar que receber."

Nunca poderemos obter nenhum tipo de evangelização nem de amizade sem falar a mesma linguagem e pensar da mesma maneira que a outra pessoa. Uma vez alguém descreveu o ensino, a medicina e o ministério como "as três profissões paternalistas". Sempre que tratemos as pessoas com ar de superioridade, não façamos nenhum esforço para compreendê-la, não tentemos encontrar um ponto de contato, não poderemos conseguir nada com ela.

Paulo, o grande missionário, que ganhou mais homens para Cristo que qualquer outro, via quão essencial era converter-se em tudo para todos. Uma de nossas grandes necessidades é simplesmente aprender a arte de nos dar bem com as pessoas; e o problema reside em que muitas vezes nem sequer tentamos fazê-lo.

UMA VERDADEIRA LUTA

1 Coríntios 9:24-27

Agora Paulo toma outro caminho. Ele adverte àqueles coríntios que queriam buscar o caminho que ninguém conseguirá nada sem a mais austera disciplina pessoal. Paulo estava sempre fascinado pela imagem de um atleta. Um atleta deve treinar-se com intensidade se deseja ganhar a contenda; e Corinto sabia quão emocionantes eram os campeonatos,

devido ao fato de que nela se celebravam os jogos ístmicos (ocupavam o segundo lugar atrás dos Olímpicos). E mais ainda, aqueles atletas se sujeitavam a essa disciplina e a esse treinamento para ganhar uma coroa de louros que em poucos dias se converteria em uma grinalda murcha. Quanto mais deveria o cristão disciplinar-se para ganhar a coroa da vida eterna?

Nesta passagem Paulo expõe um tipo de breve filosofia da vida.

(1) A vida é uma batalha. Como disse William James:

"Se esta vida não for uma verdadeira luta, em que o êxito obtém algo eternamente para o universo, não é melhor que uma representação teatral privada, da qual alguém se pode retirar à vontade. Mas se sente como uma luta — como se houvesse algo realmente selvagem no universo que nós, com todos os nossos idealismos e fé, estamos chamados a redimir."

Como sustentava Coleridge: "O mundo, longe de ser uma deusa envolta em uma saia é em realidade um demônio em traje de rua." Um soldado fraco não pode ganhar batalhas, um atleta mal treinado não pode ganhar corridas. Devemos sempre nos considerar como homens em campanha, avançando sempre para uma meta

(2) Ganhar esta batalha e sair vitorioso desta corrida demanda uma grande disciplina. Temos que disciplinar nossos corpos; um dos atos que pouco se leva em conta da vida espiritual, é que muitas vezes a depressão espiritual provém nada mais que da fraqueza física. Para que alguém realize seu melhor trabalho, deve fazê-lo com um corpo tão bem preparado como possa. Descuidamos nossa saúde corporal para nosso próprio risco. Devemos disciplinar nossas mentes; uma das tragédias da vida é que os homens se negam a pensar até que chega o momento em que são incapazes de fazê-lo. Nunca poderemos resolver os problemas se nos negarmos a percebê-los ou escapamos deles. Devemos disciplinar nossos espíritos; podemos fazê-lo enfrentando as contendas da vida com serena resistência; as tentações com toda a força que possamos obter

com a ajuda de Deus; os desencantos com coragem. Todos os dias a vida nos oferece a oportunidade de disciplinar nossas almas.

(3) Na vida precisamos conhecer nossa meta. Uma das coisas mais penosas da vida é ver a falta de objetivo na vida de tantas pessoas. Vão ao léu em lugar de dirigir-se para algo.

Maarten Maartens é autor da seguinte parábola:

"Havia uma vez um homem que era escritor satírico. Passado determinado tempo seus amigos o assassinaram. As pessoas se reuniram em volta de seu cadáver. Diziam indignados: "Tratava todo mundo como se fosse uma bola de futebol, chutando-o." O morto abriu um olho e disse: 'Mas *sempre para uma meta*'."

Uma vez alguém desenhou uma tira cômica em que mostrava a dois homens em Marte olhando às pessoas no mundo que se escapulia de um lado para outro. Um deles perguntou: "O que fazem?" O outro respondeu: "Estão indo." "Mas, aonde?" "Ah, não se dirigem a nenhum lugar, simplesmente vão." E não dirigir-se a nenhum lado é a forma segura de não conseguir nada.

(4) Precisamos conhecer na vida o valor dessa meta. O grande chamado de Jesus aos homens raramente estava baseado no castigo. baseava-se no convite: "Olhem o que vocês perdem se não seguirem meu caminho." A meta é a *vida*, e certamente ganhar a vida vale tudo.

(5) Na vida não podemos salvar a outros a não ser que dominemos a nós mesmos. Freud disse uma vez: "A psicanálise se aprende em primeiro lugar na própria pessoa, através do estudo da própria personalidade." Os gregos diziam que a primeira régia da vida é: "Conhece-te ti mesmo." Na verdade não podemos servir a outros a não ser que sejamos donos de nós mesmos; não podemos ensinar o que não sabemos; não podemos levar a outros a Cristo até que nós mesmos não o encontremos e sejamos encontrados por Ele.

1 Coríntios 10

O perigo de ser muito confiado - 10:1-13

A obrigação sacramental - 10:14-22

Os limites da liberdade cristã - 10:23-33

O PERIGO DE SER MUITO CONFIADO

1 Coríntios 10:1-13

Neste capítulo Paulo ainda está considerando o problema do consumo de carne que foi oferecida aos ídolos. O pano de fundo desta passagem é a presunção de certos cristãos de Corinto. Seu ponto de vista era o seguinte: "Fomos batizados e portanto somos um com Jesus Cristo, participamos do sacramento e portanto participamos do corpo e do sangue de Cristo, estamos em Cristo e Ele está em nós, portanto estamos completamente a salvo, podemos comer carne oferecida aos ídolos sem problemas; não há perigo para nós."

Assim, pois, nesta passagem Paulo adverte aos que falam com essa confiança, do perigo de confiar muito em si mesmos. E recorre à história para demonstrar o que pode acontecer com os que foram abençoados com os maiores privilégios. Retrocede aos dias em que os filhos de Israel eram nômades e peregrinos no deserto. As coisas mais maravilhosas ocorreram com eles naqueles dias. Tinham sobre si a nuvem para mostrar o caminho e proteger nos momentos de perigo (Êxodo 13:21; 14:19). Poderiam atravessar em seco o Mar Vermelho (Êxodo 14:19-31). Estas duas experiências os uniram de maneira perfeita com Moisés, o maior dos caudilhos e legisladores, até poder dizer que foram batizados nele assim como os cristãos são batizados em Cristo. Tinham comido o maná no deserto (Êxodo 16:11-15).

No versículo 4, Paulo se refere a que beberam da rocha espiritual que os seguia. Não toma isto do Antigo Testamento, mas sim da tradição rabínica. Em Números 20:1-11 nos relata como Deus permitiu que Moisés obtivera água de uma rocha para o povo sedento, a tradição

rabínica dizia que dali em diante a rocha seguiu ao povo e sempre lhes deu água para beber. Era uma lenda que todos os judeus conheciam.

Os filhos de Israel gozavam de todos esses privilégios e entretanto falharam e da maneira mais completa. Quando o povo covarde estava muito aterrorizado e não queria seguir avançando rumo à Terra Prometida e quando todos os exploradores que foram enviados, com exceção do Josué e Calebe, voltaram trazendo um relatório pessimista e desesperançado. O juízo de Deus foi que toda essa geração morreria no deserto, onde seus cadáveres ficariam espalhados (Núm. 14:30-32). Quando Moisés estava no Monte Sinai recebendo a lei, o povo seduziu a Arão para que fizesse o bezerro de ouro e lhes permitisse adorá-lo (Êxodo 32:6). Foram culpados de fornicação, até no deserto, com os midianitas e moabitas e milhares morreram no juízo de Deus (Números 25:1-9).

Devemos notar de passagem que Números 25:9 diz que morreram vinte e quatro mil, Paulo menciona vinte e três mil. A explicação que encontramos é que Paulo estava citando de cor. Raramente cita as Escrituras com exatidão verbal; ninguém o fazia naqueles dias. Não existiam concordâncias que permitissem encontrar uma passagem facilmente, as escrituras não eram livros, visto que ainda estes não tinham sido inventados e se utilizavam rolos, era natural que um escritor citasse de cor e desse a essência de uma passagem, sem preocupar-se por detalhes que não eram essenciais.

Por se terem queixado no caminho foram atacados por serpentes (Números 21 4-6). Quando Coré, Datam e Abirão dirigiram uma revolta de protesto, o juízo caiu sobre muitos e morreram (Números 16). Toda a história de Israel nos mostra que o povo que desfrutava dos maiores privilégios que Deus outorgava, estava longe de ver-se a salvo da tentação. Paulo recorda aos coríntios que os privilégios especiais de maneira nenhuma garantem segurança quando ataca a tentação.

Devemos notar as tentações e fracassos que Paulo assinala.

(1) Assinala a tentação da idolatria. Atualmente não adoramos ídolos tão rusticamente; mas se o deus de um homem é aquilo ao qual outorga todo seu tempo, pensamento e energia, os homens ainda adoram mais as obras de suas mãos que a Deus.

(2) Assinala a tentação da fornicação. Enquanto o homem seja homem se verá tentado pelo mais baixo de seu ser. Só um apaixonado amor à pureza pode salvar ao homem da impureza.

(3) Assinala a tentação de querer provar a Deus. Consciente e inconscientemente, deliberadamente ou sem pensá-lo, muitos homens comercializam com a misericórdia de Deus. No fundo de suas mentes pensam: "Tudo sairá bem, Deus me perdoará." O homem esquece com perigo para si mesmo que além do amor de Deus está sua santidade.

(4) Assinala a tentação de protestar e murmurar. Ainda existem muitos que saúdam a vida com um lamento e não com regozijo.

Paulo insiste, pois, na necessidade da vigilância. "Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia." Mais de uma fortaleza foi tomada porque seus defensores pensavam que isso nunca poderia acontecer. Em Apocalipse 3:3 o Cristo ressuscitado adverte à Igreja do Sardes que não deve deixar de vigiar.

O Acrópoles de Sardes estava edificado em um contraforte sobressalente de uma rocha que todos consideravam inexpugnável. Quando Ciro a estava sitiando ofereceu um grêmio especial ao que encontrasse uma forma de entrar nela. Um soldado, com o nome de Hieroeades, estava vigiando-a um dia e viu que um soldado da guarnição da cidade deixava cair acidentalmente seu casco sobre a muralha da torre. Viu-o baixar para recolhê-lo e marcou seu caminho. Essa mesma noite guiou a uma partida pelos escarpados por esse mesmo caminho e quando alcançaram o topo a encontraram bastante desguarnecida, de modo que entraram e capturaram a cidadela, que se supunha muito segura. A vida está cheia de riscos, devemos vigiar sempre.

Assim, pois, Paulo termina esta seção dizendo três coisas a respeito da tentação.

(1) Está muito seguro de que a tentação deve chegar. É parte da essência da vida. Mas a palavra que nós traduzimos por tentação em grego significa muito mais uma *prova*. A tentação é algo que foi calculado, não para nos fazer cair, mas para nos provar, de modo que possamos sair dela mais fortes que nunca.

(2) As tentações que nos sobrevêm não são únicas. Outros as suportaram e saíram delas.

Um amigo conta como uma vez estava dirigindo uma carruagem puxada por cavalos levando Lightfoot, o bispo do Durham, ao longo de um estreito caminho de montanha na Noruega. Chegou a ser tão estreito que só centímetros os separavam do sopé da montanha por um lado e do precipício pelo outro. Enfim sugeriu que seria muito mais seguro se Lightfoot se baixava e caminhava. O bispo considerou a situação e disse: "Outras carruagens deveram seguir este caminho. Continua."

Na Antologia grega há um epigrama que apresenta o epitáfio de um marinheiro que sofreu um naufrágio. Supõe-se que fala o mesmo marinheiro: "Um marinheiro que naufragou nesta costa lhes pede que zarpem". Seu barco se perdeu, mas muitos mais resistiram o temporal. Quando atravessamos provas estamos passando por circunstâncias que outros, pela graça de Deus, sofreram, resistiram e venceram.

(3) Sempre há uma saída na tentação. A palavra é vívida (*ekbasis*). Significa *um caminho de saída no desfiladeiro, uma passagem de montanha*. Dá-nos a idéia de um exército que de repente se vê aparentemente rodeado e percebe uma rota de escape à segurança. Ninguém tem por que cair em nenhuma tentação, porque junto com ela está a saída, e não se trata do caminho da rendição, nem da retirada, mas sim do caminho da conquista no poder e na graça de Deus.

A OBRIGAÇÃO SACRAMENTAL**1 Coríntios 10:14-22**

Três idéias sustentam esta passagem, duas delas são distintivas da era em que Paulo viveu, e a outra é válida e verdadeira para sempre.

(1) Como vimos, quando se oferecia um sacrifício, parte da carne era entregue ao paroquiano e com ela este celebrava uma festa. Sustentava-se que o mesmo deus era um dos convidados a tal festa. E mais ainda, muitas vezes se sustentava que depois que a carne tinha sido sacrificada, o próprio deus estava nela e que durante o banquete penetrava nos corpos e espíritos daqueles que a comiam. Assim como se forjava um laço indestrutível entre dois homens se comiam o pão e o sal pertencente ao outro, uma comida depois do sacrifício conformava uma verdadeira comunhão entre o deus e seu adorador. A pessoa que sacrificava, em um sentido real estava compartilhando com o altar, tinha uma comunhão mística com o deus

(2) Nessa época todo mundo cria nos demônios. Estes podiam ser malignos ou benignos, mas a maior parte das vezes eram malignos. Era espíritos que agiam como intermediários entre os deuses e os homens. Para os gregos todo manancial, arbusto, montanha, todo lugar tinha seu demônio. "Havia deuses em todas as fontes, e nos topos de montanhas: deuses respirando no vento e cintilando nos relâmpagos; deuses nos raios do Sol e das estrelas; deuses ofegando nos terremotos e nas tormentas." O mundo estava repleto de demônios Para os judeus eram os *shedim*. Estes eram espíritos malignos que habitavam casas abandonadas, que espreitavam "nas migalhas no solo, no azeite nas vasilhas, na água que se bebia, nas enfermidades que atacavam as pessoas, no ar, nas habitações, de dia e de noite." Paulo cria nestes demônios; chama-os "principados e potestades".

Seu ponto de vista era o seguinte: um ídolo não era nada e não representava nada, mas toda a questão da adoração dos ídolos era obra dos demônios. Através dela seduziam os homens e os afastavam de

Deus. Quando adoravam os ídolos, os homens pensavam que estavam adorando deuses, em realidade eram enganados por esses demônios malignos de modo que a adoração dos ídolos punha o homem em contato, não com Deus, mas com os demônios; e qualquer coisa que se relacionasse com isso tinha um selo demoníaco. A carne que era oferecida aos ídolos não tinha nada, mas o fato era que tinha servido aos propósitos dos demônios e portanto estava contaminada.

(3) Assim, pois, deste grupo de crenças antigas obtemos um princípio permanente: aquele que se sentou à mesa de Jesus Cristo não pode ir sentar-se à mesa que é instrumento dos demônios. Se alguém esteve em contato com o corpo e o sangue de Cristo não pode tocar certas coisas.

Uma das grandes esculturas de Cristo é a realizada pelo Thorwaldsen; depois de tê-la esculpido lhe ofereceu uma soma de dinheiro para fazer uma estátua de Vênus para o Louvre. Sua resposta foi "A mão que esculpiu o corpo de Cristo não poderá nunca esculpir o corpo de uma deusa pagã." Então em Corinto e hoje aqui, o homem que esteve em contato com as coisas sagradas de Cristo não pode sujar suas mãos com objetos insignificantes e sem valor.

OS LIMITES DA LIBERDADE CRISTÃ

1 Coríntios 10:23-33

Paulo finaliza esta longa discussão do problema da carne que se oferecia aos ídolos com alguns conselhos muito práticos.

(1) Seu conselho é que um cristão pode comprar qualquer coisa que se venda nos negócios sem fazer perguntas. Como vimos, poderia ser que a carne que se vendesse nos negócios tivesse feito parte de um sacrifício e poderia pertencer a um animal carneado em nome de algum deus para que os demônios não entrassem nele; mas é possível ser muito exagerado e escrupuloso, e criar dificuldades onde não têm por que

existir. Depois de tudo, a Terra e tudo o que está nela pertence a Deus, e, em última análise, tudo é dele.

(2) Se um cristão aceitar um convite para comer em casa de um pagão, que coma tudo o que lhe for servido sem fazer perguntas. Mas se tiver sido deliberadamente informado que a carne é parte de um sacrifício, não deve comê-la. Presume-se que foi avisado por um desses irmãos que não podem liberar sua consciência da idéia de que é mau comer dessa carne. Em vez de preocupar e incomodar a essa pessoa, o cristão deve abster-se de comer.

(3) Assim, pois, mais uma vez, de uma situação antiga e remota surge uma grande verdade. Há muitas coisas que se pode fazer com perfeita segurança pelo que faz a si mesmo, mas se isso vai ser uma pedra de tropeço para outra pessoa, não deve fazê-lo. Não há nada mais real que a liberdade cristã; mas esta deve ser utilizada para ajudar a outros e não para escandalizá-los ou feri-los. O homem tem um dever para consigo mesmo, mas tem um dever maior para com outros

Vejam os até onde se estende este dever

(1) Paulo insiste em que um cristão coríntio deve ser um bom exemplo para os *judeus*. Até para seus inimigos um homem deve ser um exemplo de algo bom. Seus inimigos poderão odiá-lo, mas isso não o absolve do dever de assinalá-los por meio de sua conduta, o caminho correto.

(2) Os cristãos coríntios tinham um dever para com os gregos, o que quer dizer que tinham que mostrar um bom exemplo àqueles que eram totalmente indiferentes para com o cristianismo. Devemos ser um exemplo para aqueles que não têm nenhum interesse na Igreja. Em realidade esse exemplo é aquele que ganhou em muitos.

Uma vez um pastor se dirigiu a um lugar longínquo para ajudar a um homem que não tinha nada que ver com a Igreja. Resgatou-o de uma situação difícil. O homem começou a assistir à Igreja e no final esse homem indiferente apareceu com um rogo surpreendente. Pediu que o

nomeasse "ancião" para poder viver o resto de sua vida demonstrando sua gratidão pelo que Cristo fazia por ele através de seu servo.

(3) O cristão coríntio tinha um dever para com seus *irmãos na fé*. É um fato concreto da vida que há alguém que contempla a cada um de nós, que nosso comportamento serve de inspiração para o de alguém. Pode ser que não saibamos, mas um irmão mais jovem ou mais fraco pode estar nos olhando para guiar-se por nós. É nosso dever oferecer essa guia que dá forças ao fraco, confirma os irresolutos e salva os que foram tentados pelo pecado.

Só podemos fazer todas as coisas para a glória de Deus quando recordarmos o dever que temos para com nossos irmãos, e só o faremos quando recordarmos que nossa liberdade cristã não nos é outorgada por nossa causa, mas por causa de outros.

Os capítulos 12 a 14 estão entre os mais difíceis de toda a epístola para uma pessoa moderna do mundo ocidental; mas não obstante se encontram entre os mais interessantes de toda a epístola, devido ao fato de que tratam problemas que tinham surgido na Igreja de Corinto com respeito ao culto público. Neles vemos o quadro de uma Igreja imatura lutando com o problema de oferecer a Deus um culto adequado e correto. Será mais fácil seguir a seção se assinalamos desde o princípio as partes que a compõem.

(1) 11:2-16 tratam o problema de se as mulheres devem adorar com a cabeça descoberta

(2) 11:17-23 tratam problemas que surgiram com relação ao *Ágape* ou Festa de Amor, que era a comida semanal que a congregação cristã celebrava em comum.

(3) 11:24-34 se referem à correta observância do sacramento da Ceia do Senhor.

(4) O capítulo 12 discute o problema da fusão num todo harmonioso dos que possuem toda classe de dons distintos. Aqui encontramos a grande figura da Igreja como o Corpo de Cristo, e cada membro como parte desse corpo.

(5) O capítulo 13 é o grande hino de amor que mostra aos homens o caminho mais excelente.

(6) 14:1-23 trata do problema de falar em línguas.

(7) 14:24-33 insiste na necessidade de que exista uma ordem no culto público e busca que o transbordante entusiasmo de uma Igreja recém-nascida se ajuste à necessária disciplina.

(8) 14:34-36 discute sobre o lugar das mulheres no culto público de Deus na Igreja de Corinto.

1 Coríntios 11

[A modéstia necessária - 11:1-16](#)

[A festa mal interpretada - 11:17-22](#)

[A Ceia do Senhor - 11:23-34](#)

A MODÉSTIA NECESSÁRIA

1 Coríntios 11:1-16

Estas é um das passagens que têm um significado puramente local e transitivo. À primeira vista pareceria que só poderiam interessar a um antiquário devido ao fato de que tratam uma situação que cessou de existir faz tanto tempo que já não tem importância para nós; e entretanto estas passagens são de muito interesse devido ao fato de que arrojaram abundante luz sobre os assuntos e problemas domésticos da Igreja primitiva; e, para aquele que tem olhos para ver, têm grande importância devido ao fato de que Paulo resolve por meio de princípios que são eternos.

O problema era se na Igreja cristã uma mulher podia tomar parte do culto com a cabeça descoberta. A resposta de Paulo foi abruptamente a seguinte: o véu é sempre sinal de submissão; um inferior o leva na presença de um superior, a mulher é inferior ao homem no sentido de que o homem é a cabeça do lar; portanto não é correto que um homem concorra a um culto público com véu e que uma mulher o faça sem ele.

Até ali deviam manter seus lugares no esquema das coisas. É muito pouco provável que no século vinte aceitemos esta perspectiva de que a mulher é inferior e está subordinada. Mas devemos ler este capítulo não à luz do século XX mas à luz do século I; e ao fazê-lo devemos recordar três coisas,

(1) Devemos ter em conta o lugar que ocupava o véu no Oriente. Até o dia de hoje as mulheres orientais usam o *yashmak* que é um véu longo que deixa a frente e os olhos a descoberto mas que chega quase até os pés. Na época de Paulo o véu oriental escondia até mais. Cobria toda a cabeça com apenas uma abertura para os olhos e chegava até os pés. Uma mulher oriental que se considerasse respeitável nem sonhava aparecendo em público sem ele.

E. W. Davies diz ao escrever no *Dictionary of the Bible*, do Hasting:

"Nenhuma mulher respeitável em uma vila ou cidade oriental sai sem ele, e, se o fizer, corre o risco de ser julgada mal. Por certo vários missionários ingleses e americanos no Egito relataram ao que subscreve que suas próprias esposas e filhas freqüentemente acham que é melhor sair com véu."

O véu era duas coisas (a) Era um signo de inferioridade. (b) Mas também era uma grande proteção. O versículo 10 é muito difícil de traduzir. Traduzimo-lo "Por esta razão a mulher deve conservar sobre a cabeça o sinal de que encontra-se sob a autoridade de outra pessoa." Mas em grego em realidade significa que uma mulher tem que manter "sua autoridade sobre sua cabeça"

Sir William Ramsay o explica desta maneira:

"No Oriente o véu é o poder, a honra e a dignidade de uma mulher. Com o véu sobre sua cabeça pode ir a qualquer parte segura e com um profundo respeito. Não a vêem; é sinal de má educação olhar a uma mulher com o véu na rua. Está sozinha. A gente que a rodeia não existe para ela, assim como ela tampouco interessa. É soberana na multidão... Mas sem o véu a mulher carece de valor, qualquer um pode insultá-la... La autoridade e

a dignidade de uma mulher desaparecem junto com o véu protetor que descarta."

No Oriente, pois, o véu é muito importante. Não só assinala a posição de inferioridade da mulher, mas também é uma proteção inviolável de sua modéstia e castidade.

(2) Devemos recordar a posição das mulheres para os judeus. Sob a lei judia a mulher era muito inferior ao homem. Tinha sido criada da costela de Adão (Gênesis 2:22,23) para ser uma ajuda idônea para ele (Gênesis 2:18).

Havia uma parte de fantástica exegese rabínica que dizia:

"Deus não fez à mulher da cabeça para que não se orgulhasse; nem dos olhos, para que não desejasse, nem da orelha, para que não fosse curiosa, nem da boca, para que não fosse conversadora, nem dos pés para que não se convertesse em uma entremetida e andarilha, mas sim da costela que está sempre coberta; portanto a modéstia deve ser sua principal qualidade."

A triste verdade é que perante a lei judia uma mulher era uma coisa, parte da propriedade de seu marido sobre a qual ele tinha direitos totais. Na sinagoga, por exemplo, as mulheres não compartilhavam de maneira nenhuma a adoração e até as segregavam por completo dos homens em uma galeria à parte ou em qualquer outro lugar do edifício. Para a lei e os costumes judeus era impensável que a mulher reclamasse algum tipo de igualdade com os homens.

No versículo 10 nos encontramos com uma curiosa frase que diz que as mulheres devem usar véu "por causa dos anjos". Não se está muito seguro do isto que significa, mas provavelmente se remonte à estranha e velha história de Gênesis 6:1 e 2 que nos relata como os anjos caíram presa dos encantos das mulheres mortais e pecaram; bem pode ser que a idéia seja que uma mulher sem véu é uma tentação até para os anjos, devido ao fato de que uma velha tradição rabínica dizia que tinha sido a beleza dos longos cabelos femininos a que tinha tentado aos anjos.

(3) Devemos recordar sempre que esta situação surgiu em *Corinto*, provavelmente a cidade mais licenciosa do mundo, e o ponto de vista de Paulo era que em tal situação era muito melhor errar por muito modestos e estritos que fazer algo que desse aos pagãos uma oportunidade de dizer que os cristãos eram muito lassos, ou que pudesse ser causa de tentação para os mesmos cristãos. Seria muito equivocado pretender que esta passagem se aplicasse universalmente; era de imensa importância para a Igreja de Corinto mas não tem nada que ver com o fato de se as mulheres deverem ou não usar chapéu para ir à Igreja hoje em dia.

Mas apesar de todo seu significado local esta passagem contém três grandes verdades eternas.

(1) É preferível errar pelo lado da severidade que pelo da lassidão. É muito melhor abandonar direitos que poderiam ser pedras de tropeço para alguns, do que insistir neles. Está na moda desacreditar o convencional, mas a pessoa deve pensar duas vezes antes de desafiar o convencional e escandalizar a outros. Na verdade, nunca se deve ser escravo dos convencionalismos, mas estes existem por alguma razão.

(2) Mesmo depois de ter acentuado a subordinação das mulheres, Paulo continua assinalando mais diretamente ainda a comunhão essencial do homem e da mulher. Nenhum dos dois pode viver sem o outro. Se existir subordinação não é por ela em si, mas para que a comunhão seja mais frutífera e bela para ambos.

(3) Paulo termina a passagem com uma resposta ao homem que discute por discutir. Quaisquer que sejam as diferenças que surjam entre os homens, não há lugar na Igreja para o homem ou a mulher deliberadamente litigiosos. Há momentos em que devem sustentar-se princípios mas nunca se deve discutir fragorosamente. Não há nenhuma razão para que as pessoas, embora tendo opiniões diferentes, não vivam em paz.

A FESTA MAL INTERPRETADA**1 Coríntios 11:17-22**

O mundo antigo era em muitos sentidos muito mais sociável que o nosso. Era um costume comum que grupos de pessoas se reunissem para comer juntos. Havia, em particular, uma festa chamada *eranos* na qual cada um dos participantes levava sua própria comida, juntava-se tudo e se fazia uma festa em comum. A Igreja primitiva tinha um costume; tratava-se de uma festa chamada *Ágape* ou Festa de Amor. Todos os cristãos concorriam a ela, levando o que podiam, e quando se juntava todo o contribuído, sentavam-se e tinham uma comida em comum. Era um belo costume, e é uma lástima que se perdeu. Era uma maneira de produzir e alimentar a verdadeira comunhão cristã. Mas na Igreja de Corinto as coisas não tinham ido muito bem com a Festa de Amor. Na Igreja havia ricos e pobres; alguns podiam levar muito, e havia escravos que com muita dificuldade podiam colaborar com algo. Em realidade para muitos escravos pobres, a Festa de Amor deve ter sido a única comida decente que tinham em toda a semana. Mas em Corinto se perdeu a arte de compartilhar. Os ricos não compartilhavam seu mantimentos mas sim os comiam em pequenos grupos exclusivos, apurando-se para não ter que compartilhar, enquanto que os pobres virtualmente não tinham nada. O resultado era que a comida pela qual as diferenças sociais entre os membros da Igreja deviam ter desaparecido só servia para aumentar e agravar essas mesmas diferenças. O que teria que ter sido uma comunidade tinha degenerado em uma série de camarilhas com consciência de classe. Paulo reprova tudo isto sem vacilar e sem piedade.

(1) Bem pode ser que os distintos grupos estivessem formados por gente que sustentavam diferentes opiniões. Um grande erudito disse: "Ter zelo religioso, sem converter-se em um sectário religioso, é uma grande prova de verdadeira devoção." Se pensarmos diferente de outro, com o tempo poderemos chegar a compreendê-lo e até simpatizar com

ele se nos mantemos em comunhão com ele e conversamos; mas se nos fechamos e formamos nosso pequeno grupo enquanto essa pessoa permanece em seu pequeno grupo não haverá esperança alguma de chegar a um mútuo entendimento

(2) A Igreja primitiva era o único lugar em todo mundo antigo em que as barreiras que o dividiam tinham caído. O mundo antigo estava dividido rigidamente: havia os homens livres e os escravos, havia os gregos e os bárbaros — os que não falavam grego; havia os judeus e os gentios; havia os cidadãos romanos e as raças inferiores fora da lei; havia os cultos e os ignorantes. A Igreja era o único lugar em que todos os homens podiam reunir-se.

Um grande historiador da Igreja escreveu a respeito destas congregações cristãs primitivas:

"Dentro de seus próprios limites haviam resolvido quase de passagem os problemas sociais que desbaratavam a Roma e que ainda desconcertam a Europa. Tinham elevado a mulher ao lugar que lhe correspondia, restaurado a dignidade do trabalho, abolido a mendicidade, e tirado o aguilhão da escravidão. O segredo da revolução era que na Ceia do Senhor se esqueceu o egoísmo racial e de classe e se achou uma nova base para a sociedade no amor da imagem visível de Deus nos homens por aqueles que Cristo tinha morrido."

Uma igreja em que existem distinções sociais e de classe não é uma verdadeira igreja. A verdadeira igreja é um corpo de homens e mulheres unidos entre si devido ao fato de estarem unidos a Cristo. Até a palavra que se utiliza para descrever o sacramento é sugestiva. Nós a chamamos a Ceia do Senhor; mas a palavra *ceia* ou jantar pode conduzir a conclusões errôneas. Geralmente para nós o jantar não é a refeição principal do dia. Em grego a palavra é *deipnon*. Para os gregos o café da manhã era uma refeição em que tudo o que se consumia era um pequeno pedaço de pão molhado em vinho, o almoço se comia em qualquer parte, até na rua ou em uma praça; o *deipnon* era a principal refeição do dia, em que as pessoas se sentavam sem pressa e em que não só satisfaziam seu apetite, mas também passavam um longo momento juntos. A mesma

palavra demonstra que a refeição cristã deveria ser uma refeição em que as pessoas passassem um longo tempo juntos.

(3) Uma igreja não é verdadeira se esqueceu a arte de compartilhar. Quando as pessoas desejam manter as coisas só para si mesmas ou para seu próprio círculo nem sequer estão começando a ser cristãos. O verdadeiro cristão não pode suportar ter muito enquanto outros têm pouco; encontra seu maior privilégio não em guardar zelosamente suas prerrogativas, mas em renunciar a elas.

A CEIA DO SENHOR

1 Coríntios 11:23-34

Não há em todo o Novo Testamento outra passagem de maior interesse que esta. Por um lado nos dá o aval para o mais sagrado ato de adoração na Igreja, o sacramento da Ceia do Senhor e, pelo outro, como a Carta aos Coríntios é anterior a Marcos, o mais primitivo dos evangelhos, é em realidade o primeiro relato escrito que temos de palavras que Jesus pôde ter pronunciado.

O sacramento nunca pode significar o mesmo para todas as pessoas. Não precisamos compreendê-lo totalmente para recebermos o seu benefício. Como alguém disse: "Não precisamos compreender a química do pão para digeri-lo e ser alimentados por ele." Mas apesar de tudo faremos bem em tentar ao menos compreender algo do que Jesus quis dizer quando falou do pão e do vinho da maneira em que o fez. "Isto é meu corpo", disse sobre o pão. Um só fato nos impede de tomar isto com um cru literalismo. É que quando Jesus disse isto, ainda estava no corpo, e não havia nada tão claro quanto ao momento em que disse essas palavras sua corpo e o pão eram coisas totalmente distintas. Tampouco quis dizer simplesmente: "Isto representa meu corpo." Num sentido isto é certo. O pão partido do sacramento representa o corpo de Cristo, mas significa muito mais; para aquele que toma em suas mãos e o leva à sua boca com fé, amor e ardente devoção, é um meio não só de recordar, mas

também de estar em contato vivo com Jesus Cristo. Para um estranho, para um não crente, para alguém que escarnece não significa nada; para alguém que ama a Cristo é o caminho à sua presença. A declaração de Jesus, “Este cálice é a nova aliança no meu sangue”, pode ser traduzido. “Esta taça é o novo pacto e custou o meu sangue.”

A proposição grega *em* significa usualmente *em*, mas pode significar e regularmente significa *a custo de* ou *pelo preço de*, especialmente quando traduz a preposição hebraica *be*. Uma aliança é uma relação estabelecida entre duas pessoas. Havia uma velha aliança entre Deus e o homem, uma velha relação. Estava baseada na *lei*. Por meio dessa relação Deus escolheu o povo de Israel e se aproximou dele, convertendo-se em um sentido muito especial em seu Deus; mas havia uma condição e esta consistia em que, para sua relação ser duradoura, o povo de Israel devia guardar a lei de Deus (ver Êxodo 24:1-8). A continuidade da aliança dependia de que se guardasse a lei. Mas com Jesus o homem encontra-se perante uma nova relação, que não depende da lei, mas sim do amor. Não depende da habilidade que o homem tenha em guardar a lei — visto que ninguém pode fazê-lo — mas na graça livre do amor de Deus que se oferece a todos os homens. Isto muda toda a relação de Deus com o homem. Sob a velha aliança o homem não podia fazer mais que temer a Deus, pois se encontrava sempre em falta, já que não podia guardar a lei perfeitamente; sob a nova aliança o homem se aproxima de Deus como um filho a seu pai e não como um criminoso perante um juiz. E — seja qual for a forma em que olhemos as coisas — custou *a vida de Jesus fazer com que esta nova relação fosse possível*. “O sangue é a vida” diz a lei (Deuteronômio 12:23): custou a vida de Jesus — seu sangue, como diria um judeu — fazer com que esta relação fosse possível. De modo que o vinho escarlata do sacramento significa a própria vida e sangue de Cristo sem a qual a nova aliança, a nova relação do homem com Deus jamais teria sido possível.

Esta passagem continua falando a respeito de “comer e beber este pão e este vinho indignamente”.

O que significa isto?

A indignidade consistia no fato de que o homem que o fazia "não discernia o corpo do Senhor". Isto pode significar duas coisas, e ambas são reais e importantes; em realidade ambas são tão reais e importantes que é muito provável que a frase se refira às duas.

(1) Pode significar que aquele que come e bebe indignamente não se dá conta do que representam e significam os símbolos sagrados. Pode referir-se também a que não percebe o grandioso significado do que está fazendo nem aprecia a santidade do que realiza. Pode ser que se refira ao que come e bebe sem reverência, sem perceber o amor que estes símbolos representam, nem a obrigação que recai sobre ele.

(2) Mas há outro significado possível. A frase *o corpo de Cristo* várias vezes representa a Igreja; isto acontece, como veremos, no capítulo 12. Paulo acabava de reprovar àqueles que com suas divisões e distinções de classe dividiam a Igreja; de modo que isto pode significar que o homem que come e bebe indignamente é aquele que nunca se deu conta de que toda a Igreja é o corpo de Cristo, e que se encontra em discórdia com seu irmão, que olhe a seu próximo com desprezo, e que, por qualquer outra razão, não é um com seus irmãos. O ritual da Igreja Escocesa para o sacramento convida à mesa àqueles que se encontram em uma relação de "amor e caridade" para com seu próximo. Todo homem em cujo coração haja ódio, amargura e desprezo contra seu irmão come e bebe indignamente se chegar com esse espírito à mesa de nosso Senhor. De modo que comer e beber indignamente é fazê-lo sem sentido de reverência e sem perceber a grandeza do que estamos fazendo, e fazê-lo quando estamos em discórdia com o irmão pelo qual Cristo morreu, como morreu por nós.

Paulo continua dizendo que as desgraças que têm caído sobre a Igreja de Corinto pode ser que tenham sua origem nada mais que no fato de que se aproximam da sacramento estando divididos entre si; mas estas desgraças não foram enviadas para destruí-los, mas para discipliná-los e trazê-los novamente ao caminho correto.

Devemos ter bem claro um fato. A frase que proíbe que o homem coma e beba indignamente não deixa fora o pecador que é consciente de sê-lo.

Um ancião pastor das altas montanhas escocesas ao ver que uma anciã duvidava antes de receber a taça, a alcançou, dizendo: "Toma-a mulher, é para pecadores; é para ti."

Se a Mesa de Cristo fosse só para gente perfeita ninguém jamais se poderia aproximar dela. Nunca está fechada para o pecador penitente. Para o homem que ama a Deus e a seu próximo o caminho está sempre aberto, e seus pecados, embora sejam como escarlate ficarão brancos como a neve.

1 Coríntios 12

A confissão do Espírito - 12:1-3

Os distintos dons de Deus - 12:4-11

O corpo de Cristo - 12:12-31

A CONFISSÃO DO ESPÍRITO

1 Coríntios 12:1-3

Na Igreja de Corinto estavam ocorrendo as coisas mais surpreendentes através da ação do Espírito Santo, mas em uma era de êxtase e entusiasmo pode haver uma excitação histérica, auto-engano e enganos totais assim como atos verdadeiros, e tanto neste como nos próximos dois capítulos Paulo fala a respeito das verdadeiras manifestações do Espírito.

Esta é uma passagem muito interessante devido ao fato de que contém duas frases que eram gritos de batalha.

(1) Contém a frase *Jesus seja amaldiçoado* [12:3, NVI]. Havia quatro formas nas quais podia surgir esta frase terrível.

(a) Poderia ser utilizada pelos judeus. As orações na sinagoga incluíam regularmente uma maldição a todos os hereges e apóstatas, e

Jesus figuraria entre eles. E mais ainda, como Paulo bem o sabia (Gálatas 3:13), a lei judaica estabelecia: "Maldito seja aquele que é pendurado no madeiro." E Jesus tinha sido crucificado. Não seria estranho ouvir os judeus pronunciando seus anátemas sobre esse herege e criminal que os cristãos adoravam.

(b) É bem possível que os judeus fizessem que os prosélitos que se viam atraídos pelo cristianismo pronunciassem esta maldição ou fossem excomungados de todo culto judeu. Quando Paulo estava relatando a Agripa seus dias de perseguidor, disse: "E muitas vezes, castigando-os em todas as sinagogas, forcei-os a blasfemar" (Atos 26:11). Uma das condições para permanecer na sinagoga deve ter sido pronunciar uma maldição contra Jesus Cristo.

(c) Seja como fosse na época em que Paulo estava escrevendo, é verdade que mais tarde, nos dolorosos dias da perseguição, os cristãos eram obrigados por seus perseguidores a amaldiçoar a Cristo ou morrer. Na época de Trajano, a prova de Plínio, governador de Bitínia, era exigir das pessoas acusadas de ser cristãs que amaldiçoaram a Cristo.

Quando Policarpo, o bispo de Esmirna, foi detido, o procônsul Estácio Quadrado exigiu o seguinte: "Diga: 'Fora os ateus', jura pela divindade do César e blasfema contra Cristo." E esta foi a grande resposta do ancião bispo: "Servi a Cristo por oitenta e seis anos, e nunca me fez nenhum mal. Como posso blasfemar contra meu Rei que me salvou?" Chegou certamente o momento em que os cristãos se viram confrontados com a escolher amaldiçoar a Cristo ou morrer.

(d) Existia a possibilidade de que até dentro da Igreja, alguém num estado de delírio semi-enlouquecido gritasse: "Maldito seja Jesus." Nessa atmosfera histórica podia ocorrer qualquer coisa e poderia dizer-se que se tratava da obra do Espírito. Paulo estabelece que ninguém pode dizer uma palavra contra Cristo e atribuí-la à influência do Espírito.

(2) Mas junto a isto está o grito de batalha cristão Jesus é o *Senhor*. Enquanto a Igreja primitiva não tinha um credo, esta simples frase era seu credo (ver Filipenses 2:11). A palavra era *kurios* e era tremenda. Era

o título oficial do imperador romano. A exigência dos perseguidores sempre era: "Diga: 'César é Senhor' (*kurios*).". É a palavra grega por meio da qual se traduzia o nome santo de Jeová na tradução grega do Antigo Testamento. Quando um homem podia dizer "Jesus é Senhor", significava que outorgava a Jesus a fidelidade suprema de sua vida e a suprema adoração de seu coração.

Devemos notar que Paulo cria que um homem só podia dizer: "Jesus é o Senhor", quando o Espírito o capacitava a fazê-lo. O Senhorio de Jesus não era tanto algo que o homem podia descobrir por si só, como algo que Deus, em sua graça lhe revelava.

OS DISTINTOS DONS DE DEUS

1 Coríntios 12:4-11

A idéia de Paulo nesta seção é sublinhar a unidade essencial da Igreja. A Igreja é o corpo de Cristo e a característica de um corpo são é que cada parte do mesmo realiza sua própria função para o bem da totalidade. Mas unidade não significa uniformidade, e portanto, dentro da Igreja há distintos dons e distintas funções; mas cada um deles é um dom do mesmo Espírito, e cada um deles está destinado não para a glória do membro individual da Igreja, mas para o bem da totalidade.

Paulo começa dizendo que todos os dons especiais (*charismata*) provêm de Deus. Ele cria que toda capacidade especial que o homem tem provém de Deus e, portanto, deve ser utilizada em seu serviço.

A falha da Igreja, ao menos em épocas modernas, é que interpretou esta idéia dos dons especiais de uma maneira muito estreita. Agiu muitas vezes com a presunção aparente de que os dons especiais que pode utilizar consistem em coisas, tais como falar, orar, ensinar, escrever, todos dons mais ou menos intelectuais ou acadêmicos. Seria bom se a Igreja se desse conta de que os dons de quem pode trabalhar com suas mãos, do artesão, na verdade são igualmente especiais e também provêm de Deus. O pedreiro, o carpinteiro, o eletricitista, o pintor, o engenheiro, o

bombeiro têm dons especiais; e a Igreja se enriqueceria grandemente se, para ocupar postos, escolhesse artesãos que estão preparados para dedicar e consagrar a habilidade de suas mãos a Deus, assim como ela escolhe aqueles cujos dons descansam em seu poder de falar, pensar ou escrever. Não há nenhuma razão pela qual um artesão que está disposto a oferecer livremente seu artesanato para o serviço da Igreja não seja eleito como diácono para que possa utilizar seu dom para a Igreja. Todo dom especial provém de Deus e pode ser utilizado para Ele.

É do maior interesse examinar a lista de dons especiais que Paulo menciona, devido ao fato de que por meio dela aprenderemos muito a respeito das características e do trabalho da Igreja primitiva. Tomemos os itens um por um.

Começa com duas coisas que soam parecidas — *palavra da sabedoria* e *palavra do conhecimento*. A palavra grega que traduzimos por *sabedoria* é *sophia*. Clemente de Alexandria a definiu como "o conhecimento das coisas humanas e divinas e de suas causas". Aristóteles a descreveu como "a luta por alcançar os melhores fins e utilizando os melhores meios". Esta sabedoria é a mais elevada; é nada menos que o conhecimento do próprio Deus. Provém nem tanto do pensamento e da mente como da comunhão com Deus. É a sabedoria que conhece a Deus. *Conhecimento* — em grego, *gnosis* — significa algo muito mais prático. É o conhecimento que sabe como agir diante de qualquer situação. É em realidade a aplicação prática da *sophia* à vida e aos assuntos humanos. As duas coisas são necessárias. A *sabedoria* que conhece por sua comunhão com Deus as coisas profundas a respeito Dele, e o *conhecimento* que, na vida e trabalho diário do mundo e da Igreja, pode pôr em prática essa sabedoria.

Segue na lista a *fé*. Com este termo Paulo quer dizer muito mais do que nós usualmente denominamos fé. Este tipo de fé foi definida como *fé potente* e como o *poder de compreender o espiritual*. É a fé que realmente produz resultados, a fé que — segundo a velha frase — realmente pode mover montanhas. Não é só a convicção intelectual de

que algo é certo; é a crença apaixonada por algo que faz com que o homem dê por isso tudo o que é e tudo o que tem. É a fé que fortalece a vontade e estimula a fibra do homem para a ação. É a fé que converte a visão em atos.

Logo Paulo fala a respeito dos especiais *dons de curar*. A Igreja primitiva vivia num mundo no qual eram comuns o que chamaríamos milagres de cura. Se um judeu adoecia era muito mais provável que recorresse a um rabino que a um médico; e o mais provável é que se curasse.

Esculápio era o deus grego da cura. As pessoas iam a seus templos, quase sempre passando toda a noite neles, para serem curados, e se curavam. Até o dia de hoje encontramos entre as ruínas destes templos tabletes votivas e inscrições comemorando estas curas e ninguém se tomaria o trabalho nem o gasto de erigir uma inscrição por nada. No Templo de Epidauro há uma inscrição que relata como um certo Alketas "apesar de estar cego viu a visão sonhada. O deus pareceu aproximar-se dele e lhe abrir os olhos com seus dedos, e primeiro viu as árvores que estavam no templo. Ao amanhecer partiu curado." No templo de Roma está a seguinte inscrição. "A Valério Aper, um soldado cego, o deus lhe deu um oráculo para vir e tomar o sangue de um galo branco com mel e misturá-los num emplastro e ungir seus olhos por três dias, e recebeu a vista e veio e deu graças publicamente ao deus."

Tratava-se de uma era de curas. Não há nenhuma dúvida de que o dom de curar existia na Igreja primitiva; Paulo não o teria chamado se não tivesse sido real. Na carta de Tiago (5:14) há uma instrução que diz que se um homem estiver doente deve dirigir-se aos anciãos e eles o ungirão com azeite. É simplesmente um fato histórico que até o século IX o sacramento da Unção se utilizava para curar, e só depois se converteu no sacramento da Extrema Unção, em preparação para a morte. A Igreja nunca perdeu totalmente o dom de curar, e uma das coisas mais grandiosas que está acontecendo hoje é que a Igreja o está redescobrimo.

O ancião francês Montaigne, um dos escritores mais sábios que jamais existiu, disse a respeito da educação de um jovem:

"Faria com que seus membros estivessem tão treinados como sua mente. Não estamos educando nem uma mente nem um corpo; trata-se de um homem E não devemos dividi-lo em dois."

Por muito tempo a Igreja dividiu o homem em corpo e alma, e aceitou ser responsável por sua alma, mas não por seu corpo. Um dos grandes redescobrimientos de nossa época é que mais uma vez estamos aprendendo a tratar o homem como uma totalidade, e chegará o dia em que o médico e o pastor trabalharão mais uma vez em plano de igualdade.

Logo Paulo menciona *operações de milagres*. Certamente se refere a *exorcismo*. Naqueles dias muitas enfermidades, muitas vezes quase todas, e em especial as enfermidades mentais eram atribuídas à obra dos demônios; e uma das funções da Igreja era a de conjurar os demônios. Fossem ou não reais, a pessoa que se considerava possuída estava convencida de que se tratava de um fato real, e a Igreja podia ajudar e o fazia. O exorcismo é ainda uma realidade no campo missionário. Em todos os tempos a função da Igreja é assistir a mente doente e turvada.

Paulo continua mencionando a *profecia*. Teremos uma idéia melhor do significado desta palavra se a traduzirmos *pregação*. Associamos muito a palavra profecia com a predição do que acontecerá no futuro. Mas em realidade sua significado foi mais *enunciar* que *predizer*. O profeta é um homem que vive tão perto de Deus que conhece sua mente, coração, vontade, intenção, e que portanto pode dá-las a conhecer aos homens. Devido a isto a função de um profeta tem dois aspectos: (a) Admoesta e adverte, dizendo aos homens que seu forma de agir não está de acordo com a vontade de Deus; (b) Aconselha e guia, buscando dirigir os homens pelos caminhos que ele sabe que Deus deseja que sigam.

Paulo menciona a seguir o *discernimento de espíritos*. Em uma sociedade em que a atmosfera era tensa e elétrica e em que toda classe de manifestações anormais eram consideradas normais, era preciso distinguir entre o que era real e o que era meramente histórico, entre o que era genuíno e o que era produto da ilusão exaltada, entre o que provinha de Deus e o que pertencia ao diabo. Até o dia de hoje, quando algo é incomum e se encontra fora de nossa órbita comum, é muito difícil dizer se provém de Deus ou não. O único princípio que devemos observar é que devemos tentar compreender antes de condenar.

Por último Paulo menciona *variedade de línguas* e a *interpretação das línguas*. O assunto das *línguas*, como veremos, estava causando muita perplexidade na Igreja de Corinto. Até hoje, embora ainda existe, é completamente alheio à nossa experiência. O que acontecia era o seguinte: durante o culto na Igreja alguém dos membros caía em êxtase e lançava uma corrente de sons ininteligíveis num linguagem inexistente. Era um dom altamente desejado pois se supunha que se devia à influência direta do Espírito de Deus. Para a congregação era algo completamente ininteligível. Algumas vezes a pessoa que caía em êxtase podia interpretar o que tinha pronunciado, mas quase sempre se requeria que interviesse alguém que tivesse o dom da interpretação. Paulo nunca questionou a realidade do dom de línguas, mas sabia muito bem que apresentava seus perigos, devido ao fato de que a histeria, o êxtase e certo tipo de auto-hipnotismo são difíceis de diferenciar.

O quadro que obtemos é o de uma Igreja vivamente desperta. Aconteciam coisas; em realidade aconteciam coisas surpreendentes. A vida se via elevada, intensificada e sensibilizada. Na Igreja primitiva não havia nada chato, aborrecido nem comum. Paulo sabia que toda esta atividade vivaz e poderosa era a obra do Espírito que outorgava a cada homem um dom para que o utilizasse para todos.

O CORPO DE CRISTO**1 Coríntios 12:12-31**

Nesta passagem temos uma das mais famosas descrições da Igreja que jamais se escreveram. Os homens se viram sempre fascinados pela forma em que as distintas partes do corpo cooperam. Faz muito tempo Platão tinha esboçado um quadro famoso em que dizia que a cabeça era a cidadela; o pescoço, o istmo entre a cabeça e o corpo; o coração, a fonte do corpo; os poros, os atalhos do corpo; as veias, os canais do corpo. De modo que Paulo traçou seu quadro da Igreja como um corpo. Este consta de muitas partes mas nele há uma unidade essencial. Platão tinha assinalado que nós não dizemos. "Meu dedo está dolorido", mas "Eu estou dolorido." Há um *eu*, uma personalidade, que outorga unidade às muitas e variadas partes de um corpo. O que o *eu*, a personalidade, é para o corpo, Cristo é para a Igreja. NEle todas as partes tão variadas e diversas encontram unidade.

E logo Paulo continua considerando isto de outra maneira. Diz: "Vós sois o corpo de Cristo." Há nisto um pensamento tremendo. Jesus Cristo já não está neste mundo num corpo, e portanto se deseja que se realize sua obra tem que encontrar alguém que a leve a cabo. Se quiser que ensine a um menino, tem que encontrar um professor para que o faça. Se deseja que uma pessoa doente se cure, tem que encontrar um médico ou um cirurgião para que realize sua tarefa. Se quiser que se relate sua história, tem que encontrar o homem que o faça. Literalmente, temos que ser o corpo de Cristo, mãos para fazer sua tarefa, pés para correr atrás de suas mensagens, uma voz que fale por Ele.

Aqui está a glória suprema do cristão: o fato de que é parte do corpo de Cristo sobre a Terra.

Assim, pois, Paulo traça um quadro da unidade que deveria existir dentro da igreja se esta quer realizar a função que lhe corresponde. Um corpo só é sadio e eficiente quando cada parte do mesmo funciona perfeitamente. As partes do mesmo não sentem ciúmes umas das outras,

nem cobiçam as funções umas de outras. Cada parte realiza seu próprio trabalho, e só então existe a saúde. No quadro de Paulo temos que ver certas coisas que deveriam existir na Igreja, o corpo de Cristo.

(1) Temos que nos dar conta de que *necessitamos uns dos outros*. Na Igreja não pode haver tal coisa como o isolamento. Acontece muito freqüentemente que a pessoa na Igreja se abstrai tanto no pequeno trabalho que realiza, tão convencida da suprema importância do trabalho ao qual se dedicou, que desdenha e até critica outros que escolheram outro tipo de tarefa. Se quisermos que a Igreja seja um corpo são, necessitamos do trabalho que cada um pode fazer.

(2) Temos que *respeitar-nos uns aos outros*. No corpo não há problemas de importância relativa. Se qualquer membro ou órgão deixa de funcionar todo o corpo se vê desengrenado. O mesmo acontece com a Igreja. "Todo o serviço tem a mesma posição perante Deus." Sempre que começamos a pensar a respeito de nossa própria importância na Igreja cristã, desaparece a possibilidade de uma obra verdadeiramente cristã.

(3) Devemos *simpatizar uns com outros*. Se uma parte do corpo se vê afetada, todas as outras o sentem; sofrem condoídas, porque não podem deixar de fazê-lo. A Igreja é uma totalidade. A pessoa que não pode ver mais além de sua própria organização, a pessoa que não pode ver mais além de sua congregação, e pior ainda, a que não pode ver mais além de seu próprio círculo familiar nem sequer começou a compreender a verdadeira unidade da Igreja.

No final da passagem Paulo continua falando a respeito das diversas formas de serviço dentro da Igreja. Já mencionou algumas delas, mas outras são novas.

(1) Coloca à cabeça os *apóstolos*. Estes eram sem dúvida alguma as figuras maiores da Igreja. Sua autoridade não estava confinada a um só lugar; não exerciam um ministério estável ou local, seus escritos percorriam toda a igreja. Por que acontecia isto? A condição essencial de um apóstolo era ter acompanhado a Jesus em sua vida terrestre e ter sido testemunha da ressurreição (Atos 1:22). Os apóstolos eram os que

tinham tido o contato mais íntimo com Jesus nos dias de sua carne e de seu poder ressuscitado. Jesus nunca escreveu nada; não deixou nenhum livro, pelo contrário "escreveu" sua mensagem sobre homens, e estes eram os apóstolos. Nenhuma cerimônia humana pode outorgar a um homem autoridade; a autoridade deve provir sempre do fato de que acompanhou a Cristo.

Uma vez alguém disse a Alexandre Whyte depois do culto "Doutor Whyte, você pregou hoje como se viesse diretamente de estar na Grande presença." "Talvez o tenha estado", respondeu Whyte brandamente. O homem que vem de estar em presença de Deus tem em si autoridade apostólica, não importa a que denominação da Igreja pertença.

(2) Já falamos a respeito dos profetas, mas agora Paulo adiciona os *mestres*. É impossível exagerar a importância destes mestres. Eram os homens que deviam edificar os conversos ganhos pela pregação dos evangelistas e dos apóstolos. Tinham que proceder a instruir a homens e mulheres que literalmente não sabiam nada sobre o cristianismo. Agora, a suprema importância destes homens reside no seguinte: o primeiro evangelho, o de Marcos, não se escreveu até perto do ano 60 d. C., ou seja, até quase trinta anos depois da crucificação de Jesus. Temos que pensar em uma época em que não existia a imprensa, quando os livros tinham que ser escritos à mão e eram muito estranhos, quando um livro do tamanho do Novo Testamento custava ao redor do equivalente de cem dólares, quando as pessoas comuns nunca podia ter a esperança de possuir um. Sendo isto assim, a história de Jesus, seus ensinamentos, tinham que ser transmitidas de boca em boca. Essa era a tarefa tremenda de um mestre. E devemos recordar isto: um estudante aprenderá mais de um bom mestre que de qualquer livro. Atualmente temos muitos livros, mas ainda é certo que realmente aprendemos a respeito de Cristo através das pessoas.

(3) Paulo fala sobre *os que ajudam*. Estes eram pessoas cuja tarefa era socorrer os pobres, os órfãos, as viúvas e os estranhos. Desde o começo o cristianismo foi algo intensamente prático. Pode ser que

alguém não saiba pregar, nem tenha o dom do ensino; mas todos podem ajudar.

(4) Paulo fala sobre *os que administram (Kuberneseis)*. A palavra grega é muito interessante, significa literalmente a tarefa do piloto de um barco que o guia através das rochas e bancos de areia rumo ao porto. As pessoas às quais Paulo se refere são as que levam a cabo a administração da Igreja. É uma tarefa essencial. À frente o pregador e o mestre são vistos por todos; mas nunca poderiam realizar seu trabalho se por detrás não estivessem aqueles que levam sobre seus ombros a administração rotineira da Igreja dia a dia. Há partes do corpo que nunca se vêem mas que sua função é mais importante que a de qualquer um; há pessoas que servem na Igreja em formas que não lhes dão publicidade, mas sem seus serviços a Igreja não poderia continuar adiante.

Mas no final Paulo vai passar a falar de um dom mais grandioso que qualquer outro. O perigo reside sempre em que aqueles que têm dons distintos diferem uns de outros, estorvando o trabalho efetivo do corpo. Só uma coisa pode unir a Igreja em uma unidade perfeita: o amor. E Paulo passa a entoar seu hino ao amor.

1 Coríntios 13

[O hino ao amor - 13:1-3](#)

[A natureza do amor cristão - 13:4-7](#)

[A supremacia do amor - 13:8-13](#)

O HINO AO AMOR

1 Coríntios 13:1-3

Para muitos este é o capítulo mais maravilhoso de todo o Novo Testamento e faremos muito bem em dedicar mais de um dia a estudar estas palavras cujo significado completo não poderia descobrir-se em toda uma vida.

Paulo começa declarando que um homem pode possuir muitos dons espirituais, mas que se eles não estão acompanhados pelo amor não são válidos.

(1) Pode ser dono do dom de *línguas*. Uma característica do culto pagão, em especial do culto a Dionísio e Cibele, era o choque e o retinir dos címbalos e o som bronco das trombetas. Até o desejado dom de línguas não era melhor que a gritaria do culto pagão se o amor estava ausente.

(2) Pode possuir o dom de *profecia*. Já vimos que corresponde mais proximamente à pregação. Há dois tipos de pregadores. Existe o pregador cujo fim é o de salvar as almas de seu povo, e que os busca e sussurra por eles com os acentos do amor. De ninguém este fato era tão certo como do próprio Paulo. Por outro lado há o pregador que suspende os que o ouvem sobre as chamas do inferno e dá sempre a impressão de que se regozijaria tanto com sua condenação como com sua salvação.

Conta-se que uma vez Sir George Adam Smith perguntou a um membro da igreja grega, que tinha sofrido muito à mãos dos islamitas, por que Deus tinha criado tantos maometanos, e recebeu esta resposta "Para encher o inferno." A pregação, que não é mais que ameaças, sem amor, poderá aterrorizar, mas não salvar.

(3) Pode ter o dom do *conhecimento intelectual*. O perigo permanente da eminência intelectual é o esnobismo intelectual. O homem instruído corre o perigo de desenvolver um espírito de desprezo. Só um tipo de conhecimento cujo frio desapego tenha sido aceso pelo fogo do amor pode realmente salvar aos homens.

(4) Pode ter uma *fé* apaixonada. Há momentos nos quais a fé pode ser muito cruel. Havia um homem que consultou seu médico e se inteirou de que seu coração estava cansado e que devia descansar. Telefonou a seu empregador, que era uma notável figura cristã, e lhe deu a novidade, só para receber esta resposta: "Eu tenho uma força interna que me permite continuar." Estas são as palavras da fé, mas de uma fé que não conhece o amor, e, portanto machucam e danificam.

(5) Pode ser que pratique o que os homens chamam *caridade*, pode ser que distribua seus bens entre os pobres. Não há nada no mundo mais humilhante que a chamada caridade sem amor. Dar como por uma feia obrigação, com certo desdém, nos colocar sobre nossa pequena eminência e arrojamos migalhas de caridade como se fosse a um cão, dar ou acompanhar esta ação com um polido sermão moral ou uma recriminação entristecedora, não é caridade absolutamente, é orgulho, e o orgulho é sempre cruel devido ao fato de que não conhece o amor.

(6) Pode dar seu corpo para ser queimado. Pode ser que os pensamentos de Paulo se remontem a Sadraque, Mesaque e Abede-Nego e o forno de fogo ardendo (Daniel 3). Talvez seja mais provável que estivesse pensando num famoso monumento ateniense chamado "a Tumba do Índio. Ali um índio se queimou em público em uma pira funerária e tinha feito com que se gravasse no monumento esta jactanciosa inscrição: "Zarmano-Chegas, um índio da Barga, de acordo com o tradicional costume dos índios, fez-se imortal, e descansa aqui." É bem possível que Paulo estivesse pensando em cristãos que em realidade incitavam à perseguição. Se o motivo que faz com que alguém dê sua vida por Cristo é o orgulho, o brilho e a própria glória, até seu martírio não tem valor. Não é cínico recordar que muitas obras que aparentam ser sacrifícios foram o produto do orgulho e não da devoção e do amor.

É difícil que haja outra passagem nas Escrituras que exija como esta, que o homem bom se examine a si mesmo.

A NATUREZA DO AMOR CRISTÃO

1 Coríntios 13:4-7 (NVI)

Nos versículos do 4 a 7 Paulo menciona quinze características do amor cristão.

O amor é paciente. A palavra que se utiliza em grego (*makrothumein*) no Novo Testamento sempre descreve a *paciência com as pessoas* e não com as circunstâncias. Crisóstomo diz que é a palavra

que se usa acerca do homem que foi afrontado e que tendo poder para vingar-se facilmente, não o faz. Descreve o homem que é lento para a irritação. Utiliza-se para referir-se ao próprio Deus em sua relação com os homens. Ao tratar com os homens, por mais recalcitrantes, desumanos e ferinos que sejam, devemos exercer a mesma paciência que Deus tem para conosco. É uma simples verdade que este tipo de paciência não é um signo de fraqueza, mas sim de força, não é deixar-se vencer, a não ser o único caminho rumo à vitória.

Fosdick assinala que ninguém tratou a Lincoln com mais desprezo que Stanton. Chamou-o "um palhaço baixo e sagaz". Apelidou-o "o gorila original" e disse que Du Chaillu era um parvo ao percorrer sem rumo a África tentando capturar um gorila, quando poderia ter encontrado um tão facilmente em Springfield, Illinois. Lincoln não dizia nada. Nomeou Stanton como ministro da guerra devido ao fato de que era o mais capaz para este trabalho. Tratou-o cortesmente. Os anos passaram. Chegou a noite em que a bala assassina matou Lincoln no teatro. No pequeno quarto ao que foi levado o corpo do presidente estava o próprio Stanton, que olhando o rosto silenciosa de Lincoln em toda sua grosseria, disse através de suas lágrimas: "Ali jaz o maior dos governantes que o mundo jamais viu." A paciência do amor tinha vencido no final.

O amor é bondoso. Orígenes dizia que isto significa que o amor é "doce para todos". Jerônimo falou do que ele chama "a bondade" do amor. Há muito cristianismo que é bom mas que não é bondoso. Não havia nenhum homem mais religioso que Filipe II da Espanha, e entretanto foi o fundador da Inquisição espanhola e pensou que estava servindo a Deus aniquilando àqueles que pensavam de maneira diferente à sua. O famoso Cardeal Pole declarou que o assassinato e o adultério não podiam comparar-se com a heresia em perversidade. Completamente além desse espírito de perseguição, em muita gente boa existe uma atitude de crítica. Muita boa gente de igreja se pôs do lado dos

governantes e não de Jesus, se tivessem tido que tratar o caso da mulher surpreendida em adultério.

O amor não inveja. Tem-se dito que em realidade há dois tipos de gente no mundo: "Os que são milionários e os que desejam sê-lo." Há dois tipos de inveja. A primeira deseja as posses de outros, e é muito difícil evitar devido ao fato de que é muito humana. A outra é pior — inveja tão somente o fato de que outros tenham o que ela não tem. Não deseja tanto as coisas por si mesmas, mas sim desejaria que outros não as tivessem. A mesquinharia da alma não pode cair mais baixo que isto.

O amor não se vangloria. Há uma qualidade modesta nele. O verdadeiro amor está sempre mais impressionado por seu próprio pouco valor que por seu próprio mérito.

Na história de Barry, Tommy o sentimental estava acostumado a chegar a sua casa e dirigir-se a sua mãe depois de ter tido êxito na escola, dizendo: "Mãe, não sou uma maravilha?"

Alguns outorgam seu amor com a idéia de que estão conferindo um favor. Mas o verdadeiro amante nunca pode superar o assombro de ser amado. O amor se mantém humilde tendo consciência de que nunca poderá oferecer ao ser amado um dom suficientemente bom.

O amor não se orgulha. Napoleão sempre defendia a santidade do lar e a obrigação do culto público — para os outros. De si mesmo dizia: "Não sou como os outros homens. As leis da moral não se aplicam a mim." O homem realmente grande nunca pensa em sua própria importância.

Carey foi um dos maiores missionários e certamente um dos maiores lingüistas que o mundo conheceu. Traduziu ao menos partes da Bíblia a não menos de trinta e quatro linguagens índias. Começou sua vida como sapateiro. Quando chegou à Índia foi olhado com desgosto e desprezo. Uma vez durante um jantar, um *esnobe*, com o desejo de humilhá-lo, disse num tom que todos pudessem ouvir: "Creio, senhor Carey, que uma vez você trabalhou como sapateiro." "Não, senhor", respondeu Carey, "não como sapateiro, só como remendão." Nem sequer

pretendeu dizer que tinha feito sapatos, só que os remendava. Ninguém gosta da pessoa "importante". O homem "vestido de uma pequena e breve autoridade" pode ser um espetáculo lastimoso.

O amor não maltrata (NTLH: *não é grosseiro*). É um fato significativo que em grego a palavra que se utiliza para *graça* e para *encanto* é a mesma. Há um tipo de cristianismo que se deleita em ser descortês e quase brutal. Tem força, mas nada de atrativo. Lightfoot de Durham disse a respeito de Artur F. Sim, um de seus alunos: "Vá aonde quiser, o seu rosto será por si mesmo um sermão." Há uma certa afabilidade no amor cristão que nunca esquece que a cortesia, o tato e a amabilidade podem ser considerados virtudes menores, mas são coisas belas.

O amor não procura seus interesses (Não insiste em seus direitos). Em última análise há no mundo dois tipos de pessoas: as que estão continuamente pensando em seus direitos e as que estão continuamente pensando em seus deveres; aqueles que sempre insistem em seus privilégios e aqueles que sempre lembram suas responsabilidades; os que sempre estão pensando no que a vida lhes deve e os que nunca esquecem o que devem à vida. A chave de quase todos os problemas que nos rodeiam hoje em dia, seria que os homens pensassem menos em seus direitos e mais em suas obrigações. Quando começamos a pensar a respeito de "nosso lugar" nos estamos afastando do amor cristão.

O amor não se ira facilmente. O verdadeiro significado disto é que o amor cristão nunca se exaspera com as pessoas. A exasperação é sempre um signo de derrota. Quando perdemos a calma, perdemos tudo. Kipling disse que a prova de um homem era que podia manter-se sereno quando todos outros perdiam a cabeça e o culpavam disso, e se era odiado não dar pé ao ódio. O homem que domina seu temperamento pode chegar a dominar qualquer coisa.

O amor não guarda rancor. A palavra traduzida guardar (*logizeshthai*) é um termo de contadoria. É a palavra que se utiliza para assentar um item num livro maior de modo que não seja esquecido. Isto

é precisamente o que muita gente faz. Uma das grandes artes da vida é aprender a esquecer. Um escritor nos conta de como "na Polinésia, onde os nativos passam a maior parte de seu tempo brigando e festejando, é costume que todos os homens guardem algo que lhes recorde seu ódio. Se cuelgan diversos artículos dos tetos de suas casas para manter viva a lembrança de sua ofensa, real ou imaginária". Da mesma maneira muita gente alimenta sua irritação para mantê-la acesa; refletem sobre suas ofensas até ser impossível esquecê-las. O amor cristão aprendeu a grande lição de esquecer.

O amor não se alegra com a injustiça. Seria melhor traduzir isto dizendo que o amor não encontra nenhum prazer em nada que esteja equivocado. Não se refere ao prazer de fazer coisas equivocadas, mas ao prazer malicioso que nos sobrevém quando ouvimos dizer algo condenatório a respeito de outra pessoa. Uma das curiosas qualidades da natureza humana é que muitas vezes preferimos ouvir a respeito dos infortúnios de outros que de seus êxitos. É muito mais fácil chorar com os que choram que alegrar-se com os que se alegram. Estamos muito mais interessados em ouvir uma história saborosa que desacredite a alguém, que outra que o elogie. O amor cristão não tem nada dessa malícia humana que encontra prazer nas informações malignas.

O amor se alegra com a verdade. Isto não é tão fácil como parece. Há momentos nos quais definitivamente não queremos que a verdade prevaleça, e ainda há mais momentos em que a última coisa que gostaríamos de ouvir é a verdade. O amor cristão não deseja velar a verdade; é o suficientemente valente para enfrentá-la; não tem nada a esconder e portanto se alegra quando a verdade prevalece.

O amor tudo sofre. Pode ser que isto queira dizer "o amor pode cobrir qualquer coisa", no sentido de que o amor nunca arrastará à luz do dia as faltas e os equívocos de outros. Prefere ficar compondo as coisas em silêncio do que mostrando-as e reprovando-as publicamente. É provável que signifique que o amor pode suportar qualquer insulto,

injúria e desilusão. Esta é uma descrição do amor que havia no coração do próprio Jesus.

O amor todo crê. Esta característica do amor tem um duplo aspecto.

(1) *Com relação a Deus* significa que o amor crê na palavra de Deus, que crê absolutamente em suas promessas, que pode tomar cada uma das promessas que começam com "Qualquer um" e dizer "Isso se refere para mim." É o amor que emana da fé que "arrisca sua vida por afirmar a existência de Deus".

(2) *Com relação a nosso próximo* significa o amor que sempre crê o melhor a respeito de outros. É certo que fazemos das pessoas o que cremos que elas são. Se agirmos de tal forma que demonstramos que não confiamos nas pessoas, que os olhamos com suspeita, fazemo-los indignos de confiança. Se agirmos de tal maneira que demonstramos às pessoas que confiamos nelas de modo absoluto, a não ser que tenham perdido a honra, então as fazemos dignas de confiança.

Quando Arnold se converteu no diretor da escola de Rugby, instituiu uma forma completamente nova de fazer as coisas. Antes dele, na escola tinha reinado o terror e a tirania. Arnold chamou os estudantes e disse que ia haver muita mais liberdade e menos castigo. Disse-lhes: "Vocês são livres, mas responsáveis. Vocês são cavalheiros. Tenho a intenção de deixar muito nas mãos de vocês para que ajam por si mesmos e fazê-los responsáveis por sua honra, porque creio que se eu os cuidar, vigiar e espiar, vocês crescerão conhecendo só os frutos do medo servil, e quando finalmente lhes der a liberdade, como será algum dia, vocês não saberão como usá-la." Os estudantes encontravam difícil acreditar. Quando eram levados perante ele continuavam inventando as mesmas velhas desculpas e dizendo as mesmas mentiras. Ele lhes dizia: "Moços, se vocês o disserem, deve ser certo, creio em sua palavra. O resultado foi que chegou um momento em que os estudantes de Rugby disseram: "É uma vergonha dizer uma mentira a Arnold, sempre acreditou em nós." Ele creu neles e os converteu no que ele cria que eram. O amor enobrece até o ignóbil, ao crer o melhor sobre ele.

O amor tudo espera. Jesus cria que nenhum homem era incorrigível.

Adam Clark foi um grande teólogo. Era muito lento para aprender na escola. Um dia um visitante distinto chegou à escola e o professor, assinalando a Adam Clark, disse: "É o moço mais torpe da escola." Antes de deixar o lugar, o visitante se aproximou do jovem e lhe disse amavelmente: "Não se preocupe, querido, pode ser que chegue a ser um grande erudito algum dia. Não se desanime, mas leve as coisas a sério e continue fazendo-as." O professor não tinha esperanças, o visitante sim, e quem sabe se não foram essas palavras de esperança as que fizeram com que Adam Clark chegasse a ser o que um dia veio a ser?

O amor tudo suporta. O verbo que se utiliza aqui (*hupomenein*) é uma das grandes palavras gregas. Geralmente é traduzido por *suportar*, *agüentar*; mas o que esta palavra descreve em realidade não é o espírito que se senta e suporta passivamente as coisas, mas ao fato que, ao suportá-las pode vencê-las e transmutá-las. Foi definido como "uma viril perseverança perante o juízo".

George Matheson, que perdeu a vista e estava desiludido do amor, escreveu em uma de suas orações que lhe permitiu aceitar a vontade de Deus: "Não com resignação muda, mas com alegria santa, não só sem murmurar, mas com um canto de louvor."

O amor pode suportar as coisas, não com resignação passiva, mas com fortaleza triunfante porque sabe que Deus é amor e que "a mão de um pai não causará nunca a seu filho uma lágrima desnecessária".

Uma coisa fica por dizer: quando pensamos nas qualidades deste amor como as descreve Paulo podemos vê-las realizadas, atualizadas e encarnadas na vida do próprio Jesus.

A SUPREMACIA DO AMOR**1 Coríntios 13:8-13**

Nos versículos 8 a 13 Paulo assinala três pontos finais sobre o amor cristão.

(1) Sublinha sua *permanência absoluta*. Quando todas as coisas nas quais os homens se vangloriam e se orgulham tenham passado, o amor prevalecerá. Em um dos mais maravilhosos versos líricos das Escrituras, o Cântico dos Cânticos (8:7) diz: “As muitas águas não poderiam apagar o amor, nem os rios, afogá-lo.” A única coisa inconquistável é o amor. Esta é uma das razões para crer na imortalidade. Quando se penetra no amor chega à vida uma relação contra a qual os ataques do tempo estão inúteis, e que transcende a morte.

(2) Sublinha sua *integridade absoluta*. Como estão as coisas vêm por reflexo nos espelhos. Isto deve ter sido ainda mais sugestivo para os coríntios que para nós. Corinto era famosa pela manufatura de espelhos. Mas o espelho moderno tal como o conhecemos com seu reflexo perfeito não surgiu até o século XIII. O espelho coríntio era feito de metal altamente brunido, o melhor deles dava um reflexo imperfeito. Sugeriu-se que o que significa esta frase é que vemos como se fora através de uma janela feita de haste. Naqueles dias as janelas se faziam assim e tudo o que se podia ver através delas era um contorno impreciso e escuro. Cabe esclarecer que os rabinos tinham uma declaração segundo a qual Moisés tinha visto a Deus através de uma destas janelas.

Paulo sente que nesta vida só vemos os reflexos de Deus, e permanecemos com muitas coisas que são um mistério e um enigma. Vemos esse reflexo no mundo de Deus, pois a obra das mãos de alguém nos diz algo sobre o trabalhador. Vemos esse reflexo no Evangelho e em Jesus Cristo. Embora em Cristo temos a revelação perfeita nossas mentes só podem captá-lo em parte, devido ao fato de que o finito nunca pode abranger o infinito. Nosso conhecimento é ainda como o de um menino. Mas o caminho do amor guiará a um dia em que no final o véu se correrá

e veremos face a face, e conheceremos tal como somos conhecidos. Jamais poderemos chegar a esse dia sem amor, porque Deus é amor, e só aquele que ama pode ver a Deus.

(3) Sublinha sua *supremacia absoluta*. A fé e a esperança são grandes, mas o amor o é ainda mais. A fé sem o amor é fria, e a esperança sem ele é horrenda. O amor é o fogo que acende a fé e a luz que torna a esperança em segurança.

1 Coríntios 14

O culto verdadeiro e o culto falso - 14:1-19

Os efeitos da verdadeira e da falsa adoração - 14:20-25

Conselhos práticos - 14:26-33

Inovações proibidas - 14:34-40

O CULTO VERDADEIRO E O CULTO FALSO

1 Coríntios 14:1-19

Este capítulo é muito difícil de entender, devido ao fato de que se refere a um fenômeno que, para a maioria de nós, está totalmente fora de nossa experiência. Em todo o capítulo Paulo compara entre si dois dons espirituais. Em primeiro lugar *o falar em línguas*. Este fenômeno era muito comum na Igreja primitiva. Durante ele a pessoa se excitava até chegar a um êxtase e um delírio e nesse estado lançava uma incontrolável corrente de sons em linguagem desconhecida. A não ser que esses sons fossem interpretados e, em realidade, traduzidos, ninguém sabia o que significavam. Embora nos pareça estranho, na Igreja primitiva isto era um dom altamente cobiçado. Era um dom perigoso. Por um lado, era anormal e muito admirado; portanto a pessoa que o possuía podia tender a desenvolver um certo orgulho espiritual por seu dom. E por outro lado, o próprio desejo de possuí-lo produzia, ao menos em alguns, certo auto-hipnotismo e certa histeria deliberadamente induzida que resultava ser um falar em línguas completamente falso,

enganoso, e fabricado. Contra este falar em línguas Paulo antepõe o dom de *profecia*. Preferimos não utilizar este termo, cujo emprego pode complicar mais uma situação já complicada. Neste caso, e em realidade a maioria das vezes, a *profecia* não tem nada que ver com a predição do futuro, mas sim significa proclamar a vontade e a mensagem de Deus. Como já dissemos, *pregar* se aproxima deste significado. Em toda esta seção Paulo trata o perigo do dom de falar em línguas, e a superioridade de interpretar a verdade em forma tal que todos podem entendê-la.

Podemos seguir melhor a linha do pensamento de Paulo analisando toda a seção.

Paulo começa dizendo que as línguas se dirigem a Deus, e não aos homens, devido ao fato de que eles não podem entender. Se alguém exercitar o dom de línguas pode estar enriquecendo sua própria experiência espiritual, mas com segurança não está enriquecendo as almas da congregação, devido ao fato de que para eles resulta ininteligível; por outro lado, o dom de *anunciar a verdade* produz algo que todos podem entender e que é de proveito para a alma de cada um.

Em seguida Paulo continua usando ilustrações e alegorias. Pensa ir a eles; mas se o faz falando em línguas que utilidade terá seu visita? Não saberiam do que estaria falando. Tomemos o caso de um instrumento musical. Se obedece as leis normais da harmonia, pode produzir uma melodia que todos podem reconhecer; mas, se não, simplesmente produz um som caótico. Tomemos o caso do clarim. Se tocar o chamado correto poderá convocar os homens a avançar, retroceder, dormir ou despertar. Mas se simplesmente produz um som confuso, sem significado, ninguém saberá o que fazer. Neste mundo existem muitas formas de falar; mas se dois homens que não compreendem o idioma um do outro se encontram, se falam um ao outro, a linguagem de cada um deles soará a jargão sem sentido, e não obterão nada do encontro.

De modo que Paulo não nega a existência do dom de línguas. Ninguém pode dizer que nele se cumpre a fábula da raposa e as uvas, pois ele possui o dom mais que nenhum outro, mas insiste em que para

que um dom seja valioso deve beneficiar a toda a congregação, e portanto, se utiliza-se o dom de línguas, este não terá sentido a não ser que seja interpretado. Assim, seja que o homem fale, ore ou cante, deve fazê-lo não só com seu espírito mas com sua *mente*. Deve saber o que acontece e outros devem poder compreendê-lo. Desta maneira Paulo chega à brusca conclusão de que numa congregação cristã é melhor pronunciar umas poucas orações compreensíveis que emitir uma corrente de sons ininteligíveis em línguas.

Desta seção muito difícil e remota surgem certas verdades valiosas.

O versículo 3 muito sucintamente estabelece o fim de toda pregação e ensino. Tem três fases.

(1) Deve tender a *edificar*. Deve ter como fim aumentar o conhecimento que o homem tem da verdade cristã e sua capacidade para viver uma vida cristã. Deve outorgar-lhe uma mente melhor instruída e uma vida melhor equipada. Seu fim deve ser repartir força para o caminho cristão.

(2) Deve tender a *alentar*. Em todo grupo de pessoas há os que se sentem deprimidos e desanimados. Seus sonhos não se convertem em realidade; seu esforço pareceria ter obtido muito pouco; o exame pessoal só mostra fracassos e incapacidades. Dentro da comunidade cristã o homem teria que encontrar algo que alegrasse seu coração, temperasse seu braço, e fizesse elevar a frente. Comentava-se a respeito de um pregador que dava a conhecer o evangelho como se fosse um meteorologista que anunciava o avanço de uma profunda depressão. Um culto poderá começar humilhando o homem ao lhe mostrar seu próprio pecado mas será um fracasso a não ser que termine assinalando a graça e o Deus que o capacitará a conquistar esse pecado.

(3) Deve *confortar*. "Nunca a manhã passou a ser tarde sem que algum coração se destrocasse." Existem o que Virgílio chamou "as lágrimas das coisas". Em todo grupo de pessoas haverá sempre alguém a quem a vida danificou e para quem a primavera já não existe. E dentro

da comunidade cristã deve poder encontrar beleza para suas cinzas, óleo de alegria para seu luto, e um vestido de louvor para o espírito em sua opressão".

O versículo 5 nos menciona as coisas que para Paulo eram o pano de fundo e a substância de toda pregação e ensino.

(1) Provém de *uma revelação direta de Deus*. Ninguém pode falar com outros a não ser que Deus tenha falado a ele em primeiro lugar. Diz-se que um grande pregador se detinha cada tanto como se estivesse ouvindo uma voz. Nunca damos aos homens ou aos alunos verdades que nós produzimos, nem mesmo descobrimos; transmitimos a verdade que nos foi dada.

(2) Pode outorgar *um conhecimento especial*. Ninguém pode ser perito em tudo, mas cada um tem um conhecimento especial em alguma matéria. Tem-se dito que qualquer pessoa poderia escrever um livro interessante se simplesmente descrevesse completa e honestamente tudo o que lhe aconteceu. As experiências da vida dão algo especial a cada um de nós, e a pregação e o ensino mais efetivo é simplesmente dar testemunho do que sabemos que é certo porque o achamos certo.

(3) Consiste em *proclamar a verdade*. Na Igreja primitiva a primeira pregação que se dava perante qualquer congregação era uma proclamação simples e direta dos fatos da história cristã. Há algumas costure que estão mais além de todo argumento. Goethe disse: "Conte-me suas certezas, tenho suficientes dúvidas das minhas." Qualquer que seja a forma em que terminemos, é bom começar com os fatos de Cristo e do cristianismo.

(4) Continuará *ensinando*. Chega o momento em que o homem pergunta: "O que querem dizer estes fatos? Qual é seu significado?" Simplesmente porque somos criaturas pensantes a religião implica em teologia. E pode ser que a fé de muitos decaia e a fidelidade de muitos se esfrie devido ao fato de que não analisaram as coisas e não as pensaram em sua totalidade.

De toda a passagem surgem dois amplos princípios referentes ao culto cristão.

(1) *A adoração nunca deve ser egoísta.* Tudo o que se faça durante o culto deve realizar-se para o bem de todos. Ninguém durante ele, já seja quem o dirija ou o compartilhe, tem direito a fazê-lo de acordo com suas próprias preferências e predileções pessoais. Deve buscar o bem de toda a comunidade de adoradores. A grande prova de qualquer parte do culto é a seguinte: "Ajudará a *todos*?" Não é: "Exporá meus dons especiais?", mas sim: "Fará isto com que todos os presentes se sintam mais perto uns de outros e mais perto de Deus?"

(2) *A adoração deve ser inteligível.* As grandes coisas são essencialmente as coisas simples, a linguagem mais nobre é em essência a mais simples. Em última instância só o que satisfaz minha mente pode confortar meu coração, e só o que minha mente pode captar pode outorgar força a minha vida.

OS EFEITOS DA VERDADEIRA E DA FALSA ADORAÇÃO

1 Coríntios 14:20-25

Paulo ainda está tratando da questão do falar em línguas. Começa com um chamado aos coríntios para que não ajam de maneira infantil. Essa paixão pelo falar em línguas e sua sobrevalorização era em realidade uma sorte de ostentação infantil, o produto do desejo de exhibir-se como meninos precoces.

Paulo acha então um argumento no Antigo Testamento. Vimos várias vezes como a exegese rabínica — e Paulo era um rabino — podia encontrar no Antigo Testamento significados escondidos que com segurança não tinham sido previstos originalmente. Paulo se refere a Isaías 28-9-12. Nessa passagem, Deus, através de seu profeta, ameaça ao povo. Isaías lhes pregou em seu próprio idioma hebreu e não o escutaram nem o compreenderam. Devido a sua desobediência os assírios virão sobre eles e os conquistarão e ocuparão suas cidades. Então terão que

ouvir um idioma que não poderão compreender. Terão que ouvir a língua estrangeira de seus conquistadores falando coisas ininteligíveis; e nem sequer essa experiência terrível fará com que os que não crêem se voltem a Deus. De modo que Paulo utiliza o argumento de que as línguas foram utilizadas para pessoas de coração duro e incrédulas e que, finalmente, foram ineficazes.

Logo Paulo utiliza um argumento muito prático. Se qualquer estranho, ou qualquer pessoa simples, entrasse numa reunião cristã em que todos emitissem uma corrente de sons ininteligíveis ao falar em línguas, pensaria ter chegado a Babel e encontrar-se num manicômio. Mas se a verdade de Deus estivesse sendo proclamada sóbria e compreensivelmente, o resultado seria muito distinto. O homem se encontraria face a face consigo mesmo e com Deus.

Os versículos 24 e 25 nos dão um vívido resumo dos efeitos da pregação cristã, e do que acontece quando a verdade de Deus se proclama inteligivelmente.

(1) *Convence o homem de seu próprio pecado.* Pela primeira vez vê o que é e se sentirá consternado. Alcibíades, o preferido malcriado de Atenas, era amigo de Sócrates, e algumas vezes estava acostumado a lhe dizer: "Sócrates, odeio-te, devido ao fato de que cada vez que me encontro contigo me fazes ver o que sou." A mulher de Samaria disse com surpresa envergonhada: "Vinde comigo e vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito" (João 4:29). O primeiro que faz a mensagem de Deus é fazer com que o homem tome consciência de que é um pecador.

(2) *Leva o homem a juízo.* Pela primeira vez o homem se dá conta de que deve responder pelo que realizou. Até esse momento pode ter vivido sem pensar nas finalidades da vida. Pode ter vivido o dia, seguindo seus impulsos e aproveitando seus prazeres. Mas agora vê que o dia tem um fim, e ali está Deus.

(3) *Mostra ao homem os segredos de seu próprio coração.* O homem geralmente não se vê a si mesmo. Enfrentamos nossos corações

em último lugar. Como diz o provérbio: "Não há ninguém tão cego como aquele que não quer ver." A mensagem cristã obriga o homem a ter essa severa honestidade que humilha, que o faz enfrentar-se a si mesmo.

(4) *Faz com que o homem se ajoelhe perante Deus.* Todo o cristianismo começa com o homem ajoelhado na presença de Deus. A porta de entrada à sua presença é tão baixa que só podemos atravessá-la sobre nossos joelhos. Quando um homem enfrentou a Deus e a si mesmo, tudo o que fica por fazer é ajoelhar-se e orar: "Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador."

Então o homem sai seguro de que esteve na presença de Deus. A prova de todo ato de adoração é a seguinte: "Faz-nos sentir a presença de Deus?"

Joseph Twitchell nos relata como foi visitar Horácio Bushnell quando este era ancião. De noite Bushnell o levou a caminhar pelas ladeiras. Enquanto caminhavam na escuridão, Bushnell disse de repente. Ajoelhem-nos e oremos." E ele orou. Twitchell disse ao relatá-lo depois: "Tinha medo de estirar minha mão na escuridão, pois temia tocar em Deus."

Quando nos sentimos assim tão perto de Deus, compartilhamos e experimentamos real e verdadeiramente um ato de adoração.

CONSELHOS PRÁTICOS

1 Coríntios 14:26-33

Paulo chega no final desta seção com alguns conselhos muito práticos. Está decidido a que todo aquele que possui um dom receba todas as oportunidades possíveis para exercitá-lo, mas está igualmente decide que os cultos da Igreja não se convertam por isso numa sorte de desordenada competição. Só dois ou três devem exercitar o dom de línguas, e só se houver alguém presente que possa interpretá-los. Todos têm o dom de profetizar a verdade, mas mais uma vez, só dois ou três podem exercê-lo, e se alguém da congregação tem a convicção de que

recebeu uma mensagem especial, aquele que dirige deve dar-lhe a oportunidade de expressá-lo. Aquele que dirige pode fazê-lo perfeitamente, e não precisa dizer que se vê miserável pela inspiração e não pode deter-se, porque o pregador pode controlar seu próprio espírito. Deve haver liberdade, mas não desordem. O Deus de paz deve ser adorado em paz.

Não é exagerado dizer que nenhuma seção desta carta é tão interessante como a presente, devido ao fato de que arroja abundante luz sobre o culto tal como era na Igreja primitiva. Obviamente existia nele uma liberdade e uma informalidade completamente estranhas a nossas idéias. Desta passagem surgem duas grandes questões.

(1) Evidentemente, a Igreja primitiva não tinha um ministério profissional. Na verdade, os apóstolos se sobressaíam com uma autoridade muito especial; mas nesta etapa a Igreja não tinha pastores locais profissionais. Estava aberta a todo aquele que tinha um dom para que o utilizasse. Fez bem ou mal a Igreja em instituir um ministério profissional? Em realidade há algo essencial que, em nossa era tão cheia de atividades, quando os homens estão tão preocupados com as coisas materiais, deve-se apartar a um homem para que viva perto de Deus e brinde a seu próximo a verdade, a guia e o fôlego que Deus outorga a ele. Mas por outro lado está o perigo óbvio de que quando um homem se converte em pregador profissional às vezes está obrigado a ter que dizer algo quando em realidade não tem nada que dizer. Seja como for, deve ficar claro que se alguém tiver uma mensagem para dar a seus próximos, nenhuma norma nem regulamento eclesiástico deveria impedi-lo de fazê-lo. É sem dúvida alguma um engano pensar que só o ministro profissional pode transmitir a verdade de Deus aos homens.

(2) Obviamente na Igreja primitiva a ordem de culto tinha uma flexibilidade que atualmente nos falta. Evidentemente não havia uma ordem estabelecida. Tudo era o suficientemente informal para deixar que qualquer pessoa que sentisse que tinha uma mensagem para dar poderia fazê-lo. Pode ser que em nossos dias demos muita importância à ordem e

à dignidade. Pode ser que nos tenhamos convertido em escravos das ordens de culto. O realmente notável num culto de uma Igreja primitiva deve ter sido que quase todos chegavam sentindo que tinham tanto o privilégio como a obrigação de contribuir com algo nele. Não se chegava a ele com a única intenção de ser um ouvinte passivo. Não se ia só para receber, mas também para dar.

Obviamente isto apresentava seus perigos, porque é claro que em Corinto havia alguns que estavam apaixonados pelo som de suas vozes; entretanto, nesses dias a Igreja deve ter sido muito mais uma possessão real do cristão comum. Bem pode ser que a Igreja tenha perdido algo quando delegou tanto no ministério profissional e deixou tão pouco em mãos dos membros comuns; e pode ser que a culpa não resida no fato de que os pastores se anexaram esses direitos, mas em que os leigos os abandonaram; porque é muito certo que existem muitos membros de igreja cuja atitude os leva a pensar muito mais no que a igreja pode fazer por eles do que no que eles podem fazer pela igreja, e que estão sempre preparados para criticar o que se faz, mas nunca dispostos a compartilhar o trabalho na mesma.

INOVAÇÕES PROIBIDAS

1 Coríntios 14:34-40

Na Igreja de Corinto existiam inovações que a ameaçavam e que não eram do agrado de Paulo. Com efeito, exige deles que esclareçam que direitos tinham de fazê-las. Eram acaso eles os criadores da Igreja cristã? Tinham um monopólio da verdade do evangelho e de sua história? Tinham recebido uma tradição e deviam ser obedientes a ela.

Ninguém se livrou jamais por completo das idéias e do pano de fundo da era em que viveu e da sociedade na qual cresceu, e Paulo, em sua concepção do lugar que deviam ocupar as mulheres dentro da Igreja, não podia livrar-se das idéias que tinha conhecido toda sua vida. Já assinalamos que no mundo antigo o lugar das mulheres era baixo.

No mundo grego Sófocles havia dito "O silêncio confere graça a uma mulher." Na Grécia as mulheres, a não ser que fossem muito pobres ou de moral relaxada, levavam uma vida de reclusão. Os judeus tinham uma idéia ainda mais baixa das mulheres. Entre as declarações rabínicas há muitos que diminuem o lugar das mulheres. "Com respeito a ensinar a lei a uma mulher, o mesmo seria ensinar-lhe impiedade." Ensinar a lei a uma mulher era "jogar pérolas aos porcos". O Talmud menciona entre as pragas do mundo "a viúva conversadora e inquisitiva e a virgem que perde seu tempo orando". "Não se deve pedir um favor a uma mulher, nem saudá-la."

Paulo escreveu esta passagem numa sociedade como a descrita. É bem possível que o que acima de tudo estivesse em sua mente fosse a moral relaxada de Corinto e o sentimento de que não devia fazer-se nada, nada absolutamente, que trouxesse sobre a Igreja infante a menor suspeita de falta de modéstia. Com segurança seria muito equivocado tirar estas palavras de Paulo do contexto em que foram escritas e fazer delas uma regra universal para a Igreja.

Paulo continua falando com certa severidade. Estava muito seguro de que, embora as pessoas tenham dons espirituais, isto não lhes dá nenhum direito para rebelar-se contra a autoridade. Paulo é consciente de que os conselhos que deu e as leis que estabeleceu, ele as recebeu diretamente de Jesus Cristo e de seu Espírito, e que se alguém se negar a compreendê-lo deve ser deixado em sua voluntária ignorância.

Assim, pois, Paulo chega no final. Esclarece que não deseja afogar o dom de ninguém, a única coisa que quer fazer possível é que exista uma boa ordem dentro da Igreja. A grande norma que com efeito estabelece é que o homem recebeu de Deus todos os dons que possui, não para seu próprio benefício, mas para o benefício da Igreja, não para sua própria glória, mas para a maior glória de Deus. Quando um homem pode dizer: "Seja Deus glorificado", então e só então utilizará seus dons corretamente dentro e fora da Igreja.

1 Coríntios 15

A ressurreição de Jesus e a nossa

O Senhor ressuscitado - 15:1-11

Se Cristo não tivesse ressuscitado - 15:12-19

Primícias dos que dormem - 15:20-28

Se não houvesse ressurreição - 15:29-34

O físico e o espiritual - 15:35-49

A conquista da morte - 15:50-58

A RESSURREIÇÃO DE JESUS E A NOSSA

1 Coríntios 15, que consideraremos agora, é ao mesmo tempo um dos capítulos mais grandiosos e mais difíceis do Novo Testamento. Não só é difícil em si mesmo, mas também deu ao credo uma frase que muita gente encontra difícil afirmar, pois deste capítulo principalmente obtemos a idéia da *ressurreição do corpo*. O capítulo era muito menos difícil se o estudarmos considerando seu pano de fundo, e até essa frase problemática chegará a ser bastante clara e aceitável quando nos dermos conta do que Paulo quis dizer com ela. De modo que antes de estudar este capítulo há certas coisas que faríamos bem em ter em conta.

(1) É de muita importância recordar que os coríntios não negavam a ressurreição de Jesus Cristo; o que negavam era a ressurreição do corpo; e no que Paulo insiste é que se alguém negar a possibilidade da ressurreição do corpo, nega a possibilidade da ressurreição de Jesus Cristo, e então esvaziou a mensagem cristã de sua verdade e a vida cristã de sua realidade.

(2) Em qualquer Igreja cristã primitiva devia haver dois panos de fundo, devido ao fato de que em todas elas havia judeus e gregos. Devemos considerar ambos. Em primeiro lugar estava o pano de fundo judeu. Até o fim os saduceus negavam que houvesse vida depois da morte. Portanto uma linha do pensamento judeu negava completamente tanto a imortalidade da alma como a ressurreição do corpo (Atos 23:8).

No próprio Antigo Testamento há muito pouca esperança em algo que possa chamar-se vida depois da morte. De acordo com a crença generalizada nele, todos os homens, sem distinções ao morrer iam ao Sheol. Muitas vezes o traduz equivocadamente como Inferno. Era a morada de todos os mortos. Era uma terra cinza, por debaixo do mundo, em que os mortos viviam uma existência fantasmal e nas sombras, sem forças, sem luz, separados por completo tanto dos homens como de Deus. O Antigo Testamento está cheio deste pessimismo triste e frio com respeito ao que acontecia depois da morte.

Pois na morte não há recordação de ti,
No Sheol quem te dará louvor? (Salmo 6:5, TB)

Que proveito obterás no meu sangue, quando baixo à cova?
Louvar-te-á, porventura, o pó? Declarará ele a tua verdade?
(Salmo 30:9).

Acaso mostrarás maravilhas aos mortos?
Porventura levantar-se-ão as sombras dos mortos e te louvarão?
Será referida a tua benignidade na sepultura?
Ou a tua fidelidade em Abadom?
Acaso serão conhecidas nas trevas as tuas maravilhas?
E a tua justiça na terra do esquecimento? (Salmo 88:10-12, TB)

O Sheol era a terra da escuridão e dos mortos esquecidos.
Os mortos não louvam o Senhor,
tampouco nenhum dos que descem ao silêncio.
(Salmo 115:17, NVI)

Pois o Sheol não te pode louvar, A morte não te pode celebrar:
Os que descem à cova, não podem esperar a tua verdade.
(Isaías 38:18, TB).

Desvia de mim o olhar, para que eu tome alento,
antes que eu passe e deixe de existir. (Salmo 39:13).

Para aquele que está na companhia dos vivos, há esperança; porque mais vale um cão vivo do que um leão morto. Pois os vivos sabem que hão de morrer; mas os mortos não sabem coisa alguma, nem tão pouco têm daí em diante recompensa, porque a sua memória fica entregue ao esquecimento. ... Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças, porque na sepultura, para onde tu vais, não há obra, nem indústria, nem ciência, nem sabedoria alguma. (Eclesiastes 9:4,5,10).

Quem no Sheol louvará o Altíssimo? (Eclesiástico 17:27).

Não são os mortos no Sheol, aqueles cujo espírito foi arrancado de suas vísceras, os que dão glória e justiça ao Senhor (Baruque 2:17).

J. E. McFadyen, o grande erudito no Antigo Testamento, disse que esta falta de crença na imortalidade se deve "ao poder com o qual esses homens apreendiam a Deus neste mundo". "Há poucas coisas mais maravilhosas que esta na longa história da religião" — continua — "que por séculos os homens viveram as vidas mais nobres, cumprindo com seus deveres e suportando suas tristezas, sem a esperança de um prêmio futuro, e o fizeram porque em todas suas idas e vindas estavam muito seguros de Deus."

É certo que no Antigo Testamento se vislumbra em muito poucas ocasiões uma vida por vir. Eram épocas nas quais o homem sentia que, se Deus era na verdade Deus, devia haver algo que mudasse os veredictos incompreensíveis deste mundo. Jó clama:

Eu sei que o meu Redentor vive.
E por fim se levantará sobre a Terra.
Depois, revestido este meu corpo da minha pele,
Em minha carne verei a Deus. (Jó 19:25, 26).

O verdadeiro sentimento do santo era que até nesta vida o homem podia chegar a uma relação com Deus, tão íntima, tão preciosa e próxima que nem sequer a morte poderia destruí-la.

Portanto está alegre o meu coração, e se regozija a minha alegria; Também a minha carne habitará em segurança. Pois não abandonarás a minha alma ao Sheol, Nem permitirás que o teu santo veja a corrupção. Far-me-ás conhecer a vereda da vida: Na tua presença há plenitude de alegria; Na tua destra há delícias para sempre. (Salmo 16:9-11, TB).

Tu me seguraste pela mão direita. Guiar-me-ás com o teu conselho e, depois, me receberás em glória. (Salmo 73:23b, 24).

É certo que em Israel se desenvolveu a esperança imortal. Duas coisas ajudaram.

(a) Israel era o povo eleito e entretanto, sua história era um relato de contínuos desastres. Os homens começaram a sentir que fazia falta outro mundo para restabelecer o equilíbrio.

(b) É certo que por muitos séculos o indivíduo apenas existiu. Deus era o Deus da nação, mas o indivíduo era uma unidade sem importância. Mas à medida que passaram os séculos a religião se converteu em algo cada vez mais pessoal. Deus se converteu não no Deus da nação e sim naquele que era o amigo de cada indivíduo, e assim os homens começaram, não com segurança, mas sim obscura e instintivamente, a sentir que uma vez que o homem conhece a Deus e é conhecido por Ele, tem lugar uma relação que nem a morte pode romper.

(3) Agora consideremos o mundo grego. Ao fazê-lo devemos captar firmemente uma coisa que sem dúvida alguma encontra-se atrás deste capítulo. Em linhas gerais os gregos criam na imortalidade da alma, mas jamais teriam sonhado em crer na ressurreição do corpo. É certo que tinham um medo instintivo à morte.

Eurípides escreveu: "Entretanto, os mortais, carregados com inumeráveis males ainda amam a vida. Desejam a chegada de cada dia, contentes de suportar o que conhecem, em vez de enfrentar a morte desconhecida" (Fragmento 813).

Em realidade os gregos, e toda essa parte do mundo influenciada por seu pensamento, criam na imortalidade da alma. Mas — e aqui está a

diferença — esta envolvia a abolição, a extinção e a completa dissolução do corpo. Os gregos tinham um provérbio "O corpo é uma tumba." Um deles dizia "Sou uma pobre alma encadeada a um cadáver."

Sêneca disse: "Foi grato inquirir na eternidade da alma — crer nela. Rendo-me perante essa grande esperança." Mas também diz: "Quando chegar o dia que dividirá esta mescla de divino e humano, deixarei meu corpo aqui, onde o encontrei, e devolverei a mim mesmo aos deuses."

Epicteto escreve: "Quando Deus não provê o que é necessário, está tocando o sinal de retirada — abriu a porta e diz: 'Vem'. Mas aonde? A nenhum lugar terrível, mas sim ao sítio de onde provimos, às coisas que nos são queridas e afins a nós, aos elementos. O que em nós era fogo se converterá em fogo, a terra em terra, a água em água."

Sêneca diz que as coisas na morte "dividem-se em seus elementos primitivos". Para Platão "o corpo é a antítese da alma, como a fonte de toda fraqueza em oposição à única coisa que é capaz de independência e bondade".

Podemos ver isto muito melhor na crença sustentada pelos estóicos. Para eles Deus era um espírito feroso, o mais puro de toda a Terra. O que dava vida aos homens era uma faísca desse fogo divino que vivia no corpo do homem, uma faísca de Deus. Quando um homem morria, seu corpo se dissolvia simplesmente nos elementos dos que parecia, mas a faísca divina retornava a Deus e era absorvida na divindade da qual formava parte. De modo que, para os gregos, a imortalidade descansava precisamente em livrar-se do corpo. Para eles a ressurreição do corpo era impensável. A imortalidade pessoal em realidade não existia, porque a vida que havia no homem era absorvida novamente por Deus, fonte de toda existência.

(4) A perspectiva de Paulo era bastante diferente. Se começarmos com um fato imenso o resto será bastante claro. A crença cristã que a individualidade sobreviverá depois da morte, que você seguirá sendo você, e eu seguirei sendo eu. Junto a isto devemos considerar outro fator de grande peso.

Para os gregos o corpo não podia ser consagrado. O corpo era matéria, a fonte de todo mal, a cadeia, o impedimento, o cárcere da alma. Mas para o cristão o corpo não era mau. Não podia sê-lo depois da encarnação. Jesus, o Filho de Deus, tinha tomado sobre si este corpo humano e portanto o corpo não era desprezível nem ruim devido ao fato de que tinha sido habitado por Deus. Portanto para o cristão a vida por vir envolve o homem em sua totalidade, corpo e alma.

É fácil interpretar mal e caricaturar a doutrina da ressurreição do corpo.

Celso, que viveu ao redor do ano 220 d. C. e que foi um dos primeiros em atacar ao cristianismo, o fez há muito tempo. "Como podem os mortos ressuscitar com seus corpos idênticos?", pergunta. "Em realidade é a esperança dos vermes! Porque, que alma desejará um corpo que apodreceu?"

É fácil apresentar o caso de uma pessoa destroçada num acidente, ou que morreu de câncer, ou mutilada, desfigurada, contrafeita. Mas Paulo nunca disse que ressuscitaríamos com o corpo com o qual morremos. Insistiu em que teríamos um corpo espiritual. O que Paulo queria dizer em realidade é que sobreviveria a *personalidade* do homem. É quase impossível conceber a personalidade sem um corpo, devido ao fato de que é através dele que a personalidade se expressa e é reconhecida. O que Paulo afirma é que depois da morte não existe a absorção por parte de alguma deidade imprecisa, não se perde o eu nem a personalidade, o indivíduo permanece.

Ele não tinha herdado o desprezo grego pelo corpo. Cria na ressurreição de todo o homem. Ninguém pode dizer como será essa vida. Mas a crença cristã é que não ressuscitará uma parte do homem, mas sim sua totalidade. Será ele mesmo; sobreviverá como pessoa. Isto é o que Paulo quer dizer quando menciona a ressurreição do corpo. Tudo referente ao corpo e à alma que seja necessário para que um homem seja uma pessoa, sobreviverá, mas, ao mesmo tempo, todas as coisas serão

novas, e o corpo e o espírito serão muito distintos às coisas da Terra, porque serão igualmente divinos.

O SENHOR RESSUSCITADO

1 Coríntios 15:1-11

Aqui Paulo está recapitulando as boas novas que anunciou em primeiro lugar aos coríntios. Não era algo inventado por ele. Ele as tinha recebido primeiro e se referiam ao Senhor ressuscitado.

Nos versículos 1 e 2 Paulo diz uma série de coisas de muitíssimo interesse a respeito das boas novas

(1) As boas novas eram algo que os coríntios tinham *recebido*. As boas novas sempre nos chegam por intermédio de alguém que já as possui. Ninguém inventou o evangelho para si mesmo; num sentido, ninguém jamais o descobriu para si mesmo. É algo que se recebe. Sem dúvida, aqui está a função da Igreja. Esta é o depósito e a transmissora das boas novas. Como o assinalou um dos pais da antigüidade: "Ninguém pode ter a Deus por Pai, a não ser que tenha a Igreja como mãe." As boas novas se recebem dentro de uma comunidade.

(2) As boas novas eram algo em que se *baseavam* os coríntios. A primeira e principal função das boas novas era a de outorgar ao homem estabilidade. Mantinha-o erguido num mundo perigoso e escorregadio. Outorgava-lhe poder de resistência num mundo tentador e sedutor. Brindava-lhe, num mundo que danifica, força ao coração destroçado ou a um corpo que agoniza, para resistir e não ceder. Moffatt traduz acertadamente Jó 4:4: "Tuas palavras mantiveram de pé os homens." Isto é precisamente o que faz a palavra do evangelho.

(3) As boas novas eram algo no qual *são salvos*. É interessante notar que no grego utiliza-se o tempo presente e não o passado. Seria estritamente correto traduzi-lo "pelo qual estais sendo salvos", e não "pelo qual sois salvos". A glória da salvação é que vai de glória em glória. Não se trata de algo que se completa neste mundo. Faz falta outro

mundo para abrir aos homens o tesouro total da salvação. Uma das maiores características da vida cristã é justamente sua falta de limites. Há muitas coisas nesta vida que podemos esgotar, mas o homem jamais poderá esgotar o significado da salvação.

(4) As boas novas eram algo a que o homem devia *aferrar-se tenazmente*. A vida faz muitas tentativas para nos tirar a fé. Sucedem coisas conosco e com outros que nos desconcertam; a vida tem problemas que parecem não ter solução e perguntas que parecem não ter resposta; momentos escuros nos quais pareceria que não há nada mais a fazer senão manter-se obstinado. A fé é sempre a *vitória*, a vitória da alma que se mantém agarrada tenazmente a Deus.

(5) As boas novas eram algo que *não se devia sustentar eventualmente nem por acaso*. A fé que cai é a que não pensou as coisas nem as analisou. Para muitos de nós nossa fé, nossa crença é algo superficial. Tendemos a aceitar as coisas porque nos disseram isso, a possuí-las meramente de segunda mão. Se levarmos até o fim a agonia do pensamento haverá muito que deveremos descartar, mas o que fica é real, verdadeira e inalienavelmente nosso, de tal maneira que nada nos pode tirar isso jamais.

Na lista de aparições do Senhor ressuscitado que Paulo cita há duas que são de especial interesse.

(1) A aparição a *Pedro*. No relato mais primitivo da história da ressurreição, as palavras do mensageiro na tumba vazia são: “Mas ide, dizei a seus discípulos *e a Pedro*” (Marcos 16:7). Em Lucas 24:34, os discípulos dizem: “O Senhor ressuscitou e já apareceu *a Simão!*” É surpreendente que uma das primeiras aparições do Senhor ressuscitado tenha sido ao discípulo que o tinha negado. Toda a maravilha do amor e da graça de Jesus Cristo estão presentes aqui. Outros poderiam ter odiado a Pedro para sempre, mas o único desejo de Jesus era que esse errante discípulo se afirmasse sobre seus pés. Pedro tinha injuriado a Jesus e tinha chorado de coração; e o único desejo deste surpreendente Jesus era confortá-lo na dor de sua infidelidade. O amor não pode ir mais

além que pensar mais na angústia do homem que o ofendeu que no dano que ele mesmo recebeu.

(2) A aparição a *Tiago*. Sem dúvida alguma se refere a Tiago, o irmão de Jesus. Através da narração do evangelho se vê claramente que a família de Jesus não lhe compreendia e que até lhe eram ativamente hostis. Marcos 3:21 nos diz que em realidade buscavam detê-lo porque criam que estava louco. João 7:5 nos relata que seus irmãos não criam nEle.

Um dos primeiros evangelhos que não conseguiram entrar na formação do cânon do Novo Testamento é o Evangelho segundo os Hebreus. Só ficam fragmentos do mesmo. Um deles preservado por Jerônimo diz o seguinte: "O Senhor, quando entregou seu sudário de linho ao servo do sacerdote, foi a Tiago e apareceu a ele (devido ao fato de que este tinha jurado que não comeria pão do momento em que tinha tirado da taça do Senhor até que o visse levantar-se dentre os que dormem)." E a história continua: "Jesus se chegou a Tiago e lhe disse: 'Traga uma mesa e pão.' E tomou pão e o abençoou, partindo-o, e deu a Tiago o Justo e lhe disse: 'Irmão, coma seu pão, porque o Filho o Homem se levantou dentre os que dormem'."

Só podemos fazer conjeturas com respeito ao que há por trás disto. Pode ser que nos últimos dias o desprezo de Tiago se convertesse em admiração, e que então quando chegou o fim, sentiu-se tão esmagado pelo remorso pela forma em que tinha tratado a seu irmão que jurou que morreria de fome a não ser que ele viesse a perdoá-lo. Mais uma vez nos encontramos aqui com o amor e a graça surpreendentes de Jesus. Veio trazer paz à alma afligida deste homem que lhe tinha considerado um louco e que tinha sido seu inimigo e opositor.

Uma das coisas que mais nos emociona de toda a história de Jesus é que duas de suas primeiras aparições, quando saiu da tumba, fossem aos homens que lhe tinham prejudicado tão cruelmente e que estavam arrependidos disso. Jesus sai ao encontro do coração penitente e contrito indo mais da metade de caminho.

Finalmente, nesta passagem encontramos uma luz vívida que ilumina o caráter de Paulo. Para ele a coisa mais apreciada do mundo era que Jesus também havia aparecido a ele. Esse momento foi ao mesmo tempo decisivo e dinâmico em sua vida. Mas os versículos 9 a 11 dizem muito a respeito de Paulo.

(1) Falam-nos de sua total *humildade*. É o menos importante dos apóstolos; foi agraciado com uma missão que ele não cria merecer. A única coisa que Paulo jamais teria pretendido era ser fruto de seu próprio esforço. Pela graça de Deus era o que era. Até toma o que bem poderia ter sido um vitupério contra si mesmo. Ao que parece, Paulo era um homem de pequena estatura e pouco atrativo (2 Coríntios 10:10). Pode ser que os judeus, depois de sua conversão ao cristianismo, se referissem a ele com desprezo dizendo "esse aborto de homem". Pode ser que os cristãos judeus que queriam impor a lei da circuncisão aos cristãos convertidos do paganismo, e que odiavam a doutrina de Paulo a respeito da graça livre, declarassem que, longe de ter nascido de novo, Paulo era um aborto. Paulo era tão consciente de sua própria indignidade que sentia que ninguém podia dizer nada demasiado mau a respeito dele. Carlos Gore disse: "Se fizermos uma revisão geral da vida, poucas vezes poderemos sentir que estamos sofrendo males imerecidos." Paulo se sentia assim. O seu não era o orgulho que rechaça as críticas e os vitupérios dos homens; era uma humildade que sentia que os merecia.

(2) Falam-nos ao mesmo tempo da consciência que tinha de seu *próprio valor*. Paulo sabia bem que tinha trabalhado mais que todos. Sua modéstia não era falsa. Mas até nisto, falava sempre, não do que ele tinha feito, mas sim do que Deus lhe tinha permitido fazer.

(3) Falam-nos a respeito de seu *sentido de irmandade*. Não se considerava um fenômeno isolado com uma mensagem que era única. Os outros apóstolos e ele pregavam o mesmo evangelho. Sua grandeza o unia mais à comunidade cristã. Sempre falta algo à grandeza que separa o homem de seus semelhantes.

SE CRISTO NÃO TIVESSE RESSUSCITADO**1 Coríntios 15:12-19**

Aqui Paulo ataca a posição central de seus opositores em Corinto. Eles diziam terminantemente: "Os mortos não ressuscitam." A resposta de Paulo é a seguinte: "Se adotarem essa posição, significa que Jesus Cristo não ressuscitou, e se tal coisa fosse certa, a fé cristã não teria valor."

Por que razão considerava Paulo tão absolutamente essencial a crença na ressurreição de Jesus? Quais eram os grandes valores e verdades que ela conserva? A ressurreição nos prova quatro grandes atos, que, se forem comprovados, podem mudar totalmente a perspectiva do homem da vida neste mundo e no vindouro.

(1) A ressurreição prova que *a verdade é mais forte que a mentira*. Segundo o quarto evangelho, Jesus disse a seus inimigos: "Mas agora procurais matar-me, a mim que vos tenho falado a verdade" (João 8:40). Jesus veio com a verdadeira idéia a respeito de Deus e da bondade; seus inimigos procuraram sua morte devido ao fato de que não queriam ver destruído seu ponto de vista equivocado a respeito de Deus e sua bondade. O que quer dizer que se os inimigos de Jesus tivessem tido êxito em destruí-lo, a mentira teria sido mais forte que a verdade. A ressurreição é a garantia final da indestrutibilidade da verdade.

(2) A ressurreição prova que *o bem é mais forte que o mal*. Mais uma vez citamos o quarto evangelho em que se apresenta a Jesus dizendo a seus inimigos "Vós sois do diabo, que é vosso pai" (João 8:44). As forças que crucificaram a Jesus pertenciam ao mal, e se não tivesse havido esta ressurreição teriam triunfado. J. A. Froude, o grande historiador, escreveu: "Pode dizer-se que a história repete com clareza uma lição, e só uma — que o mundo de algum modo está edificado sobre bases morais, que a longo prazo tudo vai bem com o bom, e tudo vai mal com o mau." Mas se não tivesse existido a ressurreição ficaria em perigo

esse mesmo princípio da ordem moral do universo, e jamais teríamos podido estar seguros de que o bem é mais forte que o mal.

(3) A ressurreição prova que *o amor é mais forte que o ódio*. Jesus era o amor de Deus encarnado. Por outro lado toda a atitude daqueles que procuraram a crucificação era de um ódio quase virulento. Era um ódio tão amargo, que chegado o momento era capaz de atribuir a beleza e a benignidade da vida de Jesus ao poder do diabo. Se não tivesse existido a ressurreição o ódio do homem teria, no final, vencido o amor de Deus. Mas a ressurreição é o triunfo do amor sobre tudo o que o ódio podia fazer. A ressurreição é a prova final de que o amor é mais forte que o ódio.

(4) A ressurreição prova o que *a vida é mais forte que a morte*. Se Jesus tivesse morrido para não voltar a viver, isso teria demonstrado que a morte podia tornar a vida mais bela e melhor que jamais existiu, e destruí-la.

Durante os anos de guerra certa igreja da cidade de Londres estava disposta para o dia de ação de graças. No centro das oferendas havia um punhado de milho. O culto jamais se celebrou, devido ao fato de que durante a noite do sábado houve um furioso ataque aéreo e a igreja ficou em ruínas. Passaram os meses e chegou a primavera e alguém notou que, na zona bombardeada onde tinha estado a igreja, havia caules verdes. Chegou o verão e os caules deram flor e no outono havia uma florescente parcela de milho crescendo entre os escombros. Nem as bombas nem a destruição tinham podido acabar com a vida do milho e suas sementes. A vida era mais forte que a morte. A ressurreição é a prova final disto.

Paulo insiste em que se a ressurreição de Jesus não fosse um fato, toda a mensagem cristã se basearia numa mentira, que aqueles que tinham morrido crendo nela teriam confiado num engano, que sem ela os maiores valores da vida não teriam garantias. "Tirem a ressurreição", diz, "e destruirão tanto o fundamento como o edifício da fé cristã."

PRIMÍCIAS DOS QUE DORMEM**1 Coríntios 15:20-28**

Esta é outra passagem muito difícil para nós devido ao fato de que se refere a idéias e conceitos que nos são estranhos.

Fala de Cristo como "as primícias dos que dormem". Aqui Paulo está pensando em termos de uma imagem que todo judeu saberia e reconheceria. A festa da Páscoa tinha mais de um significado. Como todos sabem, comemorava a saída dos filhos de Israel do Egito. Mas também era um grande festival da colheita. A data coincidia com o momento em que se começava a colheita da cevada. A lei estabelecia: "Trareis um molho das primícias da vossa sega ao sacerdote; e ele moverá o molho perante o SENHOR, para que sejais aceitos; ao seguinte dia do sábado, o moverá o sacerdote." (Levítico 23:10,11, RC). A lei estabelecia que algumas molhos de cevada deviam ser obtidas de um campo comum. Não deviam provir nem de um jardim, nem de um pomar, nem de terra especialmente preparada. Deviam provir de um campo típico. Quando se cortava a cevada era levada ao templo. Ali era debulhada com varas suaves para não arruiná-la. Logo era torrava sobre o fogo numa frigideira perfurada de modo que cada grão fosse tocado por ele. Logo era exposta ao vento para que a palha voasse. Depois era triturada num moinho, e se oferecia a farinha a Deus. Essas eram as primícias. E é muito significativo notar que até ser realizada não se podia comprar nem vender a cevada nova nos negócios nem fazer pão da nova farinha.

Assim como as primícias eram um sinal da próxima colheita, a ressurreição de Jesus era um sinal da ressurreição de todos os crentes. Assim como não se podia utilizar a cevada nova até ter devotado devidamente as primícias, a nova colheita da vida não chegaria até Jesus não ter ressuscitado dos mortos.

Logo Paulo utiliza outra idéia judia. Segundo o antigo relato de Gênesis 3:1-19, a morte entrou no mundo pelo pecado de Adão. A morte

foi a consequência direta e o castigo desse pecado. Os judeus criam literalmente que todos os homens tinham pecado em Adão. Para nós é fácil ver que o pecado de Adão podia transmitir à sua descendência *a tendência* a pecar.

Como disse Esquilo: "O ato ímpio deixa atrás de si uma origem maior, todos parecidos com a estirpe paterna."

Como escreveu George Eliot. "Nossos atos são como filhos que nascem, vivem e agem fora de nossa vontade; os meninos podem ser estrangulados, mas os atos não. Têm uma vida indestrutível tanto dentro como fora de nossa consciência."

Ninguém negaria que um menino pode herdar a tendência a pecar, e que os pecados dos pais serão literalmente "visitados" sobre seus filhos. Ninguém pode negar que um menino pode herdar as consequências do pecado de seu pai, porque sabemos muito bem que as condições físicas que são o resultado de uma vida imoral podem ser transmitidas a um menino. Mas os judeus queriam dizer mais que isto. Eles tinham um tremendo sentido de solidariedade. Estavam seguros de que ninguém podia fazer nada que afetasse só a ele. Estava preso ao feixe da vida. E sustentavam que todos os homens tinham pecado em Adão. Para os judeus ele era o pai da raça humana. Todo mundo dos homens estava, por assim dizer, nele. E quando ele pecou, todos pecaram.

Esta idéia pode nos parecer muito estranha. Pode nos parecer injusta. Mas era uma crença judia. Todos tinham pecado em Adão, e portanto todos deviam sofrer a pena de morte. De modo que nos encontramos com uma situação em que todos os homens são pecadores e portanto todos devem morrer. Mas com a vinda de Cristo essa cadeia quebrou-se. Essa situação viu-se invadida por algo novo. Cristo não havia pecado. Tinha vencido a morte. E assim como todos os homens tinham pecado em Adão, todos se livravam do pecado em Cristo; e assim como todos tinham morrido em Adão, todos venciam a morte em Cristo. Nossa unidade com Cristo é tão real como nossa unidade com Adão e esta unidade destrói o efeito nocivo da anterior.

Temos, pois, dois grupos de atos que contrastam. Primeiro, está Adão: pecado e morte. Logo está Cristo: benevolência e vida. E assim como todos estivemos envoltos no pecado do primeiro homem que foi criado, estamos envoltos na vitória do que recriou a humanidade. Qualquer que seja o juízo que nos mereça esta maneira de pensar, era algo convincente para os que o ouviram pela primeira vez; e mesmo que haja outras dúvidas, o certo é que com Jesus Cristo veio ao mundo um novo poder para libertar os homens do pecado e da morte que emaranhavam a situação humana.

Os versículos 24 a 28 são muito estranhos para nós. Estamos acostumados a pensar de tal maneira que pomos o Pai e o filho num plano de igualdade. Mas aqui Paulo de maneira bem clara e deliberada subordina o Filho ao Pai. O que pensa é isto. Só podemos utilizar termos e analogias humanas. Deus deu a Jesus uma tarefa para fazer, que consistia em derrotar o pecado, vencer a morte e libertar o homem. Chegará o dia em que essa tarefa se cumpriu total e finalmente, e então, pensando em termos gráficos, o Filho retornará ao Pai como um vencedor que retorna ao lar e o triunfo de Deus será completo. Não se trata de que o Filho esteja sujeito a seu Pai como o estão um escravo ou um servo a seu amo. É o caso de alguém que cumpriu o trabalho que lhe foi encarregado, e que retorna coroadado com a glória da obediência completa. Assim como Deus enviou seu Filho a redimir o mundo, assim ao chegar o fim Deus receberá um mundo redimido, e não haverá nada no céu nem na Terra que esteja fora do amor e do poder de Deus.

SE NÃO HOUVESSE RESSURREIÇÃO

1 Coríntios 15:29-34

Mais uma vez esta passagem começa com uma seção muito difícil. As pessoas sempre estiveram muito intrigadas a respeito do que significa *ser batizados pelos mortos*, e não podemos dizer que este problema ainda se resolveu de maneira definitiva e final. A preposição por que se

utiliza, em grego é *hyper*. Em geral esta palavra pode ter dois significados principais. Quando se refere a um lugar, pode significar *sobre* ou *por cima*. Mais usualmente se refere a pessoas ou coisas e significa *em lugar de* ou *a favor de*. Recordando estes dois significados, consideremos algumas das maneiras em que foi interpretada esta frase.

(1) Começando com o significado de *sobre* ou *por cima*, alguns eruditos sugeriram que isto se refere àqueles *que se batizavam sobre as tumbas dos mártires*. A idéia reside em que havia algo especialmente comovedor em ser batizado sobre terra sagrada, pensando em estar rodeados por uma nuvem invisível de testemunhas. É uma idéia atrativa e muito bonita, mas, no momento em que Paulo escrevia aos coríntios, ainda não tinha começado a perseguição em grande escala. Os cristãos podiam estar sofrendo ostracismo e perseguição social, mas ainda não tinha chegado a época dos mártires.

(2) Em qualquer caso é muito mais natural interpretar a palavra *hyper* no sentido de *em lugar de* ou *a favor de*. Se o fizermos neste sentido há três possibilidades. Sugere-se que a frase se refere àqueles *que se batizam para completar os lugares que os mortos deixaram vagos na Igreja*. Este também é um grande pensamento. A idéia é que o crente novo — o cristão jovem — entra na Igreja como um novo recruta para ocupar o lugar de veteranos que terminaram sua campanha e ganharam seu descanso. Nisto há um precioso pensamento. A Igreja necessita sempre ser reforçada, ser substituída, e o novo membro é como um voluntário que completa as filas vazias.

(3) Sugere-se que a frase significa *aqueles que se batizam por respeito e carinho aos mortos*. Mais uma vez há uma verdade apreciada nisto. Sabemos que é certo que muitos de nós entramos na Igreja porque sabíamos e recordávamos que alguém a quem tínhamos amado e que nos tinha amado, morreu orando e esperando por nós. Há muitos que finalmente deram sua vida a Cristo pela influência invisível de outro que passou desta para a melhor.

(4) Todos estes são pensamentos bonitos, mas no final pensamos que esta frase só pode referir-se a um costume, um costume que existia na Igreja primitiva, mas que acertadamente deixou de fazer parte das práticas da Igreja. Na Igreja primitiva havia um costume que se chamava batismo vicário. Se uma pessoa que tinha querido chegar a ser membro da Igreja, que nesse momento estava recebendo instrução, que era em realidade um catecúmeno, morria, algumas vezes outra pessoa se batizava por ela depois de sua morte. Era uma espécie de batismo por procuração. O costume nasceu do que é em realidade um conceito supersticioso e mágico do batismo, que cria que se uma pessoa não era batizada se via excluída da glória dos fiéis e do céu. Para proteger-se desta exclusão às vezes alguém se oferecia como voluntário para ser literalmente batizado em favor daqueles que tinham morrido. Paulo não aprova nem condena esta prática. Simplesmente pergunta que finalidade teria se não existisse a ressurreição e se os mortos não se levantassem novamente.

Paulo logo passa a tratar um dos grandes motivos da vida cristã. Com efeito, pergunta: "Por que um cristão deve aceitar a batalha, o perigo e os riscos da vida cristã se o fizer por nada?" Cita sua própria experiência. Sua vida corre perigo todos os dias. Em Éfeso aconteceu algo terrível que o Novo Testamento não nos conta. Refere-se a isso novamente em 2 Coríntios 1:8-10; diz que na Ásia, ou seja Éfeso, correu um perigo tão horrendo que se desesperou para a vida e teve a sentença de morte pendente sobre ele. Até o dia de hoje existe em Éfeso um edifício que é conhecido como o cárcere de Paulo. Aqui ele se refere a *ter lutado com bestas*. A palavra que utiliza é a que se refere a um gladiador que na arena tinha que lutar com leões. Lendas posteriores nos relatam que Paulo em realidade teve que lutar e que se salvou milagrosamente devido ao fato de que os animais não o atacaram. Mas Paulo era um cidadão romano e nenhum cidadão romano seria obrigado a lutar na arena. É muito mais provável que utilize a frase para dar uma imagem vívida das ameaças e maus entendimentos dos homens ou de

uma multidão que tinham tentado lhe tirar a vida tão grosseiramente como se tivessem sido animais selvagens. De qualquer maneira. Paulo pergunta: "Que objeto têm os perigos, os sofrimentos e as cicatrizes se não existir uma vida mais além?"

O homem que pensa que esta vida é tudo, e que depois não há nada, poderá dizer: "Comamos, bebamos e nos alegremos que amanhã morreremos." A Bíblia mesma cita aqueles que falavam assim. Isaías (56:12) fala daqueles que diziam: "Vinde, dizem eles, trarei vinho, e nos encharcaremos de bebida forte; o dia de amanhã será como este e ainda maior e mais famoso." O Pregador, que sustentava que a morte equivalia à extinção, escreveu: "Nada há melhor para o homem do que comer, beber e fazer que a sua alma goze o bem do seu trabalho." (Eclesiastes 2:24; ver 3:12; 5: 18; 8:15; 9:7). O próprio Jesus nos falou do rico insensato que se esqueceu da eternidade e adotou como lema: "Come, bebe e regala-te" (Lucas 12:19).

A literatura clássica está cheia desse espírito. Heródoto, o historiador grego, conta-nos um costume egípcio.

"Nas reuniões sociais entre os ricos, quando finalizava o banquete, um servo levava aos convidados um ataúde, no qual havia uma imagem de madeira, gravada e grafite para assemelhá-lo o mais possível ao natural, de um ou dois côvados de comprimento. À medida que o mostrava a cada convidado, o servo dizia: 'Olhe aqui, e bebe e se alegre, porque quando morrer será como isto'."

Eurípides escreve no *Alcestes* (781-789, segundo tradução ao castelhano de Ángel Ma. Garibay K., da Academia da Língua):

A todos os mortais decretada está a morte
E não há um só que possa predizer se viverá amanhã.
Quem poderia saber aonde o guia o destino?
Ninguém sabe dizer, a ciência é incapaz de adivinhá-lo.
Ouve-me, Creia em mim. . .
Goza, bebe, toma como sua a hora e o dia que tem
nas mãos. . . o resto, deixa-o ao destino!

Tucídides (2:53) conta-nos que quando a praga mortal invadiu Atenas, as pessoas cometeram todo tipo de crimes vergonhosos devido ao fato de que criam que a vida era curta e nunca teriam que sofrer a tristeza.

Horácio (Odes 2:13; 13) dá-nos como sua filosofia:

"Digam-lhes que tragam vinhos e perfumes e efêmeros pimpolhos da bela rosa enquanto as circunstâncias, o tempo e os negros mantos das três irmãs (as Parcas) permitam-nos fazê-lo."

Em um dos poemas mais famosos do mundo do poeta latino Catulo encontramos o seguinte:

"Vivamos, Lésbica minha, e amemos, e valorem os relatos de anciãos austeros numa moedinha. Os sóis poderão ficar e voltar, mas para nós, uma vez que se ponha nossa breve luz, deveremos dormir através de uma noite perpétua."

Eliminemos a idéia de uma vida futura e esta vida perderá todos os seus valores. Eliminemos a idéia de que esta vida é uma disciplina e uma preparação para uma vida futura mais grandiosa, e se soltarão todos os laços da honra e da moral. Não tem sentido dizer que não teria que ser assim, porque os homens não teriam que ser bons e honrados por uma recompensa. Subsiste o fato de que o homem que crê que este é o único mundo, inevitavelmente viverá como se as coisas deste mundo fossem a única coisa importante.

De modo que Paulo insiste em que os coríntios não devem associar-se com aqueles que dizem que a ressurreição não existe. Fazê-lo significa arriscar-se a sofrer uma infecção que pode contaminar a vida. Dizer que não existe a ressurreição não é um signo de superioridade de conhecimentos; é um signo de ignorância total de Deus. Paulo deixa que a mesma vergonha faça com que os que se apartaram voltem para caminho correto.

O FÍSICO E O ESPIRITUAL**1 Coríntios 15:35-49**

Antes de começar a tratar de interpretar ou compreender esta seção faríamos bem em recordar uma coisa — em toda ela Paulo está falando a respeito de coisas que ninguém conhece realmente. Não está falando de atos concretos, verificáveis, mas sim sobre questões de fé. Está tratando de expressar o inexprimível e descrever o indescritível, e está tratando de utilizar da melhor maneira as idéias e palavras humanas que é tudo o que tem a seu alcance. Se recordarmos isto, salvar-nos-á de uma interpretação cruamente literal e fará com que nosso pensamento se fixe nos princípios importantes que estão na mente de Paulo. Nesta seção Paulo tem que enfrentar as pessoas que diz: "Supondo que haja uma ressurreição do corpo, que chegássemos a aceitar tal coisa, com que tipo de corpo ressuscitarão as pessoas?" A resposta de Paulo encerra três princípios básicos.

(1) Toma a analogia da semente. A semente ao ser posta na terra morre, mas no momento que lhe corresponde ressuscita, e se levanta com um corpo muito distinto ao do momento em que foi semeada. Paulo está mostrando que, ao mesmo tempo, pode haver dissolução, diferença, e continuidade. A semente se dissolve; quando se levanta outra vez há uma vasta diferença no corpo que Deus lhe deu; e entretanto, apesar da dissolução e das diferenças, trata-se da mesma vida, da mesma semente. Este argumento prova que nossos corpos terrestres serão enterrados e se dissolverão; voltarão a levantar-se, mas o farão com uma qualidade distinta; mas subsiste o fato de que é a mesma pessoa a que ressuscita, por muito distinto que seja seu corpo nesse momento. Poderemos ser dissolvidos pela morte; poderemos mudar ao ressuscitar; mas ainda seremos nós os que existiremos.

(2) O segundo princípio básico que Paulo estabelece é que no mundo, tal como o conhecemos, não existe um só corpo. Cada parte da criação tem seu próprio corpo. O argumento prova que Deus dá a toda

criatura vivente e a cada coisa criada um corpo de acordo com seu papel na criação e que se ajusta a ele. Sendo assim, então é só razoável que Deus nos dê também um corpo que esteja de acordo com a vida da ressurreição.

(3) O terceiro princípio básico é que na vida existe um desenvolvimento. Adão o primeiro homem, foi criado do pó da terra (Gênesis 2:7). Mas Jesus é muito mais que um homem criado meramente do pó. É a encarnação do próprio Espírito de Deus. Sob a antiga forma de vida fomos um com Adão, compartilhando seu pecado, herdando sua morte e tendo seu corpo; mas sob a nova forma de vida somos um com Cristo e portanto compartilharemos sua vida e seu ser. Este argumento prova que é certo que temos um corpo físico ao princípio, mas também é certo que algum dia teremos também um corpo espiritual.

Através de toda esta seção Paulo manteve uma sábia e reverente reticência no que respeita a como será o corpo. Será um corpo espiritual, será tal como Deus sabe que o necessitamos e será como Cristo, mas nos versículos 42-44 descreve quatro contrastes que iluminam nosso estado futuro.

(1) O corpo atual se corrompe; o futuro será incorruptível. Neste mundo tudo está sujeito à mudança e à deterioração. Como disse Sófocles, o antigo poeta grego: "A beleza da juventude murcha, e também a glória da humanidade." Mas na vida futura haverá uma permanência na qual as coisas nunca deixarão de ser belas e a beleza não perderá jamais seu esplendor.

(2) O corpo presente é de desonra; o futuro será de glória. O que quer dizer Paulo com isto? Talvez queira dizer que nesta vida a desonra pode penetrar facilmente nela através de nossos sentimentos, paixões e instintos corporais; mas que na vida futura nossos corpos não serão mais os servos da paixão nem do impulso mas sim instrumentos ao serviço puro de Deus, e não há honra mais alta que esta.

(3) O corpo atual é fraco; o futuro será poderoso. Está na moda em nossos dias falar do poder do homem, mas o que realmente ressalta é sua

fraqueza. Uma corrente de ar ou uma gota de água pode matá-lo. Nesta vida muitas vezes nos vemos limitados simplesmente devido às limitações necessárias do corpo. Várias vezes nossa constituição física diz a nossas visões e planos: "Até aqui e não mais." Muitas vezes nos vemos frustrados na vida por ser o que somos. Mas na vida por vir não existirão limitações. Aqui estamos cercados pela fraqueza; ali estaremos investidos com poder. Na Terra temos "arcos quebrados"; na vida por vir teremos "círculos perfeitos".

(4) O corpo presente é natural; o futuro será espiritual. Talvez Paulo queria dizer com isto que tal como somos constituímos canais imperfeitos para o Espírito e instrumentos defeituosos para ser utilizados por Ele; mas na vida por vir seremos de tal maneira que o Espírito na verdade poderá nos encher, como não pode fazê-lo aqui, e realmente nos usará, como nunca é possível agora. Na vida vindoura poderemos render a adoração perfeita, o serviço perfeito e o amor perfeito, que neste mundo podem ser só uma visão e um sonho.

A CONQUISTA DA MORTE

1 Coríntios 15:50-58

Mais uma vez devemos começar esta passagem lembrando que Paulo está considerando coisas que desafiam a linguagem e frustram a expressão. Devemos ler isto com a mesma mentalidade com que leríamos um grande poeta, em lugar de fazê-lo com a mente que analisa um tratado científico. O argumento segue uma série de passos até que alcança seu ponto culminante.

(1) Paulo insiste em que tal como somos não estamos preparados para herdar o Reino de Deus. Podemos estar bem equipados para enfrentar a vida neste mundo, mas não para a vida no mundo vindouro.

Qualquer pessoa pode correr para alcançar seu trem da manhã, mas teria que ser muito distinto para poder correr o suficiente para competir nos Jogos Olímpicos. Qualquer pessoa pode escrever bastante bem para

entreter seus amigos, mas teria que ser um homem muito distinto para escrever algo que os ombros não estejam dispostos a deixar morrer. Qualquer pessoa pode falar bem no círculo de amigos de seu clube, mas teria que ser muito distinto para apresentar-se perante um círculo de verdadeiros eruditos e peritos. O homem precisa mudar sempre para entrar num grau de vida mais alto. Paulo insiste em que em primeiro lugar antes de poder entrar no Reino de Deus devemos mudar.

(2) Além disso, Paulo insiste em que essa mudança radical ocorrerá durante seu próprio tempo. Nisto se equivocava. Mas via que essa mudança chegaria com o retorno de Jesus Cristo.

(3) Logo Paulo continua declarando triunfalmente que ninguém precisa temer a mudança. O temor à morte sempre acossou os homens.

O Dr. Johnson, um dos homens mais grandiosos e melhores que jamais tenha vivido, estava acossado por este medo. Uma vez Boswell lhe disse que tinha havido momentos nos quais não tinha temido à morte. Johnson respondeu que: "ele nunca tinha um instante em que a morte não fosse terrível". Uma vez a senhora Knowles lhe disse que não teria que temer ao que era a porta da vida. Johnson respondeu: "Nenhum homem racional pode morrer sem sentir uma apreensão angustiosa." Dizia que o medo da morte era tão natural para o homem que toda a vida era um longo esforço para não pensar nela.

No que reside esse medo da morte? Em parte se deve ao medo pelo desconhecido. Provém ainda mais da consciência de ter pecado. Se o homem sentisse que pode encontrar-se com Deus facilmente, então morrer seria, como disse Peter Pan, uma grande aventura. Mas de onde provém essa consciência de pecado? Reside na sensação de estar sob a lei. Enquanto o homem veja em Deus só a lei de justiça, se encontrará para sempre na posição de um criminoso perante o estrado de Deus, sem esperanças de absolvição e com a segurança da condenação. Mas Jesus veio exatamente para abolir isto. Veio para nos dizer que Deus não é lei, mas sim amor; que o centro do ser de Deus não é a legalidade, mas sim a graça; que nos dirigimos não a um juiz, mas sim a um Pai que

espera que seus filhos cheguem ao lar. E justamente devido a isso Jesus Cristo nos deu a vitória sobre a morte, e o temor a ela desaparece na maravilha do amor de Deus.

(4) Finalmente, ao terminar este capítulo, Paulo faz o de sempre. De repente a teologia se converte num desafio; as especulações se tornam intensamente práticas; o vôo da mente se converte repentinamente numa demanda de ação. Assim, pois, Paulo termina dizendo: "Tendo toda essa glória que contemplar, mantenham-se firmes na fé e o serviço de Deus, porque se o fazem, todo seu esforço e sua luta não serão em vão."

A vida cristã pode ser difícil, mas a meta vale imensamente a luta do caminho.

1 Coríntios 16

Planos práticos - 16:1-12

Saudações e palavras finais - 16:13-24

PLANOS PRÁTICOS

1 Coríntios 16:1-12

Nada mais típico de Paulo que a mudança abrupta entre o capítulo 15 e o 16. O primeiro transitou o mais alto reino do pensamento e da teologia, e discutiu a vida no mundo por vir. O segundo, refere-se às coisas mais práticas da maneira mais prática e tem que ver com a vida cotidiana neste mundo e a administração da Igreja. Nenhum pensamento é muito alto para Paulo não chegar a ele, e nenhum detalhe prático da administração é muito pequeno para ele não lembrar. Paulo estava longe de ser um desses sonhadores e visionários que se encontram à vontade no reino da especulação teológica, e que se encontram completamente perdidos nas coisas práticas. Podem ter existido momentos nos quais Paulo tinha a cabeça nas nuvens e para além delas, mas seus pés sempre se assentaram firmemente sobre terreno sólido.

Começa falando a respeito da coleta para os santos pobres em Jerusalém. Esta era uma responsabilidade muito apreciada pelo coração de Paulo (ver Gál. 2:10; 2 Cor. caps 8 e 9; Rom. 15:25; Atos 24:17). Havia uma certa irmandade no mundo antigo. No mundo grego havia associações chamadas *eranoi*. Se uma pessoa passava por dias maus ou por uma necessidade repentina, seus amigos se reuniam para juntar um empréstimo livre de juros para ajudá-la. A sinagoga tinha funcionários cuja tarefa era a de arrecadar dos que tinham e repartir entre os pobres. Frequentemente os judeus que tinham saído de seu país e tinham prosperado, enviavam mensageiros a Jerusalém com suas contribuições para o templo e para os pobres. Paulo não queria que a Igreja cristã ficasse atrás dos judeus e pagãos em generosidade. Mas para Paulo esta coleta para os pobres de Jerusalém significava mais que isto.

(1) Era uma forma de demonstrar a unidade da Igreja. Era uma maneira de ensinar aos cristãos dispersos que não eram membros de uma congregação, mas sim de uma Igreja, e que cada parte dela tinha obrigações para com o resto e era responsável por ele. A posição estreitamente congregacional estava longe da concepção paulina da Igreja.

(2) Era uma maneira de tornar efetivo o ensino prático do cristianismo. Ao organizar esta coleta Paulo estava dando a seus conversos a oportunidade de traduzir em ação os ensinamentos de Cristo sobre a virtude cristã do amor.

Assinalou-se que, nas distintas cartas e conversações, Paulo utiliza não menos de nove palavras distintas para descrever esta coleta.

(1) Aqui ele a chama *logia*. Significa uma *coleta extra*. Uma *logia* era o oposto de um imposto que se devia pagar; era uma maneira de dar fora do comum. O homem nunca satisfaz seu dever cristão saldando as obrigações que legalmente se vê forçado a cumprir. A pergunta de Jesus era a seguinte: "O que fazem de mais?" (Mateus 5:47).

(2) Às vezes ele a chama uma *charis*. (1 Coríntios 16:3; 2 Cor. 8:4). Como já vimos a característica de *charis* é que descreve *um dom*

outorgado livremente. O realmente belo não é algo que foi extraído de alguém, não importa quão grande seja, mas sim algo que se dá com o amor que inunda o coração do homem, embora se trate de algo pequeno. Devemos notar que Paulo não estabelece sinceramente o que cada cristão coríntio deve dar. Diz que devem dar de acordo com sua prosperidade. Uma soma que pode não ser nada para um rico, pode representar um grande sacrifício para um pobre. O coração de um homem deve lhe dizer quanto dar.

(3) Às vezes utiliza a palavra *koinonia* (2 Cor. 8:4; 9:13; Rom. 15:6). *Koinonia* significa *comunidade*, e a essência da comunidade é *compartilhar*. A comunidade cristã está baseada no espírito que não pode guardar para si mesmo o que tem, mas sim considera todas as suas posses como coisas que se devem compartilhar com outros. A pergunta predominante não é: "O que guardar para mim?", mas sim: "O que posso dar?"

(4) Algumas vezes utiliza a palavra *diakonia* (2 Cor. 8:4; 9:1,12,13). *Diakonia* significa *serviço cristão prático*. Da palavra afim *diakonos* se deriva nossa palavra *diácono*. Muitas vezes pode ocorrer que as limitações da vida nos impedem de render um serviço pessoal, e freqüentemente possa suceder que nosso dinheiro possa chegar aonde nós não podemos.

(5) Uma vez utiliza a palavra *hadrotēs* cujo significado é *abundância* (2 Coríntios 8:20). Nessa passagem Paulo fala a respeito dos enviados da Igreja que o acompanham para garantir que ele não malverse a *abundância* que lhe foi confiada. Paulo nunca teria desejado abundância para si mesmo. Estava de acordo com o que podia ganhar com o trabalho de suas mãos e o suor de seu rosto. Mas seu coração se alegrava quando contava com abundância para dar. É um feio comentário a respeito da natureza humana que, quando um homem sonha com o que faria se fosse milionário, sempre começa pensando no que compraria para si mesmo, e muito poucas vezes no que estaria disposto a dar.

(6) Algumas vezes Paulo utiliza a palavra *eulogia*, que neste caso significa *generosidade* (2 Coríntios 9:5). Há uma maneira de dar que não é generosa. A outorga como um dever frio e inevitável; dá-se a contra gosto e não com alegria. Em tudo verdadeiro dar há uma generosidade que acima de todas as coisas está feliz de poder dar.

(7) Algumas vezes utiliza a palavra *leitourgia* (2 Coríntios 9:12). Em grego clássico esta é uma palavra com uma nobre história. Nos grandes dias de Atenas havia cidadãos generosos que davam voluntariamente de seus bolsos para respaldar os gastos de algum projeto no qual estava comprometida a cidade. Podia ser para custear os gastos da preparação do coro para algum novo drama ou para que alguma equipe competisse para a honra da cidade nos jogos; podia utilizar-se para pagar, equipar e tripular um trirreme ou um navio de guerra se a cidade corria perigo. A *leitourgia* era originalmente um serviço ao Estado aceito voluntariamente. A oferenda cristã jamais teria que nos ser requerida; deveria ser voluntária. Deveríamos aceitar como um privilégio o ajudar de algum modo à casa de Deus.

(8) Uma vez Paulo refere-se a esta oferenda como *ellemosune* (Atos 24:17). Em grego significa *esmolas*. O dar esmolas era tão importante para a idéia judaica da religião que os judeus utilizavam a mesma palavra para dizer *ofertar* e *justiça*. Um judeu houvesse dito: "Como pode demonstrar um homem que é bom se não o fizer por meio de sua generosidade?"

(9) Em último lugar Paulo utiliza a palavra *prosphora* (Atos 24:17). O interessante a respeito isto é que significa tanto *oferenda* como *justiça*. No sentido mais real o que se dá a um homem em necessidade é um sacrifício a Deus. O melhor de todos eles, depois do sacrifício do coração penitente, é a bondade demonstrada para com um de seus filhos com problemas ou necessidades.

No final desta seção Paulo envia dois de seus ajudantes. O primeiro é *Timóteo*. Timóteo tinha a desvantagem de ser um homem jovem, e a situação de Corinto era bastante difícil para a experiência de Paulo; seria

imensamente pior para ele. A recomendação de Paulo é que respeitem a Timóteo, não por ele, mas pelo trabalho que está realizando. Não é o homem que dignifica o trabalho mas o trabalho é que dignifica o homem. Não há dignidade que se assemelhe à dignidade de uma grande tarefa. O segundo era *Apolo*. Apolo surge desta passagem como um homem de grande sabedoria. No começo desta carta vimos que havia um partido em Corinto, que sem a sanção de Apolo, vinculou-se a seu nome. Apolo sabia, e, sem dúvida, queria estar longe de Corinto, não fosse que se chegava a ir, esse partido trataria de anexá-lo. Era o suficientemente sagaz para dar-se conta de que, quando uma igreja está dividida em setores partidários, há um momento em que é mais sábio e mais inteligente manter-se longe.

SAUDAÇÕES E PALAVRAS FINAIS

1 Coríntios 16:13-24

Esta é uma passagem muito interessante devido ao fato de que sua praticidade e significado corrente iluminam vividamente a vida cotidiana da Igreja primitiva.

Nos versículos 13 e 14 Paulo começa com uma série de cinco imperativos. Pode ser que os primeiros quatro tenham um pano de fundo militar, e que se assemelhem às ordens de um comandante a seus soldados. "Estejam sempre alertas, como um sentinela. Estejam firmes na fé ao ser atacados e não cedam nem um centímetro. Sede heróis na batalha. Sede fortes para lutar por seu Rei, como soldados bem equipados e treinados." Logo a metáfora muda. Acima de todas as coisas o soldado cristão constituirá um camarada e um ser cheio de amor para com as pessoas da Igreja, não importa como aja com respeito àquelas pessoas e coisas de fora que ameaçam a fé cristã. Na vida cristã deve existir a coragem que nunca retrocede e o amor que nunca decai.

Estéfnas, Fortunato e Acaico tinham ido ver Paulo em Éfeso, e eles lhe tinham dado toda a informação em primeira mão que encheu os

vazios em seu conhecimento do que estava acontecendo em Corinto. Os elogios que Paulo faz de Estéfanos são muito interessantes. Devia ser respeitado porque se dedicou ao serviço da Igreja. Na Igreja primitiva o serviço espontâneo e voluntário era o começo da função oficial. Uma pessoa podia converter-se em líder da Igreja, nem tanto por ter sido nomeado por algum outro, mas sim porque sua vida e trabalho o assinalavam como alguém que todos deviam respeitar. Todos aqueles que compartilham a tarefa e o trabalho do evangelho impõem respeito não porque tenham sido escolhidos pelos homens para sua função, mas sim devido ao fato de que estão levando a cabo a tarefa de Cristo.

T. C. Edwards tem um breve comentário a respeito daqueles que *trabalham e trabalham em excesso*. Diz que na Igreja: "muitos *trabalham*, mas poucos *trabalham em excesso*".

Os versículos 19 e 20 são uma série de saudações. Áqüila e Priscila mandam saudações. Estas duas pessoas, marido e mulher, estão presentes no pano de fundo das cartas de Paulo e do Livro dos Atos. Eram judeus, e como Paulo, eram fabricantes de tendas. Originalmente se tinham estabelecido em Roma, mas em 49 (ou 50) d. C. o imperador Cláudio emitiu um decreto pelo qual deportava todos os judeus daquela cidade. Áqüila e Priscila foram a Corinto e ali foi onde Paulo os conheceu e ficou com eles pela primeira vez (Atos 18:2). De Corinto foram a Éfeso, de onde Paulo envia agora suas saudações a seus velhos conhecidos em Corinto. Em Romanos 16:6 encontramos que estão novamente em Roma e se estabeleceram ali.

Uma das coisas interessantes a respeito deste casamento é que nos demonstram o fácil e natural que era viajar naqueles tempos. Foram levando seu ofício da Palestina a Roma, dali a Corinto e logo a Éfeso, para voltar mais tarde a Roma. Mas há algo grandioso a respeito deles. Naqueles dias a Igreja não tinha edifícios. Em realidade até o século III não se menciona a existência de templos. As pequenas congregações se reuniam em casas de família. Se a casa tinha uma habitação o suficientemente grande, ali se reunia a comunidade cristã. Notamos que

em qualquer lugar que fossem Áqüila e Priscila, sua casa se convertia em Igreja. Quando estavam em Roma Paulo lhes envia saudações e à Igreja que se reunia em sua casa (Romanos 16:3-5). Quando escreve desde Éfeso envia saudações deles e da Igreja que está em sua casa. Áqüila e Priscila eram duas dessas pessoas maravilhosas que fazem de seus lares centros de luz e amor cristãos, que recebem muitos hóspedes devido ao fato de que Cristo é sempre seu convidado invisível mas permanente, que fazem de suas casas refúgios de paz e amizade para os solitários, para os que se vêm tentados, para os tristes e os deprimidos.

Um dos grandes elogios que Homero fez de um de seus personagens foi: "Vivia numa casa à beira do caminho e era amigo dos viajantes."

O viajante cristão sempre encontrava uma estalagem de paz no lugar onde viviam Áqüila e Priscila. Deus nos conceda que nossos lares sejam assim!

Paulo escreve: "Saudai-vos uns aos outros com ósculo santo." O beijo de paz era um costume na Igreja primitiva. Pode ser que tenha sido um costume judaico que a Igreja adotou. Aparentemente se dava ao finalizar as orações e antes de que a congregação tomasse parte do sacramento. Era um sinal e um símbolo de que se sentavam à mesa do amor unidos por esse sentimento perfeito.

Cirilo de Jerusalém escreve a respeito dele: "Não pensem que esse beijo é aquele que se dão dois amigos no mercado."

Não se dava promiscuamente. Em realidade, em épocas posteriores não se beijavam homens e mulheres mas sim o faziam homens com homens e mulheres com mulheres. Algumas vezes não se dava nos lábios, mas sim sobre a mão. Chegou a ser chamado simplesmente "a Paz". Certamente que nenhuma Igreja teve que ser lembrada deste belo costume mais que a de Corinto, tão rasgada pela contenda e a desunião.

Por que desapareceu este belo costume da vida da Igreja? Em primeiro lugar, porque, apesar de ser belo, obviamente podia abusar-se dele, e o que é pior, podia ser mal interpretado pelos caluniadores

pagãos. Mas em segundo lugar, perdeu-se devido ao fato de que a Igreja foi deixando cada vez mais de ser uma comunidade. Nas pequenas casas-igrejas, nas quais os amigos se encontravam e estavam muito unidos entre si, era o mais natural do mundo; mas quando a comunidade se converteu numa vasta congregação e a pequena habitação numa grande Igreja, perdeu-se a intimidade e o beijo de paz se perdeu com ela. Pode ser que com nossas grandes congregações tenhamos perdido algo, porque quanto mais grande e dispersa é, mais difícil resulta ser uma comunidade, em que as pessoas realmente se conheçam e se amem entre si. E, entretanto, uma Igreja que é um conjunto de estranhos, ou no melhor dos casos de conhecidos, não é uma verdadeira Igreja no sentido mais profundo do termo.

Assim, pois, chegamos ao fim. Paulo envia sua própria saudação autografada na última página da carta que algum amanuense tinha escrito por ele. Pede-lhes que se cuidem de qualquer um que não ame a Cristo.

E logo escreve em aramaico a frase: "Maran atha", que provavelmente significa: "O Senhor está perto." É estranho encontrar-se com uma frase em aramaico numa carta escrita em grego para uma igreja grega. A explicação é que essa frase se converteu num lema e numa contra-senha. Resumia a esperança vital da Igreja primitiva, e os cristãos a sussurravam uns aos outros, identificavam-se entre si por meio dela, num idioma que os pagãos não podiam compreender.

As últimas duas coisas que Paulo envia aos irmãos em Corinto são: a graça de Cristo e seu próprio amor. Poderia ter tido a ocasião de advertir, reprovar, falar até com irritação justa, mas depois de dito e feito tudo, a última palavra é *amor*.